

CALENDÁRIOS POSITIVISTAS, CATÓLICOS,

ROMANOS

— E —

REPUBLICANO

.....

COORDENAÇÃO

— DE —

Geonísio Curvello de Mendonça



BIBLIOTECA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

BIBLIOTECA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

CALENDÁRIOS POSITIVISTAS, CATÓLICOS,

ROMANOS

— E —

REPUBLICANO

QUADROS DAS CONCEPÇÕES HUMANAS, DAS LEIS DE FILOSOFIA
PRIMEIRA, DAS FUNÇÕES CEREBRAIS OU DA ALMA HUMANA.

DUAS LIÇÕES SOBRE FILOSOFIA PRIMEIRA.

COMEMORAÇÕES:

A Humanidade.

Augusto Comte.

José Bonifácio (O Patriarca).

S. Francisco de Assis.

Festa Universal dos Mortos.

Coordenação de

Geonísio Curvello de Mendonça

UNIDADE - IFCH
N.º CHAMADA 1464
C128
V. _____ EX. _____
TOMBO BC/ 44511
ROC _____
C ☐ D ☐
PREÇO _____
DATA _____
N.º CPD M.H. 000093871

1.º CENTENÁRIO SUBJETIVO

— DE —

AUGUSTO COMTE



As memórias dos sinceros e dedicados positivistas:

José Mariano de Oliveira,

Joaquim Bagueira do Carmo Leal,

D. Luis Lagarrigue,

Ernesto de Otero,

João Montenegro Cordeiro,

Luis Bueno Horta Barbosa,

Frederico Bueno Horta Barbosa,

Malaquias Pereira da Silva e

Luciano Godofredo de Souza Pinto.

CALENDÁRIO ABSTRATO

EXPLICAÇÃO DE AUGUSTO COMTE

Antes de instituir o culto público, no qual a Humanidade se acha adorada diretamente, eu devo explicar o calendário que êle exige. Este preâmbulo sistematiza uma construção que, fundada durante o fetichismo, ficou necessariamente empírica até o aparecimento do positivismo.

Uma data é um dia definido pelo lugar que êle ocupa no conjunto do tempo decorrido a partir de uma era adotada. Se esta indicação fôsse direta e simples, exigiria números enormes, mesmo em relação à duração da vida pessoal e sobretudo, quanto à vida social. A designação deve, pois, como na numeração abstrata, ser indireta e composta, agrupando-se os dias, sem, contudo, empregar-se mais de três termos simultâneos, sob pena de causar confusão.

Entre êstes períodos, ao mesmo tempo artificiais e naturais, o menor foi o único adotado de modo unânime, em virtude das propriedades do número sete. O positivismo, explicando os atributos da semana, sistematiza esta instituição espontânea que remonta ao fetichismo, mesmo nômade.

Nossos antepassados fetichistas instituíram a coordenação dos tempos tirando do exterior os dois períodos superiores, tendo em vista os movimentos aparentes da lua e do sol. O primeiro prevaleceu espontaneamente no estado nômade, e o segundo sob a astrolatria propriamente dita, quando o sacerdócio esboçou sua avaliação.

Da discordância numérica dos dois movimentos, resultaram as duas instituições do calendário, lunar e solar, o ano se subordinando ao mês ou o mês ao ano. Qualquer que tenha sido o modo adotado, a ligação sempre foi determinada por intermédio do culto, ao qual já se incorporara a semana, desde a astrolatria.

Tendo em vista o culto, o positivismo estabelece a coordenação final, consagrando em primeiro lugar a preferência unânime dos Ocidentais pelo calendário solar, que combina diretamente os dois movimentos simultâneos do planeta humano. A teocracia fundou a harmonia geral dos dois períodos instituindo o tempo médio; e a transição ocidental a completou pela intercalação do bissexto, julio gregoriano. Adotando inteiramente a feliz concordância que resultou de uma ligeira alteração dos dois períodos naturais, a religião positiva a consagra por manifestar a subordinação fundamental do subjetivo ao objetivo, base universal do dogma final. De acôrdo com esta constituição ocidental do ano solar o conjunto das festas do Grão-Ser se reproduz com os principais fenômenos, primeiramente cosmológicos, depois biológicos, próprios ao meio planetário que êle melhora, respeitando-o. Nossos diversos antepassados tendo assim coordenado os dois períodos naturais, é preciso completar a instituição do calendário, estabelecendo uma harmonia suficiente entre os seus dois laços artificiais.

Tôda relação com a lua sendo eliminada, e o mês se tornando tão subjetivo como a semana, reconhece-se logo a necessidade de compô-lo sempre de quatro semanas, o que leva a dividir o ano em treze meses. O dia complementar que deve terminar cada ano não deverá trazer qualquer indicação ou

mensal e, bem assim, o dia adicional que o precede nos anos bissextos. Designando-os somente pelos nomes das festas a que se referem, obtém-se a perpetuidade do calendário positivista, no qual todos os meses, começando por um lunedia (segunda feira) terminam por um domingo.

A adoração íntima bastaria para motivá-lo, a fim de evitar a dolorosa flutuação que nossas recordações afetuosas experimentam muitas vezes pela discordância atual duas datas artificiais. Embora menos necessário ao culto doméstico, a concordância também é conveniente, por permitir recordar bem suas nove solenidades (nove sacramentos) sempre marcadas para os jovedias (quintas feiras). É, sobretudo, o conjunto das festas públicas que torna irrecusável a necessidade da principal inovação: a divisão do ano em treze meses.

Com efeito, é só este número que pode satisfazer as diversas necessidades do culto abstrato, que deve em primeiro lugar celebrar a natureza fundamental do Grão-Ser, depois sua preparação necessária e, finalmente, sua existência normal.

Sob o primeiro aspecto o mês inicial é consagrado à adoração sintética da Humanidade, por uma digna, subordinação dos seus diversos núcleos ao seu eterno conjunto. Esta celebração direta do laço público deve ser completada pela consagração especial de cada uma das suas relações privadas, sobre as quais repousará. Tais relações são em número de cinco: casamento, paternidade, filiação, fraternidade e domesticidade e, classificadas segundo a intimidade decrescente e a generalidade crescente, são consagrados nos cinco meses depois do primeiro.

O culto estático estando assim completo, o conjunto das celebrações dinâmicas exige três outros meses, especialmente consagrados às três fases essenciais da preparação humana: fetichista, politeísta e, finalmente, monoteísta.

A vista desta dupla base, os quatro últimos meses desenvolvem dignamente a adoração direta da verdadeira providência moral intelectual, material e geral, respectivamente confiada à mulher, ao sacerdócio, ao patriciado e ao proletariado.

É assim que os treze meses do ano positivista tornam-se indispensáveis à sociolatria para idealizar suficientemente a sociologia e a sociocracia.

Augusto Comte
(Sistema de Política Positiva)
Tomo IV, 131 e seguintes

O Amor por princípio,
e a Ordem por base;
O Progresso por fim.

QUADRO SOCIOLÓGICO
RESUMINDO EM 31 FESTAS ANUAIS
a adoração da HUMANIDADE

Viver para outrem:
(a Família, a Pátria,
a Humanidade.)

	1.º Dia do ano. Festa sintética do Grão-Ser.
1.º Mês. A HUMANIDADE	Festas hebdomadas da União social... { religiosa. histórica. nacional. comunal.
2.º Mês. O CASAMENTO	completo. casto. desigual. subjetivo.
3.º Mês. A PATERNIDADE	completa... { natural. artificial. incompleta... { espiritual. temporal.
4.º Mês. A FILIAÇÃO	As mesmas subdivisões.
5.º Mês. A FRATERNIDADE	Idem.
6.º Mês. A DOMESTICIDADE	permanente. { completa. incompleta. passageira... { A mesma subdivisão.
7.º Mês. O FETICHISMO	espontâneo... { nômade. (Festa dos Animais.) sedentário. (Festa do Fogo.) sistemático... { sacerdotal. (Festa do Sol.) militar. (Festa do Ferro.)
8.º Mês. O POLITEÍSMO	conservador. { (Festa das Castas.) estético. (Homero, Eschilo, Fídias.) intelectual... { Tales, Pitágoras, Aristoteles, Hipócrates, Arquímedes, Apolônio, Hiparco. (Salamina) teórico... { social... { (Sipião, César, Trajano.)
9.º Mês. O MONOTEÍSMO	teocrático... { (Abraão, Moisés, Salomão.) (São Paulo.) (Carlos Magno.) (Alfredo.) católico... { (Hilibrando.) (Godofredo.) (São Bernardo.) islamico... { (Mahomé.) (Lepanto) metafísico... { (Dante.) (Descartes.) (Frederico.)
10.º Mês. A MULHER	mãe. esposa. filha. irmã.
11.º Mês. O SACERDÓCIO	preparatório. (Festa da Ciência.) incompleto... { (Festa da Arte.) definitivo... { secundário. principal. (Festa dos Anciãos)
12.º Mês. O PATRICIADO	banco. (Festa dos Cavalheiros.) comércio. fabricação. agricultura.
13.º e último Mês. O PROLETARIADO	ativo. (Festa dos Inventores: Gutenberg, Colombo, Vaucanson, Watt, Montgolfier.) afetivo. contemplativo. passivo. (S. Francisco de Assis.)
Dia complementar	Festa universal dos MORTOS.
Dia bissexto	Festa geral das MULHERES SANTAS.

Neste quadro, Augusto Comte incluiu vinte e uma festas concretas.

CALENDÁRIO CONCRETO

EXPLICAÇÃO DE AUGUSTO COMTE

O princípio revolucionário consistindo sobretudo na rutura da continuidade, o positivismo deve, hoje, começar seu ofício social sistematizando a comemoração pública, igualmente desconhecida de todas as escolas atuais. Eis porque, sem esperar pela terminação do presente tratado, eu me esforcei para inaugurar a transição orgânica construindo o Calendário positivista, cujo sucesso atesta a oportunidade de uma tal iniciativa. Desde a primeira das suas quatro edições, publicada em 1849, eu expliquei seu destino provisório, limitado ao século excepcional, para preparar o culto abstrato da Humanidade.

Eu instituo a glorificação concreta do Grão-Ser combinando os graus de celebração, em relação aos melhores tipos pessoais, mensais, hebdomadários e diários da preparação humana, desde a teocracia inicial até o começo da crise final. Só o fetichismo fica aí desprovido de comemoração especial, porque ele nunca pôde fornecer nomes. A sua incorporação definitiva ao positivismo, porém, se acha de tal modo indicada nas festas da transição orgânica que esta lacuna forçada não poderia suscitar qualquer injustiça com a fonte necessária de toda evolução humana.

Para cada grau da idealização do passado, a sucessão cronológica fixa, sem incerteza, a posição de um tipo qualquer; assim, as festas poderiam sempre designar as datas

Os melhores servidores do Grão-Ser se acham glorificados fornecendo os nomes dos treze meses do ano positivista. Desde a segunda edição, publicada em 1850, eu introduzi no opúsculo especial, esta nomenclatura necessária, agora consagrada por um uso decisivo. Este sucesso me conduz a resolver aqui a questão relativa aos nomes definitivos dos meses normais, aos quais, acredito, deverá se estender a instituição fundada para a transição. Embora concreta, esta nomenclatura oferece uma tal generalidade que convém ao culto abstrato, como fiz com os dias da semana (propondo a recordação de: Homero, Aristóteles, César, S. Paulo, Carlos Magno, Dante e Descartes).

O mesmo não deve acontecer com a era positiva, que, até o fim da transição orgânica, deverá ser colocada no começo da crise final (1789).

O estado normal não pode conservar uma era que recorda uma explosão anárquica logo seguida de uma longa retrogradação. A era positiva normal deve ser fixada em 1855, data do estabelecimento do Positivismo.

BIBLIOTECA POSITIVISTA, COMPLEMENTO DO CALENDÁRIO CONCRETO EXPLICAÇÃO DE AUGUSTO COMTE

A natureza dos tipos da maior parte do calendário histórico deve conduzir o sacerdócio a completar esta instituição, propondo um sistema de leituras em harmonia com a transição orgânica. A maior parte das celebrações sendo relativa a poetas, filósofos e sábios, o público não pode glorificá-los sem querer conhecer suas obras, as quais, contudo, nem sempre serão convenientes. Por outro lado, os autores excluídos do culto provisório podem ser julgados como não devendo ser lidos, o que seria muitas vezes injusto e, mesmo prejudicial...

E' preciso, pois, regular um pendor tornado não menos abusivo do que universal. Tal é o objeto do apêndice próprio do volume que acabo.

Limitando-nos às verdadeiras obras-primas, a transição orgânica se achará secundada por um comércio familiar com os melhores tipos da preparação humana. Uma experiência decisiva me leva a recomendar sobretudo a leitura quotidiana do sublime esbôço de A Kempis (A Imitação de Cristo) e da incomparável epopéia de Dante. Há mais de sete anos, leio, pela manhã, um capítulo de um e, à noite, um canto de outra, sem cessar de descobrir encantos ainda não percebidos, daí retirando novos frutos intelectuais e morais.

Augusto Comte
Sistema de Política Positiva
Tomo IV, 405, 406, 407

IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL

Ordem e Progresso

Viver às claras

Viver para outrem

AUGUSTO COMTE

CALENDÁRIO POSITIVISTA

PARA UM ANO QUALQUER

— OU —

Quadro Concreto da Preparação Humana

TRADUZIDO COM A CORRESPONDÊNCIA DO CALENDÁRIO USUAL

POR

Miguel Lemos

ADVERTÊNCIA

(Da 1.^a edição em Abril de 1890) (1)

O calendário positivista divide-se em treze meses iguais de 28 dias ou quatro semanas cada um, e mais um dia complementar, o último do ano, consagrado à comemoração geral dos mortos. Nos anos bissextos ajuntam-se a este mais um dia, que Augusto Comte dedicou às mulheres santas.

A era provisória positivista, atualmente em uso começa a 1.^o de janeiro de 1789. (2)

As iniciais *L, M, M, J, e V*, colocadas diante dos cinco primeiros dias de cada semana, referem-se aos novos nomes propostos por mim a fim de harmonizar neste ponto a nossa língua com as instituições do culto positivista. Esses novos nomes, imitados dos correspondentes da língua italiana, são: *Lunedia Martedia, Mercuridia, Jovedia e Venerdia*. Nas notas de minha tradução do *Catecismo Positivista* encontrará o leitor os fundamentos desta inovação necessária.

Os nomes inscritos em itálico designam adjuntos que, nos anos bissextos, substituem os tipos correspondentes.

A explicação do nosso calendário histórico pode ser lida nas seguintes obras de Augusto Comte: *Système de Politique Positive*, Tomo IV, p. 398; *Appel aux Conservateurs* p. 115. (3)

Vejase também o nosso pequeno volume: *O Calendário Positivista, seguido da Biblioteca Positivista, e precedido de indicações gerais sobre o Positivismo, traduzidos do inglês de Henry Edger*.

MIGUEL LEMOS

Diretor do Apostolado Positivista do Brasil
(Rua Santa Isabel, 6.) (4)

N. em Niterói, a 25 de novembro de 1854.

(1) — Esta 3.^a edição foi feita conforme a original e as modificações feitas pelo Autor nas traduções do calendário, constantes das publicações ns. 99 e 208 bis.

(2) — A era supra deverá ser conservada até o fim da transição orgânica, “porque importa que todos os ocidentais possam medir, habitualmente o curso da crise final” (*Politica Positiva*, t. 4.^o, ps. 399-400; citado por Miguel Lemos em nota, na tradução do *Catecismo Positivista*; 4.^a ed., pág. 493). A era definitiva, para o estado normal, começa a 1.^o de Janeiro de 1855, 66 anos depois da provisória.

“O Positivismo religioso começou, realmente, em nossa preciosa entrevista inicial do venerdia 16 de Maio de 1845, quando meu coração proclamou, inopinadamente, perante tua família maravilhada, a setença característica (não se pode pensar sempre, mas se pode amar sempre) que, completada, se tornou a divisa especial de nossa grande composição (a *Politica Positiva*). (Augusto Comte. Testamento, 5.^a Confissão, pág. 146).

(3) — A primeira redação do calendário histórico foi feita a 28 de Novembro de 1848; sua 1.^a edição é de abril de 1849. (Vêde “O Ano Sem Par”; por R. Teixeira Mendes; 1900; páginas 963 e 964).

(4) — Atualmente rua Benjamin Constant, 116.

— 1 —

Est. Positivista	PRIMEIRO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	MOISÉS			
	A TEOCRACIA INICIAL		Ano com.	Ano bis.
L.	1	Prometeu..... Cadmo.	1	1
M.	2	Hércules..... Tezeu.	2	2
M.	3	Orfeu..... Tirézias.	3	3
M.	4	Ulisses.....	4	4
J.	5	Licurgo.....	5	5
V.	6	Rômulo.....	6	6
S.	7	N U M A.....	7	7
L.	8	Bel..... Semíramis.	8	8
M.	9	Sezóstris.....	9	9
M.	10	Manú.....	10	10
J.	11	Ciro.....	11	11
V.	12	Zoroastro.....	12	12
S.	13	Os Druidas..... Ossian.	13	13
D.	14	B U D A.....	14	14
L.	15	Fu-Hi.....	15	15
M.	16	Lau-Tseu.....	16	16
M.	17	Meng-Tseu.....	17	17
J.	18	Os teocratas do Tibéto.....	18	18
V.	19	Os teocratas do Japão.....	19	19
S.	20	Manco-Capac Kamebaméba.	20	20
D.	21	C O N F U C I O.....	21	21
L.	22	Abraão..... José.	22	22
M.	23	Samuel.....	23	23
M.	24	Salomão..... Davi.	24	24
J.	25	Isaias.....	25	25
V.	26	São João Batista.....	26	26
S.	27	Harun-al-Raschid bAderman III.	27	27
D.	28	M A O M É.....	28	28

— 3 —

Est. Positivista	TERCEIRO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	ARISTÓTELES			
	A FILOSOFIA ANTIGA		Ano com.	Ano bis.
L.	1	Anaximandro.....	26	26
M.	2	Anaximenes.....	27	27
M.	3	Heráclito.....	28	28
J.	4	Anaxágoras.....	1	29
V.	5	Demócrito..... Leucipo.	2	1
S.	6	Heródoto.....	3	2
D.	7	T A L E S.....	4	3
L.	8	Solon.....	5	4
M.	9	Xenofanes.....	6	5
M.	10	Empédocles.....	7	6
J.	11	Tucídides.....	8	7
V.	12	Arquitas..... Filolaus.	9	8
S.	13	Apolônio de Tiana.....	10	9
D.	14	P I T Á G O R A S.....	11	10
L.	15	Aristipo.....	12	11
M.	16	Antístenes.....	13	12
M.	17	Zeno.....	14	13
J.	18	Cícero..... Plínio o Moço.	15	14
V.	19	Epiteto..... Arriano.	16	15
S.	20	Tácito.....	17	16
D.	21	S Ó C R A T E S.....	18	17
L.	22	Xenócrates.....	19	18
M.	23	Filon de Alexandria.....	20	19
M.	24	São João Evangelista.....	21	20
J.	25	São Justino..... Santo Irineu.	22	21
V.	26	São Clemente de Alexandria.	23	22
S.	27	Orígenes..... Tertuliano.	24	23
D.	28	P L A T A O.....	25	24

— 2 —

Est. Positivista	SEGUNDO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	HOMERO			
	A POESIA ANTIGA		Ano com.	Ano bis.
L.	1	Heziodo.....	29	29
M.	2	Tirteo..... Safo.	30	30
M.	3	Anacreonte.....	31	31
J.	4	Píndaro.....	1	1
V.	5	Sófocles..... Eurípedes.	2	2
S.	6	Teócrito..... Longo.	3	3
D.	7	É S Q U I L O.....	4	4
L.	8	Scópas.....	5	5
M.	9	Zéuxis.....	6	6
M.	10	Ictino.....	7	7
J.	11	Praxiteles.....	8	8
V.	12	Lízipo.....	9	9
S.	13	Apéles.....	10	10
D.	14	F Í D I A S.....	11	11
L.	15	Ezopo..... Pilpai.	12	12
M.	16	Plauto.....	13	13
M.	17	Terêncio..... Menandro.	14	14
J.	18	Pédro.....	15	15
V.	19	Juvenal.....	16	16
S.	20	Luciano.....	17	17
D.	21	A R I S T Ó F A N E S.....	18	18
L.	22	Enio.....	19	19
M.	23	Lucrécio.....	20	20
M.	24	Horácio.....	21	21
J.	25	Tíbulo.....	22	22
V.	26	Ovidio.....	23	23
S.	27	Lucano.....	24	24
D.	28	V I R G Í L I O.....	25	25

— 4 —

Est. Positivista	QUARTO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	ARQUIMEDES			
	A CIÊNCIA ANTIGA		Ano com.	Ano bis.
L.	1	Teofrasto.....	26	25
M.	2	Herófilo.....	27	26
M.	3	Eratóstrato.....	28	27
J.	4	Célio.....	29	28
V.	5	Galeno.....	30	29
S.	6	Avicena..... Averróes.	31	30
D.	7	H I P Ó C R A T E S.....	1	31
L.	8	Euclides.....	2	1
M.	9	Aristeu.....	3	2
M.	10	Teodózio de Bitínia.....	4	3
J.	11	Heron..... Ctezibio.	5	4
V.	12	Pápus.....	6	5
S.	13	Diofante.....	7	6
D.	14	A P O L Ó N I O.....	8	7
L.	15	Eudócio..... Arato.	9	8
M.	16	Piteas..... Nearco.	10	9
M.	17	Aristarco..... Berozo.	11	10
J.	18	Eratóstenes..... Sozigenes.	12	11
V.	19	Ptolomeu.....	13	12
S.	20	Albatênio..... Nassir-Edin.	14	13
D.	21	H I P A R C O.....	15	14
L.	22	Varro.....	16	15
M.	23	Columéla.....	17	16
M.	24	Vitrúvio.....	18	17
J.	25	Strabo.....	19	18
V.	26	Frontino.....	20	19
S.	27	Plutarco.....	21	20
D.	28	P L Í N I O, o Velho.....	22	21

— 13 —

Est. Postivista	QUINTO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	CÉSAR		Ano com.	Ano bis.
	A CIVILIZAÇÃO MILITAR			
L. 1	Milcíades	23	22	
M. 2	Leônidas	24	23	
M. 3	Aristides	25	24	
J. 4	Cimon	26	25	
V. 5	Xenofonte	27	26	
S. 6	Foclon Epaminondas.	28	27	
D. 7	TEMÍSTOCLES	29	28	
L. 8	Pérgies	30	29	
M. 9	Filipe	1	30	
M. 10	Demóstenes	2	1	
J. 11	Ptolomeu Lago	3	2	
V. 12	Filopémen	4	3	
S. 13	Políbio	5	4	
D. 14	ALEXANDRE	6	5	
L. 15	Júlio Bruto	7	6	
M. 16	Camilo Cincinato.	8	7	
M. 17	Fabrio Régulo.	9	8	
J. 18	Anibal	10	9	
V. 19	Paulo-Emílio	11	10	
S. 20	Mário Os Gracos.	12	11	
D. 21	SÍPIÃO	13	12	
L. 22	Augusto Mecenas.	14	13	
M. 23	Vespaáziano Tito.	15	14	
M. 24	Adriano Nerva.	16	15	
J. 25	Antonino Marco-Auréli.	17	16	
V. 26	Papiniano Ulpiano.	18	17	
S. 27	Alexandre Severo Aécio.	19	18	
D. 28	TRAJANO	20	19	

Est. Postivista	SETIMO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	CARLOS MAGNO		Ano com.	Ano bis.
	A CIVILIZAÇÃO FEUDAL			
L. 1	Teodorico, o Grande	18	17	
M. 2	Pelaio	19	18	
M. 3	Oto o Grande Henrique o Pas-	20	19	
J. 4	Santo Henrique [sarinheiro.	21	20	
V. 5	Villiers La Vallete.	22	21	
S. 6	D. João de Lepanto. João So-	23	22	
D. 7	ALFREDO [bieski.	24	23	
L. 8	Carlos Martel	25	24	
M. 9	O Cid Tancredo.	26	25	
M. 10	Ricardo Saladino.	27	26	
J. 11	Joana d'Arc Marina.	28	27	
V. 12	Albuquerque Walter Raleigh.	29	28	
S. 13	Balaro	30	29	
D. 14	GODOFREDO	1	30	
L. 15	São Leão, o Grande. Leão IV.	2	1	
M. 16	Gerbert Pedro Damião.	3	2	
M. 17	Pedro, o Eremita	4	3	
J. 18	Suger Santo Elói.	5	4	
V. 19	Alexandre III. Tomás Becket.	6	5	
D. 21	INOCÊNCIO III	8	7	
L. 22	Santa Clotilde	9	8	
M. 23	Santa Batilde. Matilde de Toscana.	10	9	
M. 24	Santo Estêvão de Hungria. M.	11	10	
J. 25	Sta. Isabel de Hungria. Corvino	12	11	
V. 26	Branca de Castela	13	12	
S. 27	São Fernando III. Afonso X.	14	13	
D. 28	SÃO LUÍS	15	14	

Est. Postivista	SEXTO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	SÃO PAULO		Ano com.	Ano bis.
	O CATOLICISMO			
L. 1	São Lucas	São Tiago.	21	
M. 2	São Cipriano		22	
M. 3	Santo Atanázio		23	
J. 4	São Jerônimo		24	
V. 5	Santo Ambrósio		25	
S. 6	Santa Mônica		26	
D. 7	Sto. AGOSTINHO		27	
L. 8	Constantino		28	
M. 9	Teodósio		29	
M. 10	São Crizóstomo	São Bazilio.	30	
J. 11	Santa Pulqueria	Sarciano.	31	
V. 12	Santa Genovéa de Paris		1	
S. 13	São Gregório Magno		2	
D. 14	HILDEBRANDO		3	
L. 15	São Bento	Santo Antônio.	4	
M. 16	São Bonifácio	Santo Austino.	5	
M. 17	Sto. Izidoro de Sev. S. Bruno.		6	
J. 18	Lanfranc	Santo Anselmo.	7	
V. 19	Heloiza	Beatriz.	8	
S. 20	Arg. da I. Média	S. Benezet.	9	
D. 21	SÃO BERNARDO		10	
L. 22	S. F. Xavier Inácio de Loiola.		11	
M. 23	S. C. Borrom Fred. Morromeu		12	
M. 24	Sta. Teresa. Sta. Catarina de Siena.		13	
J. 25	S. Vicente de Paulo O.P. De l'Epée.		14	
V. 26	Bourdoulou Cláudio Fleury.		15	
S. 27	G. Penn J. Fox.		16	
D. 28	BOSSUET		17	

Est. Postivista	OITAVO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	DANTE		Ano com.	Ano bis.
	A EPOPEIA MODERNA			
L. 1	Os Trovadores		16	
M. 2	Bocácio Chaucer.		17	
M. 3	Rabelais Swift.		18	
J. 4	Cervantes		19	
V. 5	Lafontaine Roberto Burns.		20	
S. 6	Defoe Goldsmith.		21	
D. 7	ARIOSTO		22	
L. 8	Leonardo da Vinci. Ticiano.		23	
M. 9	Mig. Angelo. Paulo Veronese.		24	
M. 10	Hoibein Rembrandt.		25	
J. 11	Poussin Lesueur.		26	
V. 12	Velásquez Murilo.		27	
S. 13	Tieners Rubens.		28	
D. 14	RAFAEL		29	
L. 15	Froissart Joinville.		30	
M. 16	Camões Spenser.		31	
M. 17	Os Romanceros espanhóis		1	
J. 18	Chateaubriand		2	
V. 19	Walter-Scott Fen. Cooper.		3	
S. 20	Manzoni		4	
D. 21	TASSO		5	
L. 22	Petrarca (e Bunyan.		6	
M. 23	Tomás de Kempis. L. de Granada.		7	
M. 24	Mme. de Lafayette. Mme. de Staël.		8	
J. 25	Fénélon S. Francisco de Sales.		9	
V. 26	Klopstock Gessner.		10	
S. 27	Byron Eliza Merceur e Shelley.		11	
D. 28	MILTON		12	

Est. Postivista	NONO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	OUTENBERG		Ano com.	Ano bis.
	A INDÚSTRIA MODERNA			
L. 1	Marco-Pólo	Chardin.	13	12
M. 2	Diogo Cœur	Grescham.	14	13
M. 3	Cook	Tasman.	15	14
J. 4	Lacaille	Delambre.	16	15
V. 5	Napier	Briggs.	17	16
S. 6	Gama	Magalhães.	18	17
D. 7	COLOMBO		19	18
L. 8	Benevenuto Cellini		20	19
M. 9	Amontons	Wheatstone.	21	20
M. 10	Harrison	Pedro Leroy.	22	21
J. 11	Dolond	Graham.	23	22
V. 12	Arkwright	Jacquart.	24	23
S. 13	Conté		25	24
D. 14	VAUCANSON		26	25
L. 15	Stevin	Torricelli.	27	26
M. 16	Mariotte	Boyle.	28	27
M. 17	Papin	Worcester.	29	28
J. 18	Black		30	29
V. 19	Jouffroy	Fulton.	31	30
S. 20	Dalton	Tbiliorier.	1	31
D. 21	WATT		2	
L. 22	Bernardo de Palissy		3	2
M. 23	Guiglielmini	Riquet.	4	3
M. 24	Duhamel (du Monceau) Bourgelat		5	4
J. 25	Saussure	Bouguer.	6	5
V. 26	Coulomb	Borda.	7	6
S. 27	Carnot	Vauban.	8	7
D. 28	MONTGOLFIER		9	8

Est. Postivista	UNDÉCIMO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	DESCARTES		Ano com.	Ano bis.
	A FILOSOFIA MODERNA			
L. 1	Alberto, o Grande J. de Saltsbury		8	7
M. 2	Rogério Bacon Raimundo Lúlio		9	8
M. 3	São Boaventura Joaquim.		10	9
J. 4	Ramus O Cardeal de Cuza.		11	10
V. 5	Montaigne Erasmo.		12	11
S. 6	Campanella Morus.		13	12
D. 7	SÃO TOMÁS DE AQUINO		14	13
L. 8	Hobbes	Spinóza.	15	14
M. 9	Pascal	Giordano Bruno.	16	15
M. 10	Locke	Malebranche.	17	16
J. 11	Vauvenargues Mme. Lambert.		18	17
V. 12	Diderot	Duclos.	19	18
S. 13	Cabanis	Jorge Leroy.	20	19
D. 14	BACON		21	20
L. 15	Grócio	Cujácio.	22	21
M. 16	Fontenelle	Maupertuis.	23	22
M. 17	Vico	Herder.	24	23
J. 18	Freret	Winckelmann.	25	24
V. 19	Montesquieu	d'Aguesseau.	26	25
S. 20	Buffon	Oken.	27	26
D. 21	LEIBNITZ		28	27
L. 22	Robertson	Gibbon.	29	28
M. 23	Adão Smith	Dunoyer.	30	29
M. 24	Kant	Fichte.	31	30
J. 25	Condorcet	Fergusson.	1	31
V. 26	Jozé de Maistre	De Bonald.	2	1
S. 27	Hegel	Sofia Germain.	3	2
D. 28	HUME		4	3

Est. Postivista	DÉCIMO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	SHAKESPEARE		Ano com.	Ano bis.
	O DRAMA MODERNO			
L. 1	Lope de Vega	Montalvan.	10	9
M. 2	Moreto	Guillen de Castro.	11	11
M. 3	Rojas	Guevara.	12	11
J. 4	Otway		13	12
V. 5	Lessing		14	13
S. 6	Goethe		15	14
D. 7	CALDERON		16	15
L. 8	Tirso		17	16
M. 9	Vondel		18	17
M. 10	Racine		19	18
J. 11	Voltaire		20	19
V. 12	Metastasio	Alfieri.	21	20
S. 13	Schiller		22	21
D. 14	CORNEILLE		23	22
L. 15	Alarcon		24	23
M. 16	Mme. de Motteville Mme. Roland.		25	24
M. 17	Mme. de Sevigné Ladx Montague.		26	25
J. 18	Lesage	Sterne.	27	26
V. 19	Mme. de Staal		28	27
S. 20	Fielding	Richardson.	29	30
D. 21	MOLIERE		30	29
L. 22	Pergoleso	Palestrina.	1	30
M. 23	Sacchini	Grétry.	2	1
M. 24	Gluck	Lulli.	3	2
J. 25	Beethoven	Handel.	4	3
V. 26	Rossini	Weber.	5	4
S. 27	Bellini	Donizetti.	6	5
D. 28	MOZART		7	6

Est. Postivista	DUODÉCIMO MÊS		ESTILO GRE-GORIANO	
	FREDERICO		Ano com.	Ano bis.
	A POLÍTICA MODERNA			
L. 1	Maria de Molina		5	4
M. 2	Cosme de Medicis, o Velho		6	5
M. 3	Filipe de Comines Guicciardini		7	6
J. 4	Isabel de Castela		8	7
V. 5	Carlos V		9	8
S. 6	Henrique IV		10	9
D. 7	LUIS XI		11	10
L. 8	L'Hôpital		12	11
M. 9	Barneveldt		13	12
M. 10	Gustavo Adolfo		14	13
J. 11	Wott		15	14
V. 12	Ruyter		16	15
S. 13	Guilherme III		17	16
D. 14	GUILHERME, o Taciturno		18	17
L. 15	Ximenes		19	18
M. 16	Sully	Oxenstiern.	20	19
M. 17	Mazarino	Walpole.	21	20
J. 18	Colbert	Luis XIV.	22	21
V. 19	Aranda	Pombal.	23	22
S. 20	Turgot	Campomanes.	24	23
D. 21	RICHELIEU		25	24
L. 22	Sdney	Lambert.	26	25
M. 23	Franklin	Hampden.	27	26
M. 24	Washington	Kosciusko.	28	27
J. 25	Jefferson	Madison.	29	28
V. 26	Bolívar Toussaint-Louverture.		30	29
S. 27	Frância		1	30
D. 28	CROMWELL		Dez. 2	1

CONFERÊNCIAS PÚBLICAS

— N O —

TEMPLO DA HUMANIDADE

Rio de Janeiro. Rua Benjamin Constant, 74
Todos os domingos às 10 horas: explicação do
Catecismo Positivista de Augusto Comte e suas
concepções posteriores; e nas datas seguintes:

1 de Janeiro. Festa da Humanidade.
19 de Janeiro. Festa de Rozália Boyer; Nas-
cimento de Augusto Comte.
5 de Abril. Morte de Clotilde de Vaux.
21 de Abril. Comemoração de Tiradentes.
3 de Maio. Descoberta do Brasil; comem-
oração dos antecedentes portugue-
ses e indígenas.

4 de Maio. Comemoração de Jorge Lagarri-
gue, T. Carson, R. Congreve, A.
Crompton e outros apóstolos
positivistas falecidos.
13 de Maio. Abolição da escravidão no Bra-
sil, comemoração do concurso
da raça negra, e glorificação
de Toussaint Louverture.

14 de Julho. Revolução Francesa.
15 de Agosto. Comemoração de Sofia Bliaux;
Morte de Augusto Comte.

7 de Setembro. Independência do Brasil; glo-
rificação de José Bonifácio.

8 de Outubro.* Festa de Clotilde e Augusto
Comte.

12 de Outubro. Descoberta da América; festa
de Colombo.

15 de Novembro. Fundação da República no Bra-
sil, e glorificação de Benjamin
Constant.

31 de Dezembro. Festa universal dos Mortos.*

* Nos anos bissextos, a comemoração é feita no
dia anterior, sendo o dia 31 de Dezembro, consa-
grado à Festa geral das Santas Mulheres. (op. 418).

Esta página, assim como as notas, são desta
edição. Venâncio F. Neiva.

Est. Positivista	DÉCIMO TERCEIRO MÊS		ESTILO GRE- GORIANO	
	BICHAT		Ano com.	Ano bis.
	A CIÊNCIA MODERNA			
L.	1	Copérnico Tycho-Brahe.	3	2
M.	2	Kepler Halley.	4	3
M.	3	Huyghens Varignon.	5	4
J.	4	Diogo Bernouilli J. Bernouilli.	6	5
V.	5	Bradley Roemer.	7	6
S.	6	Volta Sauvcur.	8	7
D.	7	G A L I L E U	9	8
L.	8	Viete Harriott.	10	9
M.	9	Wallis Fermat.	11	10
M.	10	Clairaut Poinot.	12	11
J.	11	Euler Monge.	13	12
V.	12	D'Alembert Daniel Bernouilli.	14	13
S.	13	Lagrange Jozé Fourier.	15	14
D.	14	N E W T O N	16	15
L.	15	Bergman Scheele.	17	16
M.	16	Priestley Davy.	18	17
M.	17	Cavendish Geoffroy.	19	18
J.	18	Guyton-Morveau ..	20	19
V.	19	Berthollet Ritter.	21	20
S.	20	Berzélio Ritter.	22	21
D.	21	L A V O I S I E R	23	22
L.	22	Harvey C. Bell.	24	23
M.	23	Boërhaave .. Stal e Barthez.	25	24
M.	24	Lineu .. Bernardo de Jussieu.	26	25
J.	25	Haller Vicq-d'Azyr.	27	26
V.	26	Lamarck Blainville.	28	27
S.	27	Broussais Morgagni.	29	28
D.	28	G A L L	30	29
Dia complementar. Festa universa l			31	30
dos MORTOS				
Dia bissexto. Festa geral das SAN-				
TAS MULHERES			31	31

APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

ESTRATO DO CATÁLOGO DAS PUBLICAÇÕES

Op. 99 — Catecismo Positivista; por Augusto Comte.
Op. 194 — Apêlo aos Conservadores; por Augusto Comte.

— |||| —

Op. 84 — O calendário positivista e o Ministro da Fazenda; por Miguel
Lemos.

Op. 120 — Benjamin Constant; por R. Teixeira Mendes

Op. 149 — Defesa dos feriados nacionais; por Miguel Lemos.

Op. 179 — Augusto Comte; por Lonchampt; tradução e notas de Miguel
Lemos.

Op. 190 — O Calendário positivista. Indicações sobre a teoria positiva do
calendário; por R. Teixeira Mendes.

208 bis — Calendário e biblioteca positivistas; por Miguel Lemos.

2 de 1926 — A abolição da escravidão no Brasil; por R. Teixeira Mendes.

21. Diversos — O Ano sem par de Clotilde e Augusto Comte); por R. Teixeira
Mendes.

BIBLIOTECA POSITIVISTA

ou

Sistema de leituras aconselhadas por AUGUSTO COMTE

1.º — POESIA (trinta vols.)

Homero. A Iliada, e a Odisséa. — *Esquilo*. Tragédias. — *Sófocles*. Edipo-Rei.
— *Aristófanes*. Comédias. — *Píndaro*. Odes. — *Teócrito*. Idílios. — *Longo*. Dáfnis
e Cloé. — *Plauto*. Comédias. — *Terêneo*. Comédias. — *Virgílio*. Obras completas.
— *Horácio*. Obras escolhidas. — *Lucano*. — *A Farsália*. — *Ovídio*. Obras escolhidas.
Tíbulo. Obras. — *Juvenal*. Sátiras. — *Fabliaux du Moyen-Age*, por Legrand d'Aussy.
— *Dante*. A Divina Comédia — *Ariosto*. Orlando furioso. — *Tasso*. Jerusalém
Libertada. — *Petrarca*. Poesias escolhidas. — *Metastásio*. Teatro escolhido. —
Manzoni. Os Noivos — *Cervantes*. D. Quixóte. Novelas exemplares. — *Teatro*
Espanhol escolhido. coleção editada por D. Jozé Segundo Flores (em espanhol).
— *Romanceiro Espanhol* escolhido, compreendendo o *Poema do Cid*. — *Corneille*.
Teatro escolhido. — *Molière*. Obras completas. — *Racine*. Teatro escolhido. —
Voltaire. Teatro escolhido. — *La Fontaine*. Fábulas. — *Lamotte* — Fábulas es-
colhidas. — *Florian*. Idem. — *Lesage*. Gil-Brás — *Mme. de Lafayette*. A Princesa
Clèves — *Bernardin de St. Pierre*. Paulo e Virginia. — *Chateaubriand*. Último
Abencerrage. Os Mártires. — *Shakespeare*. Teatro escolhido. — *Milton*. O Paraíso
Perdido e as Poesias Líricas. — *De Foe*. Robinson Crusoe. — *Goldsmith*. O Vigário
de Wakefield. — *Fielding*. Tom Jones. — *Walter Scott*. As suas sete obras-primas:
Ivanhoé. Waverley. A formosa Donzela de Perth. O Oficial de Fortuna (Legenda
de Montrose). Os Puritanos. A Prisão de Edimburgo. O Antiquário. — *Byron*.
Obras escolhidas (suprimindo nomeadamente o D. Juan). — *Goethe* — Obras
escolhidas. — *As Mil e Uma Noites*.

2.º — CIÊNCIA (trinta vols.)

Condorcet. Arimética. — *Clairaut*. Álgebra e Geometria. — *Lacroix* ou *Legen-
dre*. Trigonometria. — *Descartes*. Geometria. — *A. Comte*. Geometria Analítica. —
Poinot. A Estática. seguida de tôdas as memórias do mesmo autor sobre mecânica.
— *Carnot*. Reflexões sobre o cálculo infinitesimal. — *Navier*. Curso de Análise.
Curso de Mecânica. — *Carnot*. Ensaio sobre o equilíbrio e o movimento. — *La-
grange*. A Teoria das Funções. — *A. Comte*. A Astronomia Popular. — *Fontenelle*.
Pluralidade dos Mundos. — *Fischer*. Física Mecânica, traduzida e anotada por
Biot. — *John-Carr*. Manual Alfabético de Filosofia Prática. — *Lavoisier* Química.
— *Berthollet*. Estática Química. — *Graham*. Elementos de Química. — *Meckel*.
Manual de Anatomia. — *Bichat*. Tratado sobre a vida e a morte. Anatomia Geral.
— *Blainville*. Organização dos animais. 1.º volume (único pub.). — *Richerand*.
Fisiologia, anotada por Bérard. — *Segond*. Ensaio sistemático sobre a Biologia.
Anatomia Geral. — *Barthez*. Novos Elementos da Ciência do Homem (2.ª ed. 1806).
— *Lamarck*. Filosofia Zoológica. — *Duméril*. História Natural. — *Guglielmini*.
Tratado sobre a natureza dos rios. — *Buffon* Discursos sobre a natureza dos ani-
mais. — *Hipócrates*. Tratado sobre os ares, as águas, e as localidades. — *Hufeland*.
Arte de prolongar a vida humana. — *Cornaro*. Discurso sobre a Sobriedade. —
Hipócrates. Aforismos. — *Broussais*. Proposições de Medicina. História das Fleg-
mazias Crônicas. — *Fontenelle*. Elogios dos Cientistas. — *Condorcet*. Idem.

3.º — HISTÓRIA (sessenta vols.)

Malte-Brun. Resumo de Geografia Universal. — *Rienzi*. Dicionário Geográfico. — *Cook*. Viagens. — *Chardin*. Viagem na Pérsia. — *Mignet*. História da Revolução Francesa. — *Heeren*. Manual da História Moderna. — *Voltaire*. Século de Luiz XIV. — *Mme. de Moteville*. Memórias. — *Richelleu*. Testamento Político. — *Vida de Cromwell*. — *Davila*. História das Guerras Civis de França. — *B. Cellini*. Memórias. — *Comines*. Memórias. — *Bossuet*. Resumo da História de França. *Denina*. Revoluções da Itália. — *Ascargota*. História de Espanha. — *Robertson*. História de Carlos V. — *Hume*. História de Inglaterra. — *Hallam*. Europa durante a Idade-Média. — *Fleury*. História Eclesiástica. — *Gibbon*. História da Decadência Romana. — *Heeren*. Manual da História Antiga. — *Tácito* completo. — *Heródoto*. História. — *Tucídides*. História da guerra do Peloponezo. — *Plutarco*. Vidas dos homens ilustres. — *César*. Comentários. — *Arriano*. Expedições de Alexandre. — *Barthélemy*. Viagem de Anacarsis. — *Winckelmann*. História da Arte entre os Antigos. — *Leonardo de Vinci*. Tratado da Pintura. — *Gletry*. Memórias sobre a Música.

4.º — SÍNTESE (trinta vols.)

Aristóteles. Política e Moral. — *Bíblia* completa. — *Alcorão* completo. — *Santo Agostinho*. A Cidade de Deus. Confissões. — *S. Bernardo*. Tratado sobre o amor de Deus. — *Tomás de Kempis*. Imitação de J. C. (o original latino com a tradução em verso de Cornélie). — *Bossuet*. Exposição da doutrina católica. — *Catecismo de Montpellier*. — *Santo Agostinho*. Comentário sobre o Sermão da Montanha. — *Bossuet*. História das Variações Protestantes. — *Bacon*. Novum Organum. — *Descartes*. Discurso sobre o Método. — *Diderot*. Interpretação da Natureza. — *Cícero*. Pensamentos escolhidos. — *Epiteto*. Idem. — *Marco Aurélio*. Idem. — *Pascal*. Idem. — *Vauvenargues*. Idem. — *Mme. de Lambert*. Conselhos de uma Mãe. — *Duclos*. Considerações sobre os Costumes. — *Bossuet*. Discurso sobre a História Universal. — *Condorcet*. Bosquejo Histórico. — *Bossuet*. Política extraída das Escrituras Sagradas. — *De Maistre*. Tratado do Papa. — *Diderot*. Dissertação sobre os Surdos e os Cegos. — *Hume*. Ensaio Filosófico. — *Adão Smith*. Ensaio sobre a História da Astronomia. — *Diderot*. Ensaio sobre o Belo. *Barthez*. Teoria do Belo. — *Cabanis*. As Relações entre o Físico e a Moral do Homem. — *Leroy*. Cartas sobre os Animais. — *Gall*. Tratado sobre as Funções do Cérebro. — *Broussais*. Tratado sobre a Irritação e a Loucura (1.ª edição. — *Augusto Comte*. Filosofia Positiva (condensada por Miss Martineau). Política Positiva. Catecismo Positivista. Síntese Subjetiva.

Calendários católicos

CALENDÁRIOS CATÓLICOS

Ano litúrgico, católico ou Calendário católico abstrato.

O Ano litúrgico católico se divide em dois ciclos:

- a) Ciclo do Natal, com o mistério da encarnação;
- b) Ciclo da Páscoa, com o mistério da redenção.

O ano todo, que começa em Dezembro e, algumas vezes, em Novembro, compreende os seguintes grandes acontecimentos ou tempos:

- 1 — Advento (Dezembro)
- 2 — Natal (Dezembro)
- 3 — Epifania (Janeiro)
- 4 — Depois da Epifania (Janeiro)
- 5 — Quaresma (Fevereiro e Março)
- 6 — Paixão (Março)
- 7 — Ressurreição (Abril)
- 8 — Depois da Ressurreição (Abril)
- 9 — Ascensão (Maio)
- 10 — Pentecostes (Maio)
- 11 — S.S. Trindade (Maio ou Junho)
- 12 — Depois de Pentecostes (Junho a Novembro)

Na liturgia católica, os domingos são chamados — domingos e se distribuem do seguinte modo:

	4 Domingos
1 — Advento	1 "
2 — Natal	6 "
3 — Epifania	1 "
4 — Septuagésima	1 "
5 — Sexagésima	1 "
6 — Quinquagésima	1 "
7 — Quaresma	4 "
8 — Paixão	1 "
9 — Ramos	1 "
10 — Ressurreição (Páscoa)	1 "
11 — Depois da Ressurreição	5 "
12 — Oitava da Ascensão	1 "
13 — Pentecostes	1 "
14 — Depois de Pentecostes	24 "

Soma 54 domingos

Para marcar as festas móveis, a Igreja Católica utiliza os seguintes dados:

Áureo número, Epacta, Indicação Romana e Letra Dominical, que em 1957, são: 1, 29, 10 e F, respectivamente.

Entre esse calendário geral e calendário concreto propriamente dito, a Igreja Católica, estabeleceu trinta e uma festas da Santíssima Virgem Maria. Calendário concreto ou próprio dos Santos, para 1957:

JANEIRO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 9
Lua cheia, dia 16
Quarto minguante, dia 22
Lua nova, dia 30

1 Terça	C. do Senhor
2 Quarta	S. Isidoro
3 Quinta	S. Genoveva
4 Sexta	S. Gregório
5 Sábado	S. Sim. Est.
6 Domingo	Santos Reis
7 Segunda	S. Teodoro
8 Terça	S. Justiniano
9 Quarta	S. Julião
10 Quinta	S. Gonçalo
11 Sexta	S. Higinio
12 Sábado	S. Modesto
13 Domingo	S. Hilário
14 Segunda	S. Félix de N.
15 Terça	S. Amaro
16 Quarta	S. Marcelo
17 Quinta	S. Antão
18 Sexta	S. Priscila
19 Sábado	S. Canuto
20 Domingo	S. Sebastião
21 Segunda	S. Inês
22 Terça	S. Vicente
23 Quarta	S. Ildefonso
24 Quinta	N.ª S.ª da Paz
25 Sexta	C. de S. Paulo
26 Sábado	S. Policarpo
27 Domingo	S. João Cris.
28 Segunda	S. Juliano
29 Terça	S. Fr. de Sales
30 Quarta	S. Martina
31 Quinta	S. J. Bosco

ABRIL
30 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 7
Lua cheia, dia 14
Quarto minguante, dia 21
Lua nova, dia 29

1 Segunda	S. Macário
2 Terça	S. Fr.º de Paula
3 Quarta	S. Ricardo
4 Quinta	S. Zósimo
5 Sexta	S. Irene
6 Sábado	S. Marcelino
7 Domingo	S. Epifânio
8 Segunda	S. Amândio
9 Terça	S. Acácio
10 Quarta	S. Ezequiel
11 Quinta	S. Leão I
12 Sexta	S. Vítor
13 Sábado	S. Hermenegildo
14 Domingo	Ramos
15 Segunda	S. Iúlio
16 Terça	S. Bernadete
17 Quarta	S. Aniceto
18 Quinta	Endoenças
19 Sexta	Paixão
20 Sábado	Aleluia
21 Domingo	Pásce.-Tirad.
22 Segunda	Desc. do Brasil
23 Terça	S. Jorge
24 Quarta	S. Honório
25 Quinta	S. Calixto
26 Sexta	S. Cleto
27 Sábado	S. Tertuliano
28 Domingo	S. Vidal
29 Segunda	S. Paulino
30 Terça	S. Cat. de Sena

FEVEREIRO
28 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 7
Lua cheia, dia 14
Quarto minguante, dia 21

1 Sexta	S. Inácio, Mártir
2 Sábado	Pur. de N.ª S.ª
3 Domingo	S. Brás
4 Segunda	S. André Cors.
5 Terça	S. Agueda
6 Quarta	S. Tito
7 Quinta	Romualdo
8 Sexta	S. João da Mata
9 Sábado	S. Apolónia
10 Domingo	S. Escolástica
11 Segunda	S. Lázaro
12 Terça	S. Eulália
13 Quarta	S. João de Brito
14 Quinta	S. Valentim
15 Sexta	S. Faustino
16 Sábado	S. Porfírio
17 Domingo	S. Donato
18 Segunda	S. Simeão
19 Terça	S. Conrado
20 Quarta	S. Eleutério
21 Quinta	S. Maximiliano
22 Sexta	S. Margarida
23 Sábado	S. Romana
24 Domingo	S. Matias
25 Segunda	S. Cesário
26 Terça	S. Deodoro
27 Quarta	S. Leandro
28 Quinta	S. Romão

MAIO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 6
Lua cheia, dia 13
Quarto minguante, dia 21
Lua nova, dia 29

1 Quarta	Festa do Trab.
2 Quinta	S. Germano
3 Sexta	Sta. Cruz
4 Sábado	S. Mônica
5 Domingo	S. Pio
6 Segunda	S. Hellodoro
7 Terça	S. Estanislau
8 Quarta	S. Miguel
9 Quinta	S. Gerônimo
10 Sexta	S. Antônio
11 Sábado	S. Anastácio
12 Domingo	Dia das Mães
13 Segunda	N.ª S.ª Morte
14 Terça	S. Bonifácio
15 Quarta	S. Torquato
16 Quinta	S. Ubaldo
17 Sexta	S. Bruno
18 Sábado	S. Venâncio
19 Domingo	S. Ivo
20 Segunda	S. Bernardino
21 Terça	S. Donato
22 Quarta	S. Rita
23 Quinta	S. Basileu
24 Sexta	N. S. Auxiliadora
25 Sábado	S. Juvenal
26 Domingo	S. Agostinho
27 Segunda	S. Margarida
28 Terça	S. Crescêncio
29 Quarta	S. Máximo
30 Quinta	Asc. do Senhor
31 Sexta	S. Ângela

MARÇO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Lua nova, dia 1
Quarto crescente, dia 9
Lua cheia, dia 15
Quarto minguante, dia 23
Lua nova, dia 31

1 Sexta	S. Adrião
2 Sábado	S. Simplicio
3 Domingo	S. Marino
4 Segunda	S. Casimiro
5 Terça	Carnaval
6 Quarta	Cinzas
7 Quinta	S. T. de Aqu.
8 Sexta	S. J. de Deus
9 Sábado	S. Franc. Rom.
10 Domingo	S. Militão
11 Segunda	S. Cândido
12 Terça	S. Maximiliano
13 Quarta	S. Rodrigo
14 Quinta	S. Matilde
15 Sexta	S. Zacarias
16 Sábado	S. Ciríaco
17 Domingo	S. Gertrudes
18 Segunda	S. Eduardo
19 Terça	S. José
20 Quarta	S. Martinho
21 Quinta	S. Bento
22 Sexta	S. Emidio
23 Sábado	S. Félix
24 Domingo	S. Gabriel, Arc.
25 Segunda	An. N.ª S.ª
26 Terça	S. Ludgero
27 Quarta	S. Ruperto
28 Quinta	S. Alexandre
29 Sexta	S. Vitorino
30 Sábado	S. J. Clímaco
31 Domingo	S. Balbina

JUNHO
30 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 5
Lua cheia, dia 12
Quarto minguante, dia 20
Lua nova, dia 27

1 Sábado	S. Juvêncio
2 Domingo	S. Erasmo
3 Segunda	S. Paula
4 Terça	S. Quirino
5 Quarta	S. Marcelano
6 Quinta	S. Paulina
7 Sexta	S. Roberto, Ab.
8 Sábado	S. Severino
9 Domingo	Espírito Santo
10 Segunda	S. Margarida
11 Terça	S. Barnabé
12 Quarta	S. Onofre
13 Quinta	S. Antônio
14 Sexta	S. Eliseu
15 Sábado	S. Vito
16 Domingo	SS. Trindade
17 Segunda	S. Montano
18 Terça	S. Efrém
19 Quarta	S. Ciríaco
20 Quinta	C. de Deus
21 Sexta	S. Luís Gonzaga
22 Sábado	S. Nicéias
23 Domingo	S. Agripina
24 Segunda	S. João Batista
25 Terça	S. Guilherme
26 Quarta	S. Vergílio
27 Quinta	S. Ladislau
28 Sexta	S. Cor. de Jesus
29 Sábado	S. Pedro e Paulo
30 Domingo	S. Lucina

JULHO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 4
Lua cheia, dia 11
Quarto minguante, dia 19
Lua nova, dia 27

1 Segunda	S. Teobaldo
2 Terça	Vis. N. S. S. Isab.
3 Quarta	S. Jacinto
4 Quinta	S. Laureano
5 Sexta	S. Filomena
6 Sábado	S. Tomás More
7 Domingo	S. Cláudio
8 Segunda	S. Isabel de Port.
9 Terça	S. Anatólia
10 Quarta	S. Maurício
11 Quinta	S. Sobino
12 Sexta	S. Nabor
13 Sábado	S. Anacleto
14 Domingo	S. Boaventura
15 Segunda	S. Henrique
16 Terça	N. S. do Carmo
17 Quarta	S. Aleixo
18 Quinta	S. Camilo
19 Sexta	S. Vic. de Paulo
20 Sábado	S. Elias
21 Domingo	S. Júlia
22 Segunda	S. Mar. Mad.
23 Terça	S. Liório
24 Quarta	S. Cristina
25 Quinta	S. Cristóvão
26 Sexta	S. Ana Mãe N.S.
27 Sábado	S. Pantaleão
28 Domingo	S. Vitor
29 Segunda	S. Marta
30 Terça	S. Donatila
31 Quarta	S. In. Lolola

OUTUBRO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Lua cheia, dia 8
Quarto minguante, dia 16
Lua nova, dia 23
Quarto crescente, dia 30

1 Terça	S. Veríssimo
2 Quarta	S. Anj. da Guarda
3 Quinta	S. Teres. de Jesus
4 Sexta	S. Franc. de Assis
5 Sábado	S. Flávia
6 Domingo	S. Emílio
7 Segunda	S. Marcelo
8 Terça	S. Brígida
9 Quarta	S. Dionísio
10 Quinta	S. Florêncio
11 Sexta	S. Firmlano
12 Sábado	Desc. da América
13 Domingo	S. Tot., S. Caio
14 Segunda	S. Calixto
15 Terça	S. Teresa Jesus
16 Quarta	S. Galo
17 Quinta	S. Marg. Alac.
18 Sexta	S. Trifónia
19 Sábado	S. Pedro Alcânt.
20 Domingo	S. Irene
21 Segunda	S. Úrsula
22 Terça	S. Severo
23 Quarta	S. Josefina
24 Quinta	S. Rafael Arcanjo
25 Sexta	S. Daria
26 Sábado	S. Evaristo
27 Domingo	S. Elesbão
28 Segunda	S. Fidélis
29 Terça	S. Judas Tadeu
30 Quarta	S. Afonso Rod.
31 Quinta	S. Urbano

AGOSTO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 2
Lua cheia, dia 10
Quarto minguante, dia 18
Lua nova, dia 25

1 Quinta	S. Fé
2 Sexta	S. Af. M. Lig.
3 Sábado	S. Lídia
4 Domingo	S. Domingos
5 Segunda	N. S. das Neves
6 Terça	S. Xisto
7 Quarta	S. Caetano
8 Quinta	S. Ciríaco
9 Sexta	S. Romão
10 Sábado	S. Lourenço
11 Domingo	N. S. Boa Morte
12 Segunda	S. Clara
13 Terça	S. Cassiano
14 Quarta	S. Eusébio
15 Quinta	Ass. de N.ª S.ª
16 Sexta	S. Joaquim
17 Sábado	S. Liberato
18 Domingo	S. Helena
19 Segunda	S. Iudovico
20 Terça	S. Pio X
21 Quarta	S. Camerino
22 Quinta	S. Timóteo
23 Sexta	S. Eleázaro
24 Sábado	S. Bartolomeu
25 Domingo	S. Luis
26 Segunda	S. Zeferino
27 Terça	S. Eulália
28 Quarta	S. Hermes
29 Quinta	S. Sabina
30 Sexta	S. Rosa de Lima
31 Sábado	S. Raimundo

NOVEMBRO
30 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Lua cheia, dia 7
Quarto minguante, dia 14
Lua nova, dia 21
Quarto crescente, dia 29

1 Sexta	Todos os Santos
2 Sábado	Com. Mortosa
3 Domingo	S. Silvia
4 Segunda	S. Carl. Borromeu
5 Terça	S. Teótimo
6 Quarta	S. Leonardo
7 Quinta	S. Herculanio
8 Sexta	S. Godofredo
9 Sábado	S. Orsino
10 Domingo	S. Tibério
11 Segunda	S. Martinho
12 Terça	S. Cristino
13 Quarta	S. Dídaco
14 Quinta	S. Clementino
15 Sexta	Proc. da Rep.
16 Sábado	S. Edmundo
17 Domingo	S. Alfeu
18 Segunda	S. Astrogilda
19 Terça	S. Isabel
20 Quarta	S. Otávio
21 Quinta	S. Demétrio
22 Sexta	S. Cecília
23 Sábado	S. Clemente
24 Domingo	S. Crisógano
25 Segunda	S. Catarina
26 Terça	S. Belmiro
27 Quarta	S. Fagundes
28 Quinta	S. Sôstenes
29 Sexta	S. Saturnino
30 Sábado	S. André

SETEMBRO
30 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Quarto crescente, dia 1
Lua cheia, dia 9
Quarto minguante, dia 17
Lua nova, dia 23
Quarto crescente, dia 30

1 Domingo	S. Egidio
2 Segunda	S. Estêvão
3 Terça	S. Aristeu
4 Quarta	S. Rosália
5 Quinta	S. Lourenço
6 Sexta	S. Monsueto
7 Sábado	Indep do Brasil
8 Domingo	Nativ. de N.ª S.ª
9 Segunda	S. Sérgio
10 Terça	S. Nicolau T.
11 Quarta	S. Deodoro
12 Quinta	SS. Nome Maria
13 Sexta	S. Amado
14 Sábado	S. Exalt. Sta. Cr.
15 Domingo	N.ª S.ª das Dores
16 Segunda	S. Eufêmia
17 Terça	S. Marcina
18 Quarta	S. Sofia
19 Quinta	S. Constância
20 Sexta	S. Felipa
21 Sábado	S. Ifigênia
22 Domingo	S. Maurício
23 Segunda	S. Tecla
24 Terça	N.ª S.ª Mercês
25 Quarta	S. Aurélia
26 Quinta	S. Cipriano
27 Sexta	S. Cosme, S. Dam.
28 Sábado	S. Venceslau
29 Domingo	S. Miguel Arcanjo
30 Segunda	S. Jerônimo

DEZEMBRO
31 DIAS — 1957

FASES DA LUA

Lua cheia, dia 7
Quarto minguante, dia 14
Lua nova, dia 21
Quarto crescente, dia 29

1 Domingo	S. Elói
2 Segunda	S. Bibiana
3 Terça	S. Fco. Xavier
4 Quarta	S. Bárbara
5 Quinta	S. Geraldo
6 Sexta	S. Nicolau
7 Sábado	S. Ambrósio
8 Domingo	Imac. Conceição
9 Segunda	S. Leocádia
10 Terça	S. Melquíades
11 Quarta	S. Dámasco
12 Quinta	N. S. Guadalupe
13 Sexta	S. Luzia
14 Sábado	S. Agnelo
15 Domingo	S. Irineu
16 Segunda	S. Adelaide
17 Terça	S. Viviana
18 Quarta	S. Basiliano
19 Quinta	S. Fausta
20 Sexta	S. Alípio
21 Sábado	S. Tomé
22 Domingo	S. Flaviano
23 Segunda	S. Sérvulo
24 Terça	S. Tarcella
25 Quarta	Natal
26 Quinta	S. Arquelaú
27 Sexta	S. J. Evangelista
28 Sábado	S. Cesário
29 Domingo	S. Sabino
30 Segunda	S. Davi
31 Terça	S. Silvestre

No calendário de Romulo, o ano se dividia em dez meses com os seguintes nomes: Martius, Aprilis, Maius, Junius, Quintilis, Sextilis, September, October, November e December. No calendário de Numa Pompilio, o ano passou a ter doze meses e trezentos e cinquenta e cinco dias. Foram acrescentados os meses Januarius e Februarius, no começo do ano. No calendário de Júlio Cezar, organizado por Sosígenes em 47 A. C., o ano passou a ter 365 dias e, nos bissextos, 366. Os meses Quintilis e Sextilis passaram, depois, a ter os nomes de Julius e Augustus. Em 1582, o papa Gregório XIII, corrigiu o calendário juliano, com a diminuição de onze dias, passando o dia 5 de Outubro a ser o dia 15, do referido ano, ficando estabelecida a regra de suprimir-se o dia bissexto em cada três anos centenares. Não houve mudança nos nomes dos meses — Outubro, Novembro e Dezembro, que só tinham sentido no calendário de Romulo, que era de dez meses, como ficou dito. Teve duração efêmera o calendário organizado pela Revolução Francesa, de doze meses, de três décadas cada um e com os seguintes nomes: Vendimário, Brumário, Frimário, Nivoso, Pluvioso, Ventoso, Germinal, Floreal, Prarial, Messidor, Thermidor e Fructidor. A era se deveria iniciar em 1792, que passaria a ser o ano I. Uma série de festas decádarias completavam o calendário.

QUADROS

LIÇÕES DE FILOSOFIA PRIMEIRA

CLASSIFICAÇÃO POSITIVA DAS DEZOITO FUNÇÕES INTERIORES DO CÉREBRO

ou Quadro Sistemático da Alma;
Pelo autor do SISTEMA DE FILOSOFIA POSITIVA.

VIVER PARA OUTREM

HUMANIDADE

PRINCÍPIO

(Inclinações, no estado ativo; e sentimentos, no estado passivo); 7 PESSOAIS	INTERESSE	Instintos da conservação	do indivíduo, ou instinto nutritivo (1)	Egoísmo	Decrescimento de energia, e acréscimo de dignidade, de tús para diante, de baixo para cima, e dos bordos para o meio
			da espécie { instinto sexual (2) instinto materno .. (3)		
	AMBIÇÃO	Instintos do aperfeiçoamento	por destruição, ou instinto militar (4)		
			por construção, ou instinto industrial (5)		
			Temporal, ou Orgulho, necessidade de domínio (6)		
			Espiritual, ou Valdade, necessidade de aprovação (7)		
(Inclinações, no estado ativo; e sentimentos, no estado passivo); 3 SOCIAIS	Especiais	APEGO	(8)	Altruismo	de prover
		VENERAÇÃO	(9)		
	Geral	BONDADE, ou amor universal (simpatia) humanidade	(10)		

MEIO

5 FUNÇÕES INTELECTUAIS	CONCEPÇÃO	Passiva ou Contemplação, de onde materiais objetivos.	Concreta ou relativa aos séres, essencialmente sintética (11)	(CARÁTER)	
			Abstrata ou relativa aos acontecimentos, essencialmente analítica (12)		
		Ativa ou Meditação, de onde construções subjetivas.	Indutiva, ou por comparação, de onde generalização (13)		
			Dedutiva, ou por coordenação, de onde Sistematização (14)		
	EXPRESSÃO...	Mímica, oral, escrita, de onde Comunicação	(15)		

RESULTADO

3 QUALIDADES PRÁTICAS	ATIVIDADE.....	Coragem	(16)	(CARÁTER)	
		Prudência	(17)		
	FIRMEZA, de onde	Perseverança	(18)		

RESUMO DA TEORIA CEREBRAL

O conjunto destes dezoito órgãos cerebrais constitui o aparelho nervoso central, que, um lado, estimula a vida de nutrição, e, por outro lado, co-ordena a vida de relação ligando suas duas espécies de funções exteriores. Sua região especulativa comunica diretamente com os nervos sensitivos, e sua região ativa com os nervos motores. Porém sua região afetiva não tem conexidades nervosas sinão com as vísceras vegetativas, sem nenhuma correspondência imediata com o mundo exterior, que só se liga a ela por meio das outras regiões. Este centro essencial de toda a existência humana funciona continuamente, em virtude do repouso alternativo das duas metades simétricas de cada um de seus órgãos. Quanto ao resto do cérebro, a intermitência periódica é tão completa como a dos sentidos e dos músculos. Assim, a harmonia vital depende da principal região cerebral, sob cujo impulso as outras duas dirigem as relações, passivas e ativas, do animal com o meio.

(Vide o Sistema de Política Positiva para as localizações).

AUGUSTO COMTE

POLÍTICA

(Ponto de vista masculino)
Ordem e Progresso,
segundo um regime de paz universal, resumido
na utopia atual da VIRGEM-MÃE.

Domínio Prático, mais governamental
do que sacerdotal.

Domínio Teórico, mais sacerdotal
que governamental.

POESIA
ou
ARTE

ARTE GERAL, ou
ARTES ESPECIAIS

do som, ou
da forma

mais abstrata, ou
mais concreta

mais estética, ou
mais técnica, ou

FILOSOFIA PRIMEIRA, teoria da FATALIDADE GERAL, ou

FILOSOFIA SEGUNDA
FILOSOFIA SEGUNDA
teoria das
FATALIDADES
ESPECIAIS
ou subalternas.

preliminar
puramente

em método, LÓGICA,
ou Matemática
(Ciência fundamental)

abstrata, ou
concreta

em doutrina,
FÍSICA
(Ciência preparatória)

celeste, ou
terrestre

Preâmbulo

única final, ou MORAL.

Campo próprio
constituindo a
Ciência Sagrada
por excelência

coletivo
Individual
Moral
própria-
mente dita

Sociologia.
Moral teórica, instituindo
o conhecimento da na-
tureza humana.
Moral prática, instituindo
o aperfeiçoamento da na-
tureza humana.

CONSTITUIÇÃO GERAL ou POLÍTICA
própriamente dita

Constituindo a FILOSOFIA TERCEIRA, ou
ENCICLOPÉDIA CONCRETA, mediante a coor-
denação da INDÚSTRIA POSITIVA, isto é, a
sistematização das especulações relativas
à ação total da HUMANIDADE sobre a
TERRA.

INSTITUIÇÃO ESPECIAL ou INDÚSTRIA
própriamente dita

Artes biológicas.
Artes químicas.
Artes físicas.
Artes astronômicas.
Artes matemáticas.

QUADRO DEFINITIVO DAS CONCEPÇÕES HUMANAS

Segundo AUGUSTO COMTE

O AMOR POR PRINCÍPIO, E A ORDEM POR BASE: O PROGRESSO POR FIM.

AGIR POR AFEIÇÃO, E PENSAR PARA AGIR.

SABER PARA PREVER, AFIM DE PROVER.

A submissão é a base do aperfeiçoamento, primeiro fisi-
co, em seguida intelectual, enfim e sobretudo moral.

Os fenômenos mais nobres são por toda parte subordinados aos mais grosseiros.

VIVER AS CLARAS

CULTO, ou
império
próprio do
Sentimento
(Simpatia.)

AFETIVA
e
EXPRESSIVA
ou
ESTÉTICA

Ciência
do
ESPAÇO
ou
GRAN-MEIO

Ciência
da
TERRA
ou
GRAN-FETICHE

Ciência
da
HUMANIDADE
ou
GARAN-SER

DOGMA, ou império próprio da
Inteligência. (Síntese)

REGIMEN, propriamente dito,
ou império supremo da
Atividade. (Sinergia essencial.)

INDÚSTRIA,
ou império
preliminar da
Atividade.
(Sinergia pre-
paratória.)

Ação
sobre
o HOMEM

EXECUÇÃO ou Regimen
(Sinergia.)

IDEALIZAÇÃO, ou Preparação
(Simpatia e Síntese.)

segundo um regime de paz universal, resumido
na utopia atual da VIRGEM MÃE.

RELIGIÃO

(Ponto de vista feminino)

Viver para Outrem,

CONCEPÇÃO POSITIVA DA FATALIDADE

ou

QUADRO GERAL DAS QUINZE LEIS UNIVERSAIS QUE TÊM
POR SEDE GERAL O ESPAÇO OU O GRÃO-MEIO

ENTRE O HOMEM E O MUNDO É PRECISO A HUMANIDADE.

Para completar as leis são necessárias vontades.

Os vivos são sempre, e cada vez mais, necessariamente governados pelos mortos.

Publicações ns. 98 - 100 - 175 A e 175 B da
IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL

A Submissão é a Base do Aperfeiçoamento

SEÇÃO MAIS OBJETIVA

Formando

SEÇÃO MAIS SUBJETIVA

Formando

I

PRIMEIRO GRUPO,
tanto objetivo como
subjetivo.

- 1.º Formar a hipótese mais simples e mais simpática que comporta o conjunto dos dados a representar (I);
- 2.º Conceber como imutáveis as leis quaisquer que regem os seres pelos acontecimentos, posto que só a ordem abstrata permita apreciá-las (II);
- 3.º As modificações quaisquer da ordem universal limitão-se sempre à intensidade dos fenômenos, cujo arranjo permanece inalterável (III).

1.ª SÉRIE

2.ª SÉRIE: *leis estáticas do entendimento.*

- 1.º Subordinar as construções subjetivas aos materiais objetivos (Aristóteles, Leibnitz, Kant) (IV);
- 2.º As imagens interiores são sempre menos vivas e menos nítidas que as impressões exteriores (V);
- 3.º A imagem normal deve ser preponderante sobre as que a agitação cerebral faz simultaneamente surgir (VI).

3.ª SÉRIE: *leis dinâmicas do entendimento.*

- 1.º Cada entendimento oferece a sucessão dos três estados, fictício, abstrato, e positivo, em relação às nossas concepções quaisquer, mas com uma velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes (VII);
- 2.º A atividade é primeiro conquistadora, em seguida defensiva, e enfim industrial (VIII);
- 3.º A sociabilidade é primeiro doméstica, em seguida cívica, e enfim universal, segundo a natureza peculiar a cada um dos três instintos simpáticos (IX).

4.ª SÉRIE: *a mais objetiva da Filosofia Primeira.*

- 1.º Todo estado, estático ou dinâmico, tende a persistir espontaneamente sem nenhuma alteração, resistindo às perturbações exteriores (X);
- 2.º Um sistema qualquer mantém a sua constituição ativa ou passiva, quando os seus elementos experimentam mutuações simultâneas, contanto que sejam exatamente comuns (XI);
- 3.º Existe por toda parte uma equivalência necessária entre a reação e a ação, si a intensidade de ambas for medida conformemente à natureza de cada conflito (XII).

5.ª SÉRIE: *mais subjetiva que a precedente.*

- 1.º Subordinar por toda parte a teoria do movimento à da existência, concebendo todo progresso como o desenvolvimento da ordem correspondente, cujas condições quaisquer regem as mutações, que constituem a evolução (XIII);
- 2.º Todo classamento positivo procede segundo a generalidade crescente ou decrescente, tanto subjetiva como objetiva (XIV);
- 3.º Todo intermediário deve ser subordinado aos dois extremos cuja ligação opera (XV).

NOTA — O exame geral das leis irreduzíveis, cujo complexo constitui a ordem abstrata, conduz a reconhecer que, coletivamente, segundo as suas afinidades subjetivas, elas formam dois grupos principais confundidos durante a anarquia teórica. O primeiro compreende as leis verdadeiramente universais, isto é, comuns, sob diversas formas, a todas as classes de fenômenos. Subjetivas e subjetivas ao mesmo tempo, porém em diferentes graus, elas foram finalmente instituídas por nosso Mestre, batendo-se no conjunto das noções teóricas. São elas que constituem este quadro. (*Syst. de Pol. Pos. t IV ch. 3.º*) Um segundo grupo, mais vasto e menos corrente, completa a ordem abstrata no conjunto das leis respectivamente peculiares a cada uma das sete categorias naturais. Normalmente subordinadas às precedentes, em virtude do princípio enciclopédico, elas compõem a Filosofia Segunda, como estas a Filosofia Primeira.

Sob esse aspecto a última metade da ordem abstrata constitui uma transição natural para a ordem concreta. Abstratamente, a Fatalidade suprema deve sobretudo consistir nas únicas leis que, comuns a todos os fenômenos, são independentes do classamento destes. Não podemos considerar as outras senão como instituições essencialmente empíricas, cujo melhor tipo é concernente à gravitação.

De acordo com esta distinção, a ordem natural resulta de um concurso em que a fatalidade geral domina as fatalidades especiais. Após estas se colocariam as leis concretas, si o seu conhecimento nos fôsse realmente permitido. A nossa maturidade, consagrando o regimen da nossa infância, as substitui por vontades sempre subordinadas à dupla fatalidade. Tal é a economia final do entendimento humano quando renuncia ao absoluto para construir uma síntese capaz de assistir a simpatia

e guiar a sinergia. Ela exige que a fetichidade se estenda sistematicamente da ordem concreta à ordem abstrata, mediante a instituição religiosa do Espaço, ou Grão-Meio, como a sede especial da Fatalidade suprema. Tal sede convém igualmente a toda ordem exterior, inclusive os fenômenos biológicos estáticos, quando se abstrai dos corpos, que são os principais teatros da sua realização concreta. Estes formam as sedes particulares das fatalidades subalternas. Esteticamente considerada, esta extensão não tem menos importância do que sob o aspecto teórico. O homem regenerado sente necessidade de testemunhar sua gratidão contínua à ordem imutável sobre que repouza toda a sua existência. Uma justa adoração da Terra, erigida em Grão-Fetichismo, sede e sustento do Grão-Ser, não basta para satisfazer, sob este aspecto, as almas dignamente desenvolvidas. (Veja Augusto Comte — *Síntese Subjetiva* — Introdução.)

FILOSOFIA PRIMEIRA

NOTAS DE AULAS DADAS PELO APÓSTOLO DA HUMANIDADE, RAIMUNDO
TEIXEIRA MENDES, EM HOMERO DE 109 (FEVEREIRO DE 1897).

ENSINO POSITIVISTA

Iniciação dogmática

(14 aos 21 anos)

PREAMBULO SINTÉTICO

FILOSOFIA PRIMEIRA

1.^a Lição

A submissão é a base do aperfeiçoamento.

Os fenômenos mais nobres são por toda parte subordinados aos mais grosseiros.

Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.

1.^a Lição

Discurso de abertura: objeto, destino, e plano geral do ensino positivista.

I

Objeto do ensino positivista, Conhecer a Humanidade, a Terra, e o Espaço, para melhor amar e servir a Humanidade.

1) Conceção geral da vida humana: amar, conhecer e servir a Humanidade.
2) Realização espontânea desse quadro em virtude das leis da nossa organização individual e coletiva. A criança e o adulto. Propensões altruístas; leis da hereditanidade. Educação instintiva.

3) Insuficiência crescente dessa realização, em consequência da complicação dos fenômenos humanos, que os torna extremamente modificáveis. Necessidade de uma intervenção sistemática, mediante o conhecimento das influências a que está sujeita a nossa vida. Deficiência do empirismo; necessidade da abstração teórica. Conceção da educação sistemática, prevalecendo-se da modificabilidade.

4) Variação da educação com os tempos e os lugares.

5) Problema da educação moderna: habituar o homem a viver em um *regimen pacífico, mediante*: a) o ascendente da fraternidade universal; b) a preponderância intelectual da ciência e da arte; c) e o predomínio político da atividade industrial.

6) Comparação desse problema com o que coube às fazes provisórias da Religião resolver, e especialmente ao regimen católico-fendal.

7) Solução positivista do problema moderno: instituição da Religião da Humanidade, mediante: a) exercício sistemático dos instintos altruístas, em virtude do cultivo pessoal, doméstico e público de todos os afetos humanos que nos habilitam para a vida social (culto); b) organização da consciência individual e opinião pública, mediante a livre aceitação de uma fé sempre demonstrável (mas raramente demonstrada, mesmo aos mais instruídos) que satisfaça ao mesmo tempo as aspirações morais da *Mulher*, as tendências especulativas (estéticas, filosóficas e científicas) dos teóricos e as preocupações industriais dos práticos; c) estabelecimento de um regimen político que concilie as justas reclamações do Proletariado acerca do *emprego social do capital*, com a dignidade do Patriciado, indispensável á produção, conservação e distribuição do mesmo capital, garantindo a eficácia da ação moral da mulher e da influência intelectual do sacerdócio. Conclusão: a solução depende, portanto, da vulgarização da doutrina positivista isto é, da concepção positivista da Humanidade, da Terra e do Espaço.

II

Destino da ensino positivista público: vulgarização do dogma positivista.

- 1) Necessidade da cultura doméstica para a vulgarização do ensino.
- 2) Insuficiência dessa cultura.
- 3) Necessidade da cultura filosófica da inteligência.
- 4) Condições dessa cultura para que habilite, de fato, a *viver para outrem*. Condições simpáticas: culto, poesia. Condições sintéticas: instrução enciclopédica. Condições sinérgicas: aprendizagem de um ofício industrial para o homem, e dos afazeres domésticos para a mulher.
- 5) Necessidade consequente de uma classe teórica (Sacerdócio) que complete a educação doméstica e prepare para a vida cívica.
- 6) Perigos da cultura dispersiva: resseca o coração, estreita a inteligência, e amesquinha o caráter.
- 7) Condições em que é normalmente inaugurado o ensino positivista: educação doméstica; meio social; sessão de abertura que resume essas condições

III

Plano geral do ensino positivista (vide o quadro definitivo das concepções humanas)

1) Objeto religioso de nossa inteligência: conhecer a Humanidade, afim de mais amá-la e melhor servi-la.

2) Jerarquia que d'ahi resulta para o conjunto dos nossos pensamentos, conforme a sua aptidão para esse destino supremo.

3) Primeira divisão geral do conjunto dos pensamentos humanos, segundo esse destino. O amor e o serviço da Humanidade exigem de nossa parte resignação e ação; resignação ás condições modificáveis; a ação para aperfeiçoar o que nos fôr acessível. Mas, a própria resignação, bem considerada, supõe a ação, porque exige o esforço sobre nós para fazer prevalecer os instintos altruístas que nos inclinam á obediência, sobre os instintos egoístas que nos inclinam á revolta. Dai se conclue que a distinção entre os conhecimentos que nos habilitam para a resignação e os que nos preparam para a ação reduz-se no fundo á distinção entre os conhecimentos que têm por objeto a ação sobre nós e os que se referem á ação sobre a Terra, isto é: conhecimentos teóricos (Sacerdócio) e conhecimentos práticos (governo).

4) Jerarquia geral dos conhecimentos. Conhecimentos teóricos ou teoria das *fatalidades*: Fatalidade suprema (Filosofia primeira): Fatalidades secundárias (Filosofia segunda). Conhecimentos práticos (Filosofia terceira).

5) Decomposição final de nossos estudos segundo a trindade: *Espaço, Terra, Humanidade*.

6) Apreciação especial do estudo do Espaço. Filosofia primeira, Matemática ou Lógica.

7) Conclusão. O ensino enciclopédico limita-se a desenvolver e sistematizar a cultura recebida no lar com o fim de melhor adaptá-la á existência doméstica, cívica e planetária. É isto que indica á fórmula final do sacramento, da iniciação: "Vossas Mães vos fizeram descer até hoje pelo Amor a Fé; na faze episódica que ides atravessar, Nosso Mestre vos fará, por nosso intermédio, subir novamente pela Fé até o Amor, onde deveis para sempre repousar no serviço da Família, da Pátria e da Humanidade!"

Rio de Janeiro, 18 de Homero de 109 — (15-2-1897).

Notas do curso do Apóstolo da Humanidade, Raimundo Teixeira Mendes.

A instituição sistemática do Dogma positivo exige a determinação: a) da sua natureza geral; b) dos seus princípios universais; c) da sua constituição normal.

a) Natureza geral. Caráter abstrato, consistindo na coordenação dos acontecimentos, independentemente dos séres.

b) Princípios universais Quinze leis de Filosofia primeira.

c) Constituição normal. Quadro geral das concepções humanas, emanada da teoria fundamental da Humanidade, idealizada pelo culto e condensando todas as doutrinas na moral.

FILOSOFIA PRIMEIRA

2.^a Lição

Instituição da abstração teórica.

I) Papel da abstração teórica no conjunto da existência humana. II) Quadro geral da ordem abstrata; donde concepção sistemática do Destino. III) Constituição religiosa da Ordem abstrata.

I

Papel da abstração teórica no conjunto da existência humana.

1) Considerações preliminares sobre a Fé, tendentes a colocar-nos nas condições morais indispensáveis à apreciação desta teoria.

Na primeira lição mostramos que o problema da educação moderna consiste em preparar o homem para o regimen pacífico; e fizemos ver que a solução desse problema exige a instituição da fase final da religião.

Isto posto, mostramos que o ensino dogmático forma um dos elementos de tal solução, pois que tem por fim completar a educação doméstica da primeira infância (do nascimento aos sete anos) e da segunda infância (dos sete aos quatorze anos) desenvolvendo e sistematizando os seus resultados. Dai concluímos que esse ensino deve ser ao mesmo tempo simpático, sintético e sinérgico.

Na lição de hoje cumpre-nos especificar a natureza de tal ensino de acordo com semelhante programa.

Para isso, comecemos por indicar o modo pelo qual vai ser transmitida a doutrina universal.

O ensino dogmático visa, o estabelecimento de *convicções inabaláveis* que libertem o nosso sentimento da inconstância, a nossa inteligência, do septicismo, e o nosso caráter da irresolução. Para compreender essa influência das *convicções* basta ter presente o verso em que Nosso Mestre — Augusto Comte — resumiu as condições normais da vida:

“Agir por afeição, e pensar para agir”. O primeiro hemistichio caracteriza a espontaneidade, o impulso; o segundo caracteriza a reflexão posterior, indispensável à continuidade da ação.

S. Paulo sentiu da maneira mais enérgica esse papel das crenças.

Propondo-se, porém, obter *convicções inabaláveis*, o ensino, dogmático visa alcançar sistematicamente o que é espontaneamente obtido na educação doméstica da primeira e da segunda infância. É, portanto, intuitivo que tal desideratum será realizado sistematizando o método pelo qual são adquiridas as nossas convicções nessa fase inicial da vida. A quantidade, a importância, e a estabilidade das convicções então adquiridas; a rapidez com que as mesmas são formadas atestam de sobejo a excelência de tal processo.

Ora esse processo consiste na combinação permanente da razão e da Fé, subordinando-se cada vez mais a razão à Fé.

A razão é a faculdade que têm os animais de apanhar por intermédio dos seus sentidos as relações em que eles se acham para com o mundo, ligando cada noção nova às anteriormente adquiridas. Nas espécies mais eminentes, a partir das aves pelo menos, essa faculdade se apresenta sob dois aspectos:

1.^o) O animal apanha as relações dos entes que o cercam para consigo e entre si.

2.^o) O animal apanha as relações para consigo e entre si dos fenômenos que o afetam.

O 1.^o é a razão concreta.

O 2.^o é a razão abstrata.

O surto da segunda é posterior ao da primeira.

Esse atributo é o mais individual de quantos possuímos. Ele depende do conjunto do nosso organismo (corpo e cérebro), do estado atual desse organismo, como de qualquer função. Mas as reações do conjunto do organismo sobre a inteligência são muito mais consideráveis do que as influências da inteligência sobre as demais funções.

A Fé é a aptidão que têm os animais superiores, isto é, os mais bem dotados pelo sentimento, para identificar o estado de sua inteligência, com o estado da inteligência dos entes que eles amam, e sobretudo que eles veneram com bondade. De sorte que a Fé é a convicção que resulta do Amor, na sua mais alta constituição. (Papel da bondade na adoração do *Passado*, do *Futuro* e do *Presente*).

Essa aptidão é uma manifestação da lei da imitação aplicada aos fenômenos mais nobres.

Pois bem, a iniciação individual começa pela razão, e pela razão concreta especialmente, mas em virtude de uma situação de submissão forçada. É por um trabalho mental espontâneo que a criança adquire as primeiras noções. É esse trabalho que a faz descobrir as relações em que ela se acha para com sua Mãe, antes de tudo. Ajudado pelo sentimento, baseado na submissão involuntária, mediante a combinação do instinto nutritivo com a veneração, esse trabalho mental faz em breve a criança aprender a linguagem materna e descobrir na mãe uma fonte mais rápida e mais segura de instrução do que os seus sentidos e a sua inteligência. (Esbôço de lógica: sentimentos, imagens, sinais). A Mãe que lhe dá o alimento se lhe apresenta como o ente que tudo sabe. A criança descobre as vantagens da Fé, em uma palavra. A partir desse momento, a razão fica cada vez mais subordinada a Fé. Em vez de servir para adquirir as noções, a razão é sobretudo empregada para estender e aplicar as noções fornecidas pela Fé.

A fórmula de Thomaz de Kempis: — *“toda observação e investigação natural deve seguir a Fé e não precedê-la nem infringi-la”*, — traduz exatamente essa disposição da inteligência infantil.

E o enunciado de Augusto Comte: “Entre o homem e o mundo é preciso a Humanidade, especifica a maneira pela qual se dá essa subordinação da razão a Fé, porque a Mãe não é senão a personificação da Humanidade. (Reflexões sobre o bom senso vulgar, que é o saber vulgarizado da Humanidade).

Esse método da infância continua durante toda a vida. Cada um, examinando o que se passa em si, reconhece logo que vive sobretudo de fé. Bem pequeno é o número de noções que devemos realmente à nossa razão.

Entretanto, a transição revolucionária que vem do XIV século tentou subverter essa ordem, proclamando a supremacia da razão. Assim procedendo, a inteligência revoltava-se contra o coração, os vivos insurgindo-se contra os mortos que os dominam, e cada vez mais.

Essa revolta foi, porém necessária em um certo momento e para certos tipos, cuja elevação moral e mental, tornando-os órgãos mais eminentes da Humanidade, os habilitava para compreender melhor o conjunto da evolução humana, mal percebida pelas autoridades dominantes. Descartes, Bacon deviam fazer o que fizeram; assim procedendo eles obedeceram aos decretos supremos da Humanidade, porque de fato a sua revolta, bem examinada, consistia unicamente em expurgar a Fé de tudo quanto ela trazia de peculiar às fazes transitórias e provisórias da evolução da Humanidade.

Mas, pretendendo imitá-los, as naturezas vulgares apenas expuseram-se a uma desmoralização inevitável, porque a mediocridade moral e mental das naturezas vulgares não permite sair por si da dúvida: a sua inteligência, sem que elas o percebam as tornam joguetes dos pendores egoístas. (Submissão de Descartes ao passado).

As doutrinas foram criadas pela Humanidade em consequência do conjunto das circunstâncias que presidiram à sua evolução. Essas doutrinas foram elaboradas pelos órgãos mais eminentes. Como pois esperar compreender qualquer teoria sem colocar-nos no ponto de vista em que se achava o Grão-Ser no momento de as construir? Como entender as concepções de um Aristóteles, de um Archimedes, de um Descartes, de um Bichat, de um Augusto Comte sem nos colocarmos no estado deles?

E seria possível, atingir esse desiderato sem a Fé?

A arte já anunciou, e sempre, semelhante necessidade, pois que é impossível saborear qualquer obra estética sem colocar-se no ponto de vista, do poeta.

Assim, a veneração é indispensável para quem aprende como para quem ensina. É também indispensável para quem inventa. Aprender e inventar não

diferem essencialmente. *Aprender* é apanhar uma concepção mediante as condições artificiais instituídas pelo preceptor; inventar é apanhar essa concepção mediante condições artificiais instituídas pelo Grão-Ser.

(Confirmação dessa necessidade na conferência passada).

(Vício radical do ensino acadêmico, que deriva do racionalismo metafísico. A Fé impõe *professores sintéticos*).

Podemos agora passar ao exame da natureza do ensino dogmático.

2) Necessidade da abstração teórica.

Tínhamos visto que os nossos conhecimentos tinham por objeto dirigir a nossa conduta ativa (ação) e passiva (resignação). Tínhamos mostrado igualmente que a ação baseia-se na resignação, porque só podemos agir útilmente submetendo-nos às condições imodificáveis da ordem geral.

Dai o grupamento de nossas especulações em conhecimento das fatalidades e conhecimento das modificabilidades, subordinando este, àquele.

Pois bem, em que consiste o conhecimento das fatalidades?

Quer se trate de ação, quer de resignação, a nossa conduta depende do conhecimento dos entes com os quais convivemos. Ora, esses entes não nos são conhecidos senão pelas suas manifestações, isto é, pelos atributos que a sua contemplação nos revela.

Esses atributos podem, porém, ser apreciados sob dois aspectos distintos:

1.º) estudando o conjunto dos atributos que define cada *ente*. Ex.

2.º) estudando o atributo comum a muitos entes. Ex. —

O primeiro caso constitui o exercício da inteligência que se denomina razão concreta (observação sintética dos seres).

O segundo caso constitui o exercício da inteligência que se denomina razão abstrata (observação analítica dos fenômenos).

Ambos aspectos têm suas vantagens e seus inconvenientes, que os tornam igualmente necessários fazendo resultar de sua combinação permanente a nossa *harmonia mental*.

Resta apontar essas vantagens e esses inconvenientes.

Para isso cumpre notar que o destino de nossos conhecimentos sendo habilitar-nos a regular a nossa conduta, esse destino só é conseguido permitindo-nos instituir a *previsão*. Sem previsão não é possível resignação nem ação alguma sistemática. Foi essa relação entre a ciência e a ação que levou Bacon a formular a enérgica combinação: *saber é poder*, mas sem explicar o *como* de tal relação.

Foi Augusto Comte quem explicou a solidariedade dos dois termos, tornando evidente o termo médio do dualismo baconiano, mediante a progressão: "*saber para prever, afim de prover*".

A previsão, porém, torna-se impossível sem a instituição das regras invariáveis. No entanto a prática evidencia que semelhantes regras não podem existir, como o demonstra o axioma popular: não há regra sem exceção.

A solução dessa contradição reside justamente na dupla destinação acima indicada.

Com efeito, a razão abstrata tem por fim estabelecer regras invariáveis; e a razão concreta é destinada a adaptar essas regras invariáveis à multiplicidade dos casos práticos.

Este simples enunciado basta para revelar a necessidade da *razão abstrata* e da *razão concreta*.

3) Instituição da abstração teórica.

Vejamos como a razão abstrata consegue instituir *regras gerais*.

Para isso, a Humanidade em vez de estudar diretamente cada ser, decompõe todos os entes nos seus atributos irreduzíveis.

Isto posto, a Humanidade considera separadamente cada atributo irreduzível e procura estudar as condições de sua variação, abstraindo dos diversos seres.

Como esses atributos são em pequeno número, compreende-se a possibilidade de descobrir pelo menos as principais condições de sua variação, isto é, aquelas que mais nos afetando estão por isso mesmo mais ao nosso alcance.

Uma vez submetidos esses atributos a regras invariáveis, a Humanidade procura combiná-los de maneira a reproduzir sistemas compostos assimiláveis aos diversos modos de existência que o mundo nos apresenta. É assim que

Ela constrói os tipos ou modelos abstratos destinados a representar a cada instante os seres que a cercam, e a si mesma, ou a corresponder às suas necessidades, como as criações industriais.

Chegado a este termo, a razão abstrata conclui a sua missão. A existência real exige que a razão concreta intervenha, já para referir os seres aos tipos, já para realizar pela arte os tipos construídos. Ex:

É nessa passagem do abstrato para o concreto e do concreto para o abstrato que reside toda dificuldade de instituir a *harmonia mental* e prática.

(Comparação com o método infinitesimal).

4) Conciliação geral da teoria com a prática.

Vê-se, pois, que a distinção entre a razão abstrata e a razão concreta reduz-se a distinção entre a *teoria* e a *prática*.

Toda teoria tendo que ser geral é forçosamente *ABSTRATA*; toda prática tendo que ser especial é forçosamente *CONCRETA*.

Isto é, toda teoria tem que encarar fenômenos ou grupos de fenômenos em separados dos seres; toda prática tem que considerar grupos de fenômenos nos seres atuais.

Mas essa distinção mostra ao mesmo tempo a necessidade do concurso das duas apreciações para a vida real. Porque de fato nós não atuamos sobre os seres senão para modificar os fenômenos. Donde resulta que a nossa ação fica suficientemente sistematizada quando conhecemos os limites de variação de cada fenômeno e de cada sistema de fenômenos. Ora é isso que nos permite a razão abstrata, circunscrevendo os ensaios do nosso empirismo.

Eis como o Positivismo estabelece uma conciliação sistemática entre o *dogmatismo* e o *empirismo*.

5) Especificação dessa conciliação. Sistematização dos conhecimentos relativos às modificabilidades.

Para melhor realizar essa conciliação torna-se necessária a instituição de doutrinas intermédias entre a teoria e a prática, doutrinas que formam o que se denomina a teoria abstrata das artes. Exemplos:

Domínio inferior: a geometria descritiva; a teoria dos mecanismos.

Domínio superior: a política; a moral prática.

(Essas doutrinas devem ser cultivadas pelos práticos).

Distinção única normal entre os teóricos e os práticos. Uns atuam sobre a natureza humana e pelos meios que são privativos dessa natureza; os outros atuam sobre o mundo e sobre o homem por meios materiais.

Caráter sintético de ambos: os teóricos concebendo o conjunto das existências; os práticos o conjunto dos fenômenos que definem cada ser.

6) Dos diversos modos da abstração à vista desse destino.

Encarada de um modo geral a abstração conste em criar tipos ideais; esses tipos tem todos por fim corresponder às necessidades da vida humana religiosamente considerada. Mas, conforme as exigências particulares desse destino geral, ela é consagrada especialmente ao sentimento, à inteligência, ou à atividade.

Dai três espécies da abstração: a abstração afetiva, estética: o belo; a abstração intelectual, científica: o verdadeiro; a abstração prática, técnica ou industrial, religiosa ou moral: o bom, d'onde o plano ou a utopia, sendo a utopia o resumo dos três espécies de abstração. Daí a necessidade de não se separar a abstração estética da abstração científica, é da abstração prática. Essa combinação, porém, tem que ser feita já pelos teóricos já pelos práticos, conforme se trate de ordem humana ou da ordem exterior.

7) Conclusão. A abstração teórica, tendo por objeto o estabelecimento de regras gerais para dirigir a nossa conduta, deve instituir o regimen mediante a combinação permanente da poesia com a ciência.

II

Quadro geral da ordem abstrata. Donde concepção sistemática do Destino.

1. A Humanidade conseguiu, pois, decompôr a ordem a que está sujeita em dois domínios: um *abstrato* outro *concreto*.

O domínio *abstrato* é constituído por um arranjo ideal representando as disposições imutáveis. (leis) que os fenômenos guardam entre si *abstraindo dos seres*, e com o grau exigido pelo conjunto de nossa necessidades.

O domínio concreto é formado pela sistematização do conjunto dos seres, *naturais e artificiais* que são a sede desses fenômenos e que interessam a nossa existência.

A ordem concreta é, portanto, dominada pela ordem abstrata; mas o conhecimento desta deve ser instituída em vista daquela.

2. Concepção da ordem abstrata.

A ordem abstrata apresenta-se como constituída por dois grupos de leis:

- a) umas comuns a todos os fenômenos;
- b) outras peculiares aos vários grupos de seres.

Assim, essa ordem é formada por uma Fatalidade Suprema dominando uma série de Fatalidades subalternas.

3. Evolução histórica dessa concepção. Concepção inicial (concreta) da Fatalidade. Fetichismo. O Céu.

- 4. Concepção teocrática: politeísta e monoteísta ou judaica.
- 5. Concepção monoteísta: católica e islâmica, milagres.
- 6. Concepção científica: leis naturais.
- 7) Insuficiência dos esforços anteriores para constituir a concepção definitiva da ordem abstrata.

III

Constituição religiosa da ordem abstrata.

- 1) Concepção primitiva de Augusto Comte, até 1842.
- 2) Regeneração de Augusto Comte sob o influxo de Clotilde.
- 3) Insuficiência das leis para explicar os casos concretos. Necessidade de Fetichização. Concepção fetichica da Terra.
- 4) Problema da adoração do Destino.
- 5) Insuficiência dessa adoração sem uma imagem.
- 6) Aptidão do Espaço para satisfazer a semelhante culto: o Grão-Meio.
- 7) Conclusão. Amar a obediência involuntária como a base da obediência voluntária, tal é o sinal das almas emancipadas.

Rio de Janeiro, 19 de Monero de 109.
(16—2—1897)

Raimundo Teixeira Mendes

COMEMORAÇÕES

FESTA GERAL DA HUMANIDADE

Prece com que o Apóstolo da Humanidade Richard Congrève abria, todos os anos, a sua Festa geral, traduzida pelo Apóstolo Miguel Lemos, Fundador da IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL.

“Com todos os centros de nossa fé onde quer que existão; com todos os seus discípulos esparsos, com os fiéis de tôdas as outras religiões ou crenças quaisquer, Monoteístas, Politeístas ou Fetichistas, subordinando tôdas as distinções secundárias ao laço exclusivo de uma aspiração religiosa comum; com tôda a raça humana; isto é, com o homem, onde quer que se ache e qualquer que seja a sua condição, subordinando também tôdas as distinções secundárias ao laço único de nossa comum humanidade; com as raças animais que foram, durante a longa e trabalhosa acensão humana, os nossos companheiros e auxiliares, como ainda o são; estejamos hoje, nesta festa da Humanidade, unidos por uma consiente simpatia.

E não é sòmente com os nossos contemporaneos que devemos hoje estar em comunhão simpática, mas também e sobretudo com essa parte preponderante de nossa espécie que representa o Passado. Comemoramos com reconhecimento os serviços de tôdas essas gerações que nos legarão o fruto de seus labores, desejando transmitir esta herança aumentada aos nossos sucessores. Nós aceitamos o jugo dos Mortos.

Comemoramos também com gratidão todos os serviços de nossa Mãe comum, a Terra, o planeta que nos serve de morada, e com ela o orbe que forma o Sistema Solar, o nosso Mundo. Não separemos desta última comemoração a do meio em que colocamos êsse sistema, o Espaço, que foi sempre tão propício ao Homem, e que está destinado, mediante uma sábia aplicação, a prestar-lhe ainda maiores serviços, pois que êle torna-se a sede reconhecida da abstração, a sede das leis superiores que coletivamente constituem o Destino do Homem, e como tal introduzido em tôda a nossa educação intelectual e moral.

Do Presente e do Passado extendamos as nossas simpatias ao Porvir, às gerações futuras que com sorte mais feliz nos sucederão sôbre a Terra; tenhamo-las sempre presentes ao nosso espírito afim de completar a concepção da Humanidade, tal como nos foi revelada pelo Fundador de nossa Religião, pela plena aceitação da continuidade que constitui o Seu mais nobre característico.

A memória do maior dos servidores da Humanidade, AUGUSTO COMTE, e a dos seus três ANJOS DA GUARDA, ocorre naturalmente nesta Sua máxima festa, consagrada principalmente á memória de todos os que a têm servido, sejam conhecidos ou anônimos, e á comemoração de todos os resultados obtidos por eles e pelos quais sobrevivem.

Oh! o mais sábio e o mais nobre dos Mestres! possamos nós que nos proclamamos teus discípulos, animados pelo teu exemplo, sustentados pela tua doutrina, guiados pelas tuas teorias, vencer todos os obstáculos que a indiferença ou a hostilidade semeia no nosso caminho; possamos nós, no meio desta época revolucionária, sem nos deixar degradar por qualquer esperança de recompensa, nem desviar por qualquer insucesso dos nossos esforços, num espírito de submissiva veneração, levar por diante a grande empresa a que consagraste a tua vida, a empresa da regeneração humana, por meio e no seio do culto sistemático da Humanidade.”

—o()o—

“Atualmente destinada a regular e coordenar todos os aspectos da nossa existência, a Religião da Humanidade se compõe da três partes fundamentais: o Culto, o Dogma e o Regimen, que regulam respectivamente nossos sentimentos, nossos pensamentos e nossos atos. A Humanidade é o centro imutável da unidade final, em torno da qual se agrupam todos os seus filhos, movidos por um mesmo amor, guiados por uma fé uniforme e dedicados a uma atividade idêntica. Tudo o que somos, tudo que possuímos — bem-estar riqueza, linguagem,

ciências, artes, moralidade, tudo devemos á Humanidade, a êsse conjunto de sêres convergentes que, com seus trabalhos, sua abnegação e, também, seus sofrimentos, contribuíram para o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral de nossa espécie".

Assim, "amar, conhecer e servir á Humanidade, tal é a lei sagrada do dever".

Jorge Lagarrigue

(Positivismo e Catolicismo)

—o()o—

"Santa é piedosa Humanidade, doce Virgem Mãe nossa, que teu bendito alento nos leve sem cessar do eguismo ao alturismo: recebe nossa eterna gratidão. Nós te adoramos e glorificamos fervorosamente, por tua infinita bondade, como teus filhos fiéis e humildes servidores. E te prometemos de todo o coração, esforçarmo-nos por vencer nossas más inclinações, afim de que seja cumprida tua vontade sagrada — que nos manda viver só praticando o bem. Assim seja".

Juan Enrique Lagarrigue

(A Religião da Humanidade,
tradução de Américo Duarte de Viveiros)

—o()o—

Inspirado por minha Santa Mãe, Aurora Alessandri, que se incorporou á minha vida subjetiva no último ano da minha segunda infância, procurarei refletir nestas páginas a superioridade dos seus sentimentos maternos.

Desejaria que a sua memória perdurasse entre as Mães que encontraram neste trabalho algum auxilio para as suas santas funções vitais, sociais e morais.

Invoco a sua imagem querida ao abordar este importante exame da primeira das artes práticas: a Educação, que aperfeiçoa todos os campos da ação industrial e política, melhorando os seus agentes.

Regenerados pela Religião Universal, os corações e os espíritos só agora podem conceber a verdadeira perfeição da personalidade moral e da sociabilidade doméstica, civil e universal, ligando tudo ao amor, ao conhecimento e ao serviço do Grão-Ser: Família, Pátria, Humanidade.

Luiz Lagarrigue

"Moral Prática" — Dedicatória.

—o()o—

FESTA GERAL DA HUMANIDADE

TEORIA DA HUMANIDADE

Observações preliminares.

Primeira celebração no Brasil, que saibamos, a 1.º de Moisés de 27/93 (1.º de Janeiro de 1881); trinta e um anos depois da primeira manifestação pública por nós conhecida, da influência do Positivismo no Brasil, — 5 de fevereiro de 1850 — na antiga *Escola Central* do Rio de Janeiro. Essa primeira celebração de 1881, efetuou-se no *Salão Bevilacqua*, na rua dos Ourives, parte hoje absorvida pela *Avenida Central*. (Vide a publicação n.º 2 da Igreja Positivista do Brasil, *O culto positivista no Brasil*.)

Objeto desta festa: Glorificação da HUMANIDADE, na sua plena realidade, como vivendo na TERRA, involta subjetivamente pelo ESPAÇO. Realidade da Humanidade; sua concepção empírica, da mesma sorte que as da Pátria e da Família.

"Si a existência do Grão-Ser permanecesse realmente contestável, o seu reino não estaria próximo. Porém o seu desenvolvimento atual dispensa de demonstrar a sua realidade, profundamente surgida em tôdas as suas produções, morais, in-

telectuais, e mesmo materiais, cujo concurso universal dos tempos e dos lugares a análise positiva indica sempre. As obras as mais especiais e as menos duráveis são aliás aquelas em que a dupla cooperação nunca foi desconhecida, porque a sua facilidade superior torna então a participação mais vasta e mais bem apreciável. Quando a intensidade dos esforços individuais dissimula a influência coletiva, esta sobressai mediante a sublimidade dos resultados; como o testemunha sobretudo a incomparável composição onde o conjunto do Catolicismo acha-se, sob o impulso da idade-média, espontaneamente resumido. Visto a indivisibilidade que caracteriza a natureza humana, cada uma dessas demonstrações parciais da suprema unidade consolidas tôdas as outras, e poderia logicamente supri-las, si não conviesse multiplicar provas sempre ligadas às nossas melhores emoções. Todos os sofismas que a anarquia ou a retrogradação suscita hoje contra uma existência cada vez mais evidente acham-se necessariamente contraditórios, pois que a linguagem que formula essas blasfêmias constitui a mais coletiva das nossas construções. Nenhum desses protestos é assaz consequente para ousar negar também a Família e a Pátria, cuja natureza oferece entretanto os mesmos caracteres de composição atual e sucessiva, com uma menor extensão, que permite melhor sentir então o concurso". (*Sistema de Política Positiva*, tomo IV, ps. 27 a 28).

Concepção sistemática, graças aos esforços da própria Humanidade, resumidos em Clotilde e Augusto Comte: foi só Clotilde quem patenteou a Augusto Comte que a Mulher constitui a personificação suprema da Humanidade.

A concepção sistemática, isto é, religiosa da Humanidade, supõe: 1.º a noção dos entes coletivos; 2.º a personificação suprema da Humanidade no tipo feminino, afim de que se torne um verdadeiro centro da unidade moral e social (espontâneo, na infância, e, cada vez mais, sistemático, desde a adolescência).

Concepção sistemática ou religiosa da HUMANIDADE.

Aspécto estático.

Teoria da Ordem: instituição da Religião.

1.º Estrutura da HUMANIDADE.

Jerarchia dos sexos: preeminência da Mulher. A Mulher é um ente intermediário entre a Humanidade e os homens. (*SISTEMA DE POLÍTICA POSITIVA*, t. II, p. 63).

Conciliação da existência biológica (*viver em si e para si*) com a existência social (*viver para outrem, afim de reviver em outrem, por outrem*): teoria da propriedade material; santificação do trabalho ou atividade industrial (ação real e útil da HUMANIDADE sobre a TERRA); enobrecido pela sua destinação religiosa, já como base, já como regulador dos nossos esforços teóricos e práticos (afetivos e ativos).

Princípio dessa conciliação: Família: cultura fundamental do altruísmo; purificação do egoísmo. Ação moralizadora da Mulher sobre o homem: a Mulher é um ente intermediário entre a Humanidade e os homens.

Organismo social

PROVIDÊNCIAS HUMANAS

MULHER	Teóricos	Providência moral	
		Sacerdócio	Providência intelectual
homem	Práticos	Patriciado governo temperal tanto civil. como político	Providência material
		Proletariado opinião pública	Providência geral

FAMÍLIA. MÁTRIA ou CIDADE. IGREJA

É a cidade, órgão essencial da cooperação ativa, que cumpre sobretudo referir o homem, porém concebendo-o como preparado pela família e completado pela Igreja. (Pol. Pos. t. II. p. 341).

A Humanidade pode muitas vezes ser mais bem representada por uma simples família, do que por uma vasta associação que não corresponderia sinão a um dos seus aspectos essenciais. (Ibidem, p. 343).

II Existência da HUMANIDADE

Leis principais

Patenteadas no estado adulto, e, desde então, verificáveis em tôdas as fazes preparatórias:

O Amor por princípio, e a Ordem por base; o Progresso por fim. O Amor procura a ordem e impele para o progresso; a Ordem consolida o amor e dirige o progresso; o Progresso desenvolve a ordem e reconduz ao amor.

Viver para outrem. Viver às claras.

Ordem e Progresso.

Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados necessariamente pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana.

R. Teixeira Mendes

(Programa de ensino do Catecismo Positivista)

— o () o —

REALIDADE DA HUMANIDADE

Augusto Comte, estendendo aos fenômenos sociais o mesmo método de indagação já aplicado no estudo científico dos fenômenos cosmológicos e biológicos, foi levado a demonstração de que o conjunto das gerações humanas formava um Ser real; o maior e o mais elevado de todos aqueles que nós conhecemos.

Por maior que seja a dificuldade de uma tal concepção, ela não se nos impõe menos irresistivelmente do que qualquer das outras verdades positivas. Para ficarmos certos disso, basta notar que tôdas as objeções formuladas contra a realidade da Humanidade, como constituindo um ser único, podem também ser proposta em relação a qualquer ser vivo. Tais objeções se originam do fato de recusar-se subordinar a concepção de estrutura á da existência, está sendo a única suscetível de ser concebida imediatamente em virtude do seu caráter sintético.

A semelhança de todos os seres vivos, a Humanidade se compõe de elementos distintos porém solidários; só nos organismos inferiores, a solidariedade exige a contiguidade. Contudo, a cosmologia nos oferece já um exemplo de solidariedade sem contiguidade, no sistema planetário cuja realidade como um todo ninguém pode negar, depois de Newton e seus continuadores. Relativamente á continuidade da existência que constitui a vida, tal como se apresenta por toda parte, ela exige a renovação constante da substância.

Sustentar que a Humanidade não é um só e mesmo ser, porque as suas partes não possuem a cada instante a mesma composição material, é negar, ao mesmo tempo, a identidade de todo ser vivo, pois que nenhum apresenta, em dois momentos consecutivos as mesmas partículas componentes.

O criterium para julgar da persistência do ser vivo é fornecido pela continuidade dos fenômenos, e esta continuidade exige apenas a filiação entre as novas substâncias e as antigas. Ora, tôdas estas condições se mostram na vida da Humanidade.

A Humanidade resulta, portanto, do concurso contínuo dos seres convergentes, que mantêm e desenvolvem a sua estrutura. (R. T. M.).

Superior a todos os seres conhecidos, a Humanidade se viu forçada a desenvolver o seu destino sem dispôr de um tipo que pudesse dirigir suas tendências espontâneas, até que a sua evolução bastante ou suficientemente realizada permitisse caracterizar a sua marcha necessária.

Atribuindo a sua existência, como todas as outras, a poderes absolutos, Ela lhes concedeu, involuntariamente, todos os atributos de sabedoria e de bondade que Ela ponde conceber, do modo a erigi-los em guias provisórias da sua conduta.

Contudo, essas instituições sendo sempre subjetivas, seu papel teórico e prático não equivaliu jamais á base objetiva, única, que nos deve fornecer, finalmente uma suficiente apreciação do movimento humano.

A aptidão de sistematizar nossos destinos, em lugar de suportá-los cegamente, constitui pois o principal carácter da plena madureza atingido pela elite da espécie humana.

Esse núcleo central do verdadeiro Grão-Ser deverá prosseguir dagora em diante sua marcha natural com um digno sentimento do seu fim geral e dos meios que êle comporta.

A palavra *Ordem* tem duas significações: mando ou comando; arranjo ou organização.

Durante a infância da Humanidade, predominaram os deuses, os comandos, a indagação das causas as concepções absolutas, o regimen militar, a confusão dois poderes; na sua madureza devem prevalecer o arranjo ou a organização, o conhecimento das leis naturais, as concepções relativas, o regimen industrial, a separação dos dois poderes, a paz permanente.

Na primeira fase, tudo dependia ou decorria das vontades mais ou menos arbitrarias; na segunda, as vontades devem completar as leis já descobertas ou reveladas pela evolução da Humanidade.

Supremo intérprete da Humanidade, Augusto Comte, juiz e profeta, organizou o programa a seguir pelos filhos da Humanidade, de modo a subtraí-los da anarquia e da retrogradação em que fatalmente mergulham, hoje, conforme estão mais preocupados com a ordem ou com o progresso.

Só a conversão ao Positivismo das populações mais adiantadas poderá trazer a ordem e a paz que se tornam cada vez mais necessárias e mais difíceis de estabelecer na Terra.

Só o Positivismo poderá fazer com que os ricos ou patrões, sempre necessários, se compenemrem das seus deveres, abandonando os hábitos de cupidez, orgulho e vaidade e, ao mesmo tempo, convencer os pobres ou proletários de que se devem libertar da inveja e da ambição e do desejo secreto de imitar os seus chefes, como há mais de 70 anos escrevia o Apóstolo R. Teixeira Mendes.

1) Os retrogrados temem a dissolução da sociedade; os metafísicos imaginam destruir tôdas as suas instituições fundamentais. Só o quadro do futuro humano pode acalmar a cega solicitude de uns e retificar as vagas esperanças dos outros.

2) O estado final liga-se aos regimens anteriores, que apresentam, não só uma preparação necessária, mas, também, um programa característico.

3) Afinidades do Positivismo: a) com a sabedoria teocrática, pela volta á fórmula — , “conhecer para melhorar”, acrescentando, porém a previsão: saber, para prever, afim do prover. b) com o politeísmo grego, mediante a incorporação da arte á existência positivista, como complemento da felicidade e do aperfeiçoamento e mediante a transformação da ciência em base dogmática da religião. c) com a civilização romana, tornando irrevogável a preponderância da ação sobre a especulação e a subordinação da vida privada á vida pública. d) com a civilização católico-fendal, tornando a preponderância do sentimento mais direta e mais completado que na Idade-média, honrando o esforço decisivo no sentido de separar os dois poderes. e) com a anarquia excepcional que sucedem á série das transições parcialmente orgânicas, mostrando que a religião verdadeira só poderia surgir no meio revolucionário. f) quanto ás afinidades com o fetichismo inicial, basta ponderar que, em virtude de sua espontaneidade, êle é incorporado ao Positivismo.

4) As utopias que, há quatro séculos aspiram dirigir a regeneração final, não ligam, realmente, duas almas. Essa impotência resulta da concepção de um futuro que não é deduzido do conjunto do passado, que, aliás, não se pode apreciar fora do positivismo.

5) A religião positivista goza de duas propriedades conexas: a) uma, intelectual, que introduz a previsão por toda parte; outra moral, que funda ou assenta a harmonia humana na existência espontânea das inclinações simpáticas. A teologia e a metafísica repelem o altruísmo espontâneo com mais energia do que a previsão sociológica; aliás, a demonstração do altruísmo tinha que coincidir com o surto da sociologia, pois só ele permite representar o progresso pelo ascendente gradual da sociabilidade. Família, — Pátria, — Igreja, — Humanidade.

6) Se a existência do Grão-Ser podesse ser contestada, hoje, o seu reino não estaria próximo. Quanto à utilidade da concepção e do sentimento da Humanidade, seria mais difícil contestá-los do que a sua realidade.

7) Pascal, Leibnitz e Condorcet nos seus apanhados: *um homem que aprende sempre; o presente está grávido do futuro; toda espécie humana deve ser considerada como um só povo*, fizeram surgir os germens imediatos da concepção do Grão-Ser, a Humanidade.

8) A vida social exige uma conciliação permanente do concurso com a independência e só a religião, mediante o amor e a fé, é que permite realizar tal conciliação. Os instrumentos diretos da Humanidade são seres de natureza semelhante à sua, embora menos desenvolvidos, que parecem viver a parte ou isolados. Daí, se cada um desses seres exagera a sua importância, o perigo da independência; se o concurso extinguisse a independência, a existência coletiva também seria destruída. O perigo do excesso de independência (anarquia) é maior do que o de excesso de concurso (comunismo). No primeiro caso, haverá excesso de instinto destruidor e do orgulho; no segundo, do instinto construtor e da vaidade. Os anarquistas são ingovernáveis; os comunistas são passivos, amorfos ou gregários, aproximando-se das grandes forças naturais, que precisam ser captadas canalizadas, dirigidos e fiscalizadas permanentemente, sob pena de ineficiência ou desastres. A economia humana legítima consiste, como acima ficou dito, na conciliação da independência com o concurso, por intermédio da religião, que restringe uma e aumenta o outro, mas em virtude do esclarecimento, baseado no sentimento, da vontade que, livremente, se sujeita, por amor.

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

*Fundada, sob a angélica inspiração de CLOTILDE DE VAUX
(née Marie), por AUGUSTO COMTE.*

O Amor por princípio, e a Ordem por base; O Progresso por fim.

—o()o—

Viver para outrem. Viver às claras. Ordem e Progresso

—o()o—

Comemoração fúnebre de

AUGUSTO COMTE

Realizada no templo da Humanidade em 24 de Gutenberg de 146

(5 de Setembro de 1934)

— por —

GEONISIO CURVELLO DE MENDONÇA

—o()o—

Templo da Humanidade

74, Rua Benjamin Constant, 74

SEDE CENTRAL DA IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL

RIO DE JANEIRO

1934

ANO CXLVI DA REVOLUÇÃO FRANCESA E LXXX DA ERA NORMAL

AUGUSTO COMTE

Tu duca, tu signore, e tu maestro.

(DANTE, "Inferno", Canto II)

A Igreja Positivista celebra hoje a entrada do seu glorioso Fundador na imortalidade subjectiva.

Aos 24 de Gutenberg de 69, Augusto Comte era surpreendido pela morte em meio de sua tarefa ingente. Morria na pobreza, quasi na obscuridade, rodeado apenas por um pequeno número de discípulos fiéis e só conhecido, fóra d'este grêmio, por aqueles que ele opulentára com as migalhas de seu genio, e que ocultavam cuidadosamente a origem de tão súbita riqueza. Muitos deles pagaram-lhe as lições com o insulto, com a calúnia e com a traição...

Essa vida, que terminava inopidamente aos 59 anos, fóra toda consagrada, com uma competência excepcional de coração, de inteligência e de caráter, á solução do problema religioso.

Dar á sociedade futura uma religião científica, sem mistérios, sem absurdos, baseada na totalidade dos conhecimentos positivos e tendo por alvo supremo o maior aperfeiçoamento do homem, tal foi o fim que se propôs o grande Pensador.

O problema impunha-se com o pêso de todo o passado. Resolvê-lo era reatar de novo o fio das idades e congraçar outra vez o homem com o homem. E por este modo a religião depois de ter sido espontânea no período fetichista, inspirada na fase politeica, revelada durante a concentração monoteista, tornava-se, enfim, demonstrada. *Diis extinctis Deoque successit Humanitas.*

A profecia de José de Maistre estava realizada. Aparecera o homem prodigioso que devia terminar a obra demolidora do século XVIII, reunindo em si as afinidades da ciência e da religião.

Este empreendimento Augusto Comte o levou a cabo com um saber e uma grandeza moral inexcedíveis.

Foi um sábio e um santo.

A sua instrução aristotélica abraçava tôdas as ciências existentes no seu tempo, desde a Matemática até a Biologia. Criou mais uma, a Sociologia, e lançou os fundamentos da Moral.

A sua abnegação não teve superior. Perseguido pelos corifeus da ciência oficial, viu-se despojado com a máxima iniquidade das modestas ocupações que exercia, e aceitou a miséria com a serenidade do justo.

O pão chegou a faltar-lhe. Um dia a sua criada, testemunha comovida de tão dolorosa situação, lançou-se-lhe aos pés e rogou-lhe com lágrimas que aceitasse o pequeno auxílio de suas economias para não ver o seu amo morrer á fome!

O coração da humilde proletária compreendera o heroismo d'esse homem, tão firme com os poderosos e tão bom para com os fracos e os pequenos.

Finalmente, um amor puro e imenso, assombro e escândalo da grosseria contemporânea, o elevou, sob o santo impulso de Clotilde de Vaux, ás alturas ideais do mais sublime entusiasmo.

Aristoteles pela inteligência, São Paulo pelo coração, Junio Bruto pelo caráter, tal foi o fundador da Religião da Humanidade.

Os posteros saberão comemorar melhor do que nós essa incomparável existência, para cuja apoteóse concorrerão todos os esplendores da arte regenerada por um novo culto e alimentada por uma comunhão espiritual até hoje desconhecida.

Do seio da paz universal irromperão os hinos sagrados em louvor do Divino Mestre. Tôdas as raças, tôdas as pátrias, tôdas as famílias, congraçadas por uma crença comum, instruídas do Passado, seguras do Porvir recordarão unânimes os grandes serviços do egregio Fundador.

Por enquanto cumpre ainda vencer. Os fremitos da luta perturbam a expansão religiosa do dia de hoje. Um dia de festa é para nós um dia de trégua apenas. Amanhã será necessário continuar o apostolado, convencer, persuadir, repelir a calúnia e sofrer a injúria.

Não importa. As profecias científicas não mentem e os sinais certos da vitória já estão por toda parte.

Com os olhos fitos nessa unidade religiosa do futuro, Jerusalém espiritual e cidade celeste, sonhadas pelas grandes almas de Israel e do Catolicismo, satisfação real das aspirações prematuras dos generosos utopistas, termo da miséria e da guerra, advento da fraternidade universal, recordemos hoje os exemplos legados pelo indefeso Lidador e façamos votos de imitar a sua constância inabalável e a sua sublime dedicação pelos destinos da Humanidade.

MIGUEL LEMOS,

Diretor da Igreja Positivista do Brasil.
(38, rua Benjamin Constant)

RESUMO DA VIDA DE AUGUSTO COMTE

O Apóstolo R. Teixeira Mendes reconhece três períodos na vida dos fundadores da Religião da Humanidade: Clotilde de Vaux e Augusto Comte.

O primeiro período se decompõe em duas partes: a) a relativa à evolução espontânea e solitária de Augusto Comte, de 1797 a outubro de 1844, em que o Nosso Mestre, sob o influxo moral de sua Mãe Rosalia, funda sistematicamente a Filosofia Positiva; b) a relativa à evolução espontânea e solitária de Clotilde de Vaux, de 1814 a outubro de 1844, em que a Nossa Mãe espiritual institue decisivamente, de modo prático e estético, a Moral Positiva.

O segundo período, de outubro de 1844 a 10 de abril de 1846, é aquele em que os esforços de todas as Mulheres Santas, de todos os Práticos, Sábios e Santos para a solução do problema humano se resumem em Clotilde e Augusto Comte, desfechando na Fundação da Religião da Humanidade.

O terceiro período, finalmente, de 10 de abril de 1846 até 24 de Gutenberg de 69 (5 de setembro de 1857) é aquele em que o Nosso Mestre, sob as influências subjetivas de Rosalia e Clotilde e com o amparo objetivo de sua filha adotiva Sophia Bliaux, constrói inteiramente e inicia plenamente a Religião da Humanidade.

— o () o —

1.º PERÍODO (1.ª Parte)

a) Concepção, infância e adolescência de Augusto Comte (1797 - 1819)

Os pais de Augusto Comte, Felicidade Rosalia Boyer e Luiz Augusto Comte casaram-se no dia 31 de dezembro de 1796, em Jonquières, no Hérault.

Rosalia Boyer nasceu em 28 de janeiro de 1764, em Jonquières (Hérault) e faleceu em Montpellier, em 3 de março de 1837, com 73 anos de idade.

Luiz Comte nasceu em Saint Hippolyte-du-Fort (Gard) em 1776, sendo batizado em 19 de agosto do mesmo ano. Luiz Comte foi negociante e, em 1799, entrou para a reitoria geral do Departamento do Hérault, sendo aposentado contra a sua vontade e por intrigas políticas, em 1846. Faleceu em Montpellier, em 1859, a 10 de junho, com 83 anos de idade.

Os pais de Augusto Comte eram realistas e católicos e o ano de 1797 foi o de maiores esperanças do partido a que pertenciam. Em 1796, Joseph de Maistre, o grande pensador católico, publicara as "Considerações sobre a França", onde se lê a seguinte profecia:

"Estou tão persuadido das verdades que defendo que, quando considero o enfraquecimento geral dos princípios morais, a divergência das opiniões, o abalo das soberanias que estão sem base, a imensidade de nossas necessidades e inanidade de nossos meios, parece-me que todo verdadeiro filósofo deve optar por uma destas hipóteses: ou que se vai formar uma nova religião, ou que o cristianismo será rejuvenescido de algum modo extraordinário. E entre estas duas suposições que é preciso escolher, segundo o partido que se tiver tomado sobre a verdade do cristianismo".

"Esta conjectura só será repelida desdenhosamente por estes homens de vista curta, que só acreditam no que estão vendo. Que homem da antiguidade teria

podido prever o cristianismo? E que homem estranho a esta religião teria podido, nos seus começos, prever-lhe o sucesso? Como saberemos que uma grande revolução moral não está começada?

Nas "Soirées de Saint Petersbourg", dizia De Maistre:

"Aguardai que a afinidade entre a ciência e a religião as reúna na cabeça de um só homem de gênio; o aparecimento deste homem não poderá estar longe e talvez mesmo ele já exista: este será famoso e por fim ao século dezoito que dura sempre".

E no tratado "Do Papa", declarava ainda o mesmo autor.

Nós chegamos à maior das épocas religiosas, na qual todo homem, se para isso tem força, é obrigado a trazer uma pedra para o edifício agusto cujos planos estão visivelmente delineados".

O ano de 1797 foi o das grandes esperanças dos realistas, que venceram nas eleições gerais e tentaram o restabelecimento completo do culto católico.

(Projeto do deputado Lyonez Camillo Jordan, mais tarde apelidado Jordan Carrilhão).

Rosalia Boyer, católica sincera e fervorosa, desejou que ao seu primeiro filho coubesse um papel assinalado no renascimento religioso.

Assim, quando Augusto Comte nasceu, em Montpellier, em 19 de janeiro de 1798, além dos sobrenomes *Augusto e Comte*, que eram de seu pai Luiz Augusto Simão Comte, recebeu mais os de Izidoro, *Maria e Francisco Xavier*, que bem caracterizam não só as esperanças dos seus pais, mas a nobre natureza de tais esperanças.

Izidoro —, São Izidoro de Sevilha, irmão mais moço, discípulo e sucessor de São Leandro no arcebispado de Sevilha, foi na sua época (560-636) um enciclopedista: em uma das suas obras — "Origens ou Etimologias" — fez um compêndio do que se sabia no seu tempo sobre Deus, a Igreja, a Medicina, a Jurisprudência, a Linguagem, o Homem, os Animais, a Geografia, a Agricultura, etc., como nos informa o padre Ramón Ruiz Amado, da Companhia de Jesus, na sua História da Educação.

O arcebispo São Izidoro tinha um cuidado especial pelas escolas que fundou, e estava, portanto, certo sobre a principal função do poder espiritual, isto é, a educação das novas gerações.

Francisco Xavier, o apóstolo das Índias, é com Santo Ignacio de Loyola e alguns outros, um dos fundadores, no dia 15 de agosto de 1534, numa igreja de Montmartre, em Paris, da Companhia de Jesus.

Homem de ação, humilde e enérgico, obediente e dirigente, de 1541 até a morte, em 1552, ele prega o catolicismo, nas Índias, nas ilhas da Ásia, no Japão e na China, e de tão longe brada aos seus mestres europeus:

"Vem-me com frequência ao pensamento percorrer as universidades da Europa, principalmente a de Paris, e clamar com todas as minhas forças aos que têm mais saber do que caridade: Ah! quantas almas perdem o céu e caem nos infernos por culpa vossa!"

"Seria para desejar que essas pessoas se aplicassem à conversão das almas como fazem ao estudo das ciências, para poderem dar contas a Deus da sua doutrina e dos talentos que ele lhes deu".

Os dois santos (ambos incluídos mais tarde por Nosso Mestre no seu Calendário histórico) se completam como modelos: se um indica que é necessário aprender tudo, o outro mostra a obrigação de empregar toda ciência adquirida em uma obra verdadeiramente útil. Os dois grandes católicos lembravam especialmente o Repemtor, resumo, pelo seu culto, de todas as religiões anteriores; e para que nada faltasse na indicação das esperanças dos pais de Augusto Comte, Maria, recordando a adoração da Virgem Mãe, vinha prenunciar o culto do futuro, desta religião nova que De Maistre profetizara com tanto calor e segurança.

Além dos dotes naturais e do entusiasmo pelas questões sociais, herdados de sua Nobre Mãe, Augusto Comte, até a idade de nove anos (1807), recebeu d'Ela uma perfeita educação católica. É assim que, escrevendo a Valat, seu amigo de infância, Ele diz: "tú merecias ser condenado, por crime de lesa-correspondência, a recitar pelo menos os sete salmos da penitência". (Salmos 6, 31, 37, 50, 101, 129 e 142) e esta simples referência demonstra os ensinamentos recebidos no lar materno, que nem o Liceu nem a Escola Politécnica fizeram esquecer.

Em 1807, Augusto Comte, que então usava o prenome de Izidoro, foi colocado como aluno interno do Liceu de Montpellier e aí, depois de outros, obtinha, em 1813, o prêmio único de matemáticas especiais e, em 1814, era declarado fora de concurso, por ter obtido o prêmio no ano anterior.

"Augusto Comte, diz o Dr. Robinet, teve a felicidade de ficar, nos seus últimos anos de estudos colegiais, sob a direção de um homem tão eminente pelo coração como pelo espírito, o venerável Daniel Encontre, mais tarde professor de dogma da Faculdade de teologia protestante de Montauban, e que então ensinava matemáticas no Lyceu de Montpellier".

"Foi a ele que Augusto Comte dedicou o primeiro volume de sua última obra, a "Síntese Subjetiva", e aí se pode ver que o tempo nada tinha apagado da profunda impressão que esse nobre mestre tinha feito em semelhante discípulo".

Em 1.º de novembro de 1814, entrava Augusto Comte para a Escola Politécnica de Paris, depois de ter sido classificado em primeiro lugar, na lista do examinador Francoeur, para o centro e sul da França.

Em carta de 2 de janeiro de 1815, ao mesmo Valat, informava Augusto Comte:

"Quanto aos nossos cursos, temos agora cálculo infinitesimal, corte de pedras, física, química, literatura francesa e desenho".

"Estes dois cursos (os de física e química) são excelentes: o de química é feito pelo célebre Thenard e o de física pelo Sr. Petit, ambos antigos alunos da Escola".

Além de outros professores, Augusto Comte teve o nobre e ilustre geometra Poinot, autor dos famosos "Elementos de Estática e de várias memórias, o qual foi depois um apreciador e protetor do Nosso Mestre.

Na carta antes referida, de 2 de janeiro de 1815, há a seguinte nota que demonstra qual a emancipação a que tinha chegado Augusto Comte, aos 17 anos:

"O que me informate sobre os bilhetes de confissão no lyceu não me fez rir como pensavas. Outro sentimento, a mais viva indignação se apoderou de mim; acudiu-me a triste reflexão que a mesma coisa se faz em todos os lyceus. A geração que se está formando será ainda mais embrutecida que a geração atual; depois disto não há mais esperança, a liberdade de minha pátria está perdida irrevogavelmente; o despotismo real renascerá tal como era antes da sublime insurreição de 1789, e talvez pior!!! Pobre França! desgraçados amigos da liberdade! Os nobres esforços que fizestes com risco de vossa vida, para dar aos meus concidadãos a posse de seus legítimos direitos, ficaram sendo inúteis, e talvez morreréis vítimas de vosso devotamento à causa da razão e da Humanidade! Ah! se o espírito fôsse por toda parte como na Escola!...

As preocupações sociais estavam sempre presentes na alma de Augusto Comte. Gondinet, que foi seu camarada de sala, conta que Ele redigia imediatamente a lição do professor e ocupava-se em seguida de estudos políticos, sobretudo da história das constituições; estava sempre pronto, aliás, a dar aos seus camaradas, com a maturidade de um professor, todas as explicações científicas que eles desejassem". (J. Longchampt. "Vida de Augusto Comte". Tradução e notas de Miguel Lemos).

Por ocasião dos "Cem-Dias", os alunos da Escola Politécnica, por iniciativa de Augusto Comte, apresentaram-se para a defesa da França contra os aliados. A Restauração manteve a Escola, mas 1816 deu-se um incidente com o repetidor Lefébure, que motivou o licenciamento dos alunos e a exclusão do jovem Augusto Comte, que foi mandado entregar à família.

Poucos meses passou Augusto Comte em Montpellier, onde seguiu os cursos da célebre escola de medicina desta cidade; em setembro de 1816 voltou ele a Paris. Uma vez ali, procurou meios de subsistência no ensino da matemática e, graças à proteção de Poinot, não lhe faltaram alunos e, entre eles, houve um príncipe de Carignan.

Nesse tempo, Augusto leu, principalmente, Fontenelle, Maupertins, Montesquieu, Adam Smith, Fréret, Ducloux e, sobretudo, Diderot e Hume; meditou Condorcet, que proclamou seu pai espiritual, mas completou-o por José de Maistre e de Bonald; continuou os seus estudos biológicos com o conhecimento aprofundado das obras de Bichat, Cabanis e Gall, e depois, com as lições, e convívio durante anos seguidos, de Blainville e Broussais. Cumpre acrescentar que Augusto Comte acompanhou o curso de astronomia de Delambre, no Colégio

de França e, a propósito da Teoria analítica do calor, entrou em relações com José Fourier, "o principal geometra do século XIX, na opinião posterior, do mesmo Augusto Comte.

Em fins de 1817, um camarada de Augusto Comte levou-o à casa do conde Henri de Saint-Simon, que fôra aluno de D'Alembert e parecia representar os pensadores do século XVIII. (Nota ***).

O jovem pensador ligou-se a Saint-Simon de 1817 até 1824, mas foi obrigado a abandoná-lo em virtude do antagonismo completo, cada vez mais patente, entre eles, no modo de encarar os problemas sociais e as suas soluções.

Apesar, porém, dessa discordância, têm-se escrito que Augusto Comte é um discípulo de Saint-Simon. O Dr. Robinet, na sua "Notícia sobre a obra e a vida de Augusto Comte", demonstrou completamente que os trabalhos de Nosso Mestre nada têm de comum com as do célebre agitador.

Saint-Simon acreditava numa atração universal submetida à ação divina, associando o materialismo científico ao deísmo metafísico e, nesta direção, oscilava entre a realeza e o império. Assim, em janeiro de 1815, ele escrevia a Luiz XVIII: "Os estudos filosóficos e políticos aos quais eu consagrei minha vida, que tinham, até aqui, uma direção vaga, têm, agora, por fim único manter o sceptro nas mãos dos Bourbons e consolidar a monarquia que Vossa Magestade reconstituiu".

Assim, não sendo emancipado nem em política nem em filosofia, nem republicano nem sábio, Saint-Simon, diz o Dr. Robinet, não podia achar nem mesmo procurar as leis dos fenômenos sociais. A fundação da sociologia lhe sendo interdita fatalmente, excluído estava ele da primeira parte da operação renovadora: a sistematização das idéias humanas. Eis porque o complemento dedutivo, a sistematização dos sentimentos e dos atos, ou a reorganização moral e social tornou-se-lhe igualmente inacessível."

(Nota *** — Em 1816, o general Camprédon apresentou Augusto Comte ao general Bernard, que estava tratando de organizar uma escola de engenharia nos Estados Unidos e garantiu que conseguiria o lugar de professor para Augusto Comte. O projeto não se realizou.)

Apreciando o incidente da sua ligação com Saint-Simon, diz o Nosso Mestre:

"Nesta época, quando eu tinha chegado a sentir, ao mesmo tempo, a extensão e a insuficiência da tentativa de Condorcet, minha evolução espontânea foi profundamente perturbada durante alguns anos, sem entretanto ser jamais desviada ou suspensa, por uma ligação funesta com um escritor muito engenhoso mas muito superficial, cuja natureza própria, muito mais ativa do que filosófica, não comportava outro móvel essencial, além de uma imensa ambição pessoal".

Augusto Comte declara que a sua evolução foi perturbada, mas não foi desviada nem suspensa; assim, em 1817, Ele realiza dois passos decisivos na sua evolução: o primeiro consiste na teoria subjetiva do espaço e o segundo na sentença: Tudo é relativo; eis o único princípio absoluto.

Além dos artigos publicados na "Indústria", dos ensaios sobre a filosofia das matemáticas e da tradução da Análise Geométrica de John Leslie, o ano de 1818 ficou assinalado pelo começo do segundo dos seus opúsculos decisivos, publicado em janeiro de 1919, no qual o jovem Pensador "considerava a liberdade de imprensa como permitindo a todos cidadãos uma autoridade consultiva".

a) *Juventude de Augusto Comte (19 de janeiro de 1819 a 19 de janeiro de 1826).*

Ao quarto e último tomo da "Política Positiva" o Nosso Mestre juntou uma série de trabalhos publicados durante a sua juventude. São opúsculos relativos à filosofia social e demonstram a íntima conexão entre o Sistema de Política Positiva e o Sistema de Filosofia Positiva de Augusto Comte, tornando evidente a inconsequência dos positivistas intelectuais, que pretendem aceitar somente a filosofia.

Tais trabalhos são relativos: A' separação geral entre as opiniões e os desejos (julho de 1819).

A uma sumária apreciação do conjunto do passado moderno (abril de 1820).

A um plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade (maio de 1822).

A's considerações filosóficas sobre as ciências e os sábios (novembro de 1825).

As considerações sobre o poder espiritual (março de 1826).

A estes juntou mais o Nosso Mestre o "Exame do tratado de Broussais sobre a "Irritação", que é de agosto de 1828.

O terceiro dos opúsculos citados: — "Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade" — encerra o desfecho de todas as meditações anteriores de Augusto Comte e marca o início de todo o seu glorioso futuro, como se vê do seu Testamento:

"Contudo, quando tinha chegado a um estado de ceticismo mais completo do que o de qualquer dos meus contemporâneos, disse-me libertei, irrevogavelmente, na idade de vinte e quatro anos, pela minha descoberta das leis sociológicas que me impeliu diretamente para a reconstrução da espiritualidade".

O Apóstolo R. Teixeira Mendes caracteriza esta fase da vida do Nosso Mestre com os seguintes versos de Dante:

(*"Divina Comédia". Purgatório, Canto 1.º*)

Por mais tranquilas águas vai agora
Do meu engenho a nave abrir as velas,
Tão proceloso mar atrás deixando:
Cantarei o segundo Reino, aquê
Em que as almas despindo as impurezas,
De remontar aos céus se tornam dignas. (6)

E disse o ancião: Cumpro um mandato: (52)
Dama do céu baixou, por cujas preces
Tive de a êste vir prestar auxílio.

Este a hora final não viu ainda, (58)
Porém por sua insanía tão vizinho
Esteve dela, que por pouco a vira.
Conforme hei dito, eu lhe fui enviado
Para salvá-lo, e havendo esta só via,
Nela por força tive de internar-me.

Cruzavamos o campo solitário, (118)
Como o que em busca da perdida senda
Crê que anda em vão, enquanto a não encontra.

Tal citação é precedida das seguintes palavras do Nosso Mestre:

"Minha nobre e terna Mãe, que eu perdi há quatorze anos, foi realmente a primeira fonte de todas as minhas qualidades essenciais, não somente de coração, mas também de carácter e mesmo de espírito".

Desde o começo da minha carreira, nunca cessei de representar o grande Condorcet como meu pai espiritual." — (Augusto Comte, Pol. Pos. 1.º Pref. 12 e III, Pref. XV).

Graças a estas duas influências, Augusto Comte, às 6 horas da manhã, de 6 de maio de 1822, terminava o imortal opúsculo no qual consignou a sua incomparável descoberta.

"O conjunto dos factos políticos deixou desde então de oferecer o espectáculo de um caos informe: nem o capricho dos deuses nem o arbítrio dos homens os tinham produzido; eles eram todos a consequência das leis naturais supremas que os encadeiam uns aos outros como a gravitação liga os fenómenos planetários!

Este maravilhoso resultado veio anunciar o fim da revolução moderna e o encerramento da vida preliminar da Humanidade." — (R. Teixeira Mendes — Clotilde et Comte. T. 2.º, 325).

O opúsculo de 1822 se divide em três partes: *Introdução; Exposição geral; Primeira série de trabalhos.*

As observações de Nosso Mestre parecem escritas nos dias de hoje, apesar do tempo decorrido e dos progressos contínuos realizados e expostos nas suas imortais obras posteriores.

Nós vamos recordar os trechos mais impressionantes desse trabalho, realizado quando o Nosso Mestre contava apenas vinte e quatro anos: qualquer trecho da vida de Nosso Mestre é um grande poema.

1.ª Parte. INTRODUÇÃO

Um sistema social que se extingue, um sistema novo que chegou á madureza e que tende a se constituir, tal é o caracter fundamental assinalado á época atual pela marcha geral da civilização.

O fim geral dos meus trabalhos é a formação de um novo sistema social, que transforme em orgânico o caracter crítico ou retrogrado da direção da sociedade.

Para os reis, a reorganização da sociedade consiste no restabelecimento do sistema teológico e feudal. Mas esta retrogradação não bastaria: seria necessário suprimir a filosofia do século XVIII, a Reforma do século XVI, o progresso das ciências, a libertação das comunas, da servidão, etc. Tudo isto é absurdo, mas supondo possível nada estava feito, uma vez que não fôsse destruído o princípio de civilização progressiva, inerente á Humanidade.

Assim, os reis incorrem em contradições perpétuas, onimando os progressos das artes, das ciências e das indústrias. Por outro lado, os mesmos reis degradam o poder espiritual teológico, como se vê no tratado da Santa Alliança, onde o referido poder não tem voto.

A maneira pela qual os povos concebem a reorganização da sociedade não é menos viciosa, embora desculpável, pois que eles se perdem na procura de um novo sistema para o qual a marcha da civilização os arrasta. Em uma palavra, os reis estão em contradição com os factos e os povos estão em contradição com os princípios.

A opinião dominante no espírito dos povos sobre o modo pelo qual a sociedade deve ser reorganizada, tem como traço característico uma profunda ignorância das condições fundamentais que devem preencher um sistema social qualquer para ter uma consistência verdadeira. Tal opinião se reduz a apresentar, como princípios orgânicos os princípios críticos que têm servido para destruir o sistema feudal e teológico, ou, em outros termos, a tomar simples modificações deste sistema como bases do que é necessário estabelecer.

O governo é representado como um inimigo natural acampado no meio do sistema social; e a sociedade mantém-se num estado permanente de desconfiança e hostilidade defensiva pronta a explodir ao primeiro ataque da autoridade.

O princípio desta doutrina, no ponto de vista espiritual, é o dogma da liberdade ilimitada de consciência; no ponto de vista temporal, o dogma da soberania popular corresponde ao primeiro. O primeiro é contrário ao princípio teológico e o segundo ao princípio feudal; ambos nasceram para destruir e são inteiramente impróprios para fundar qualquer sistema.

Um substitui a infalibilidade papal pela infabilidade individual; o outro substitue o arbitrio dos reis pelos dos povos ou melhor dos indivíduos quaisquer. Um leva ao governo temporal as classes mais atrasadas; o outro investe ao homens menos esclarecidos no direito de censura absoluta sobre o sistema de idéias gerais estabelecido pelos espíritos superiores para servir de guia á sociedade.

As duas maneiras diferentes de encarar a reorganização social (a dos governantes e a dos governados) são anarquistas no mesmo grau, uma pela sua natureza íntima e a outra pelas suas consequências necessárias.

Estas duas opiniões opostas e igualmente viciosas tendem, pela natureza das coisas a se fortificar mutuamente e, como consequência, a alimentar indefinidamente a fonte das revoluções.

Acrescente-se a êste quadro a influência das diversas facções, a cujos projectos um tal estado de coisas apresenta um campo tão vasto e tão desfavorável; examinem-se os seus esforços para impedir que a questão se esclareça, para impedir que governantes e governados se entendam e se conheçam os seus erros mútuos e ter-se-á uma idéia justa da triste situação em que se encontra hoje a sociedade.

De tudo resulta a necessidade da formação e adopção geral de uma doutrina orgânica, que faça cessar, ao mesmo tempo, a retrogradação e a anarquia.

2.ª Parte. EXPOSIÇÃO GERAL

O vício geral da marcha seguida pelos povos e pelos reis, na procura de um plano de reorganização, consiste em que uns e outros têm tido, aqui uma idéia extremamente falsa da natureza de um tal trabalho e, por tal motivo, têm

confiado tão importante missão a homens inteiramente incompetentes.

A multiplicidade das pretendidas constituições criadas pelos povos desde o começo da crise e a excessiva minúcia de redação de quasi todas, bastariam para mostrar, com plena evidência, a qualquer espírito capaz de julgar, quanto a natureza e a dificuldade da formação de um plano de reorganização têm sido desconhecidas até hoje. Um tal palavrório seria a vergonha do espírito humano em política se, no progresso natural das idéias, este não fôsse uma transição inevitável para a verdadeira doutrina final.

A pretensão de construir, de uma vez, em alguns meses ou mesmo em alguns anos, toda a economia de um sistema social em seu desenvolvimento integral e definitivo é uma quimera estravagante, absolutamente incompatível com a fraqueza do espírito humano.

A formação de um plano de organização social se compõe de duas séries de trabalhos: um teórico ou espiritual relativo ao desenvolvimento da idéia mater do plano ou do novo princípio de coordenação das relações sociais; outro prático ou temporal, que determina o modo de repartição do poder e o conjunto de instituições administrativas mais conformes ao espírito do sistema, tal como foi definido pelos trabalhos teóricos.

A sociedade, seja de uma centena ou de milhões de homens, supõe a direção de todas as forças particulares para um fim geral de atividade. Por outro lado, só há dois fins para atividade de uma sociedade: a ação violenta sobre o resto da espécie humana, ou a conquista; a ação sobre a natureza para modificá-la em proveito do homem, ou a produção. Qualquer sociedade que não fôsse organizada para um destes fins seria bastarda ou sem caráter. O fim militar era o do sistema antigo; o fim industrial é o do sistema novo.

O primeiro passo a dar para a reorganização era a proclamação explícita desse novo fim.

As alterações do sistema antigo têm versado só sobre a forma, o fundo é essencialmente o mesmo. Os antigos poderes foram fracionados e o sublime em política é o estabelecimento da oposição entre os seus diferentes ramos.

A grande divisão dos dois poderes, principal aperfeiçoamento introduzido em política pelo antigo sistema, foi esquecida e foi-se levado a esta monstruosidade de uma constituição sem poder espiritual.

Como a necessidade de uma verdadeira reorganização se faz sempre sentir, os povos se agitam e se esgotam procurando novas combinações, e, modificação em modificação, vão destruindo cada vez mais o sistema católico feudal, sem substituí-lo, marchando a grandes passos para uma anarquia completa, única saída natural de semelhante caminho.

Uma tal conclusão prova evidentemente a necessidade urgente e inevitável de adotar, para o grande trabalho da reorganização social, a marcha tão claramente ditada pela natureza do espírito humano.

A primeira série de esforços diretos para terminar a época revolucionária deve ter por objeto a reorganização do poder espiritual; e, até agora, a atenção só se tem fixado na reforma do poder temporal.

A classe dos legistas é que tem fornecido os homens chamados a dirigir os trabalhos das pretendidas constituições e como, até aqui, só se tem modificado o antigo sistema, com o auxílio dos princípios críticos, a eloquência teve que ser a faculdade posta em jogo pelos seus cultores habituais.

A classe temporal dos legistas corresponde a classe espiritual dos metafísicos e uns e outros, chamados para criticar e para modificar, fizeram o que deviam fazer, mas, por isso mesmo, são impróprios para trabalhos verdadeiramente orgânicos.

A doutrina crítica leva cada um a se considerar juiz supremo das idéias políticas gerais.

Só os sábios exercem, em matéria de teoria, uma autoridade incontestada; só os sábios possuem os dois elementos fundamentais do governo moral: a capacidade e a autoridade teórica; só os sábios, por outro lado, formam na sociedade européia uma verdadeira coalizão, compacta, ativa, cujos membros se entendem e se correspondem com facilidade.

É necessário estabelecer para a política uma teoria positiva, distinta da prática, ou, em resumo: os sábios devem, hoje, elevar a política à classe das ciências de observação.

Tal é o ponto de vista culminante e definitivo a que é preciso chegar. Deste ponto de vista, é fácil resumir, em uma série de considerações simples, a substância de tudo o que foi dito desde o começo deste opúsculo. Resta fazer esta importante generalização, que é só a que permite tornar o pensamento mais rápido, fornecendo os meios de ir mais longe.

Pela própria natureza do espírito humano, cada ramo dos nossos conhecimentos está necessariamente sujeito na sua marcha a passar sucessivamente por três estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstrato; enfim, o estado científico ou positivo.

No primeiro estado, as idéias sobrenaturais servem para ligar o pequeno número de observações isoladas de que se compõe então a ciência.

O segundo estado é unicamente destinado a servir de meio de transição do primeiro para o terceiro.

O terceiro estado é o modo definitivo de toda ciência qualquer; os dois primeiros não sendo destinados senão para prepará-lo gradualmente.

Considerando a política como uma ciência, aplicando-se-lhe as observações precedentes, chega-se à conclusão que ela passou pelos dois primeiros estados e está em condições de atingir o terceiro.

A doutrina dos reis ou do direito divino representa o estado teológico da política.

A doutrina da sabedoria dos povos exprime o estado metafísico da política.

Enfim, a doutrina científica da política considera o estado social como a consequência necessária da sua organização e concebe o fim deste estado como determinado pelo lugar que o homem ocupa no sistema natural, tal como é fixado pelos atos. Ela considera em seguida a ordem social como tendo por objeto final desenvolver coletivamente esta tendência natural, regularizá-la e combiná-la de modo que a ação útil seja a mais vasta possível.

É fácil explicar, ao mesmo tempo, porque a política não chegou a ser mais cedo uma ciência positiva e porque deve chegar, hoje, a tal ponto.

Dois condições inseparáveis eram necessárias para esse fim. Em primeiro lugar, era necessário que todas as ciências particulares se tornassem positivas sucessivamente, pois que o conjunto não poderia chegar a esse ponto antes dos elementos: esta condição está preenchida hoje.

As ciências tornaram-se positivas uma depois da outra, na ordem em que se deveria operar esta revolução. Esta ordem é a do grau de complicação maior ou menor dos seus fenômenos ou, em outros termos, da sua relação mais ou menos íntima com o homem.

Em segundo lugar, era necessário que o sistema social preparatório, no qual a ação sobre a natureza só era fim indireto da sociedade, tivesse alcançado a sua última época.

Eu ousei conceber o plano dos trabalhos teóricos a executar para reorganizar a sociedade, elevando a política à classe das ciências de observação e não temo citar todos os sábios europeus, em nome da sociedade, ameaçada de uma longa e terrível agonia, da qual só poderá ser preservada pela sua intervenção, para que emitam, publicamente e livremente uma opinião motivada sobre o quadro geral dos trabalhos orgânicos que eu lhes submeto.

Este plano se compõe de três séries de trabalhos: A primeira tem por objeto a formação do sistema de observações históricas sobre a marcha geral do espírito humano...

A segunda tende a fundar o sistema completo de educação positiva que convém à sociedade regenerada...

A terceira enfim consiste na exposição geral da ação coletiva que, no estado atual de todos os seus conhecimentos, os homens civilizados podem exercer sobre a natureza para modificá-la em seu proveito, dirigindo todas as suas forças para este fim, só encarando as combinações sociais como meios de atingi-lo.

3.^a Parte 1.^a série de trabalhos

A condição fundamental a preencher, para tratar a política de modo positivo, consiste em determinar, com precisão, os limites em que se encerram, pela natureza das coisas, as combinações da ordem social. Em outros termos, é necessário que, em política como nas outras ciências, o papel da observação e o da

imaginação se tornem perfeitamente distintos e que a imaginação se subordine à observação.

O espírito da política teológica e o da política metafísica concordam, em geral, por motivos diferentes, em fazer coincidir a perfeição da organização social com um estado de civilização muito imperfeito. Vê-se mesmo que os partidários mais conseqüentes da política metafísica, tais como Rousseau, que a coordenou, foram conduzidos até a encarar o estado social como uma degeneração de um estado da natureza composto pela imaginação dêles, o que não passa do análogo metafísico da idéia teológica relativa à degradação de espécie humana pelo pecado original.

Este resumo confirma que a preponderância da imaginação sobre a observação tem produzido, em política, resultados perfeitamente semelhantes aos que engendrou quanto às outras ciências, antes que elas se tornassem positivas.

A civilização consiste, falando com propriedade, no desenvolvimento do espírito humano e o que resulta disso, no desenvolvimento da ação do homem sobre a natureza. Os elementos de que se compõe a idéia da civilização, são: as ciências, as belas artes e a indústria, tomando-se essa última expressão no seu sentido mais completo.

Uma filosofia superficial, para a qual este mundo podia ser um palco de milagres, tem exagerado prodigiosamente a influência do acaso nas coisas humanas. Todos os homens sensatos reconhecem, hoje, que o acaso tem uma parte infinitamente pequena nas descobertas científicas e industriais.

Ao exagero do acaso sucedeu outro erro mais razoável, mas tendo quase os mesmos inconvenientes: a influência do gênio, com o mesmo papel do acaso.

Contudo, a história dos conhecimentos humanos prova que todos os trabalhos se encadeiam, em uma mesma geração, ou de uma para outra e o poder do gênio isolado é muito menor do que tem sido imaginado.

Sem exagerar a força da inteligência, deve-se reconhecer que a demonstração tem uma importância muito superior a que lhe tem sido atribuída até aqui.

Por falta de demonstrações, os homens de Estado têm sido arrastados a tão grandes aberrações práticas: que as demonstrações apareçam, as aberrações cessarão logo.

As oscilações da marcha da civilização podem se tornar mais curtas e mais rápidas por combinações políticas baseadas no conhecimento do movimento médio que tende sempre a predominar.

A observação do estado presente da civilização ou de qualquer outra época isolada não pode determinar a tendência atual da sociedade, pois são necessários três termos, pelo menos, para estabelecer uma lei, a fim de que a ligação, descoberta pela comparação do dois primeiros e verificada pelo terceiro, sirva para achar o seguinte.

Assim, seguindo uma instituição e uma idéia social, ou bem um sistema de instituições e uma doutrina inteira, desde seu nascimento até à época atual, acha-se que, a partir a um certo momento seu império tem sempre aumentado ou diminuído, pode-se prever com certeza, por uma série de observações, a sorte que lhes está reservada.

A ordem cronológica das épocas não é a ordem filosófica. Em lugar de dizer: o passado, o presente e o futuro, é necessário dizer: o passado, o futuro e o presente. Com efeito, só depois de conceber o futuro pelo passado, é que é possível considerar o presente, que não é mais do que um ponto, de modo a apanhar o seu verdadeiro caráter.

E' a Montesquieu que se deve referir o primeiro esforço para tratar a política como uma ciência de fatos e não de dogmas; mas Montesquieu não conseguiu se libertar da metafísica.

A concepção geral do trabalho próprio para elevar a política ao grau das ciências de observação foi descoberta por Condorcet. Foi ele o primeiro a ver claramente que a civilização está sujeita a uma marcha progressiva cujos passos são todos rigorosamente encadeados uns aos outros segundo leis naturais, que a observação do passado pode desvendar e que determinam para cada época, de modo inteiramente positivo, os aperfeiçoamentos que o estado social deve experimentar, quer nos seus elementos, quer em seu conjunto.

Além destas, há mais duas tentativas a considerar: a da aplicação à ciência social da análise matemática e, especialmente, do cálculo das probabilidades.

Esta direção foi iniciada por Condorcet, mas é inteiramente quimérica e, portanto, completamente viciosa.

Uma segunda tentativa, infinitamente menos viciosa, em sua natureza, do que a precedente, mas igualmente inexequível, é a que tem por objeto tornar positiva a ciência social, reduzindo-a a uma simples conseqüência da fisiologia. Cabanis é o autor desta concepção.

O vício desta concepção consiste em anular a observação direta do passado social, que deve servir de base fundamental à política positiva.

O Opúsculo fundamental, do qual extraímos os trechos que acabamos de ler, contém segundo R. Teixeira Mendes: a) A lei dos três estados, ou da evolução mental, que o nosso Mestre enumera do seguinte modo, ao rematar a sua obra: o espírito humano está sujeito na sua marcha espontânea a passar por três estados: o estado fetiche ou fítico; o estado teológico ou abstrato; e o estado científico ou positivo. O estado metafísico é então compreendido no estado teológico, do qual não constitui, com efeito, senão o último grau.

b) A indicação da 14.^a lei de filosofia primária: Todo classamento positivo procede segundo a generalidade crescente ou decrescente, tanto subjetiva como objetiva.

c) A exposição do método de filiação histórica.

d) A refutação do materialismo teórico, tanto matemático como biológico.

e) A glorificação do Condorcet.

f) O primeiro apanhado da lei da evolução da atividade.

No referido trabalho, porém, ainda segundo R. Teixeira Mendes, há: 1.^a) omissão da influência moral das mulheres; 2.^o) a concepção do destino social das belas-artes como inferior ao das ciências; 3.^o) a ilusão sobre o poder das demonstrações positivas; 4.^o) a aceitação da preminência do espírito no conjunto da nossa organização, como é proclamado, até hoje, fora da Religião da Humanidade, por qualquer outra doutrina.

Contudo, Augusto Comte, dominado pelo seu ardor regenerador, consagra seu gênio à solução do problema da reorganização social, no meio de todos os obstáculos, da miséria mesmo, sem cuidar ao menos da sua própria conservação. Gaba-se de só procurar a sua felicidade, mas esta consiste em se votar à felicidade da sociedade toda.

O mérito da superioridade intrínseca de Augusto Comte pertence à sua Mãe Rosália e a esta cabe glória imperecível na evolução teórica do seu filho imortal.

Augusto Comte encerrava a sua juventude, depois de fundar a sociologia, apreciando as condições próprias, à restauração do poder espiritual, que deveria suceder ao Papado católico feudal, para que a revolução moderna fôsse terminada.

a) Virilidade e inauguração da madureza de Augusto Comte (1826-1844).

No dia 2 de abril de 1826, em sua residência, à rua Faubourg Montmartre, 13, Augusto Comte iniciava o seu curso de filosofia positiva ou a exposição sistemática de todas as doutrinas e todos os métodos científicos, tendo como auditores, entre outros: Blainville, Broussais, Poinot, J. Fourier, A. de Humboldt.

Deu a primeira lição magistral sobre o objetivo e o espírito da nova doutrina; a segunda, sob o plano do curso e a hierarquia das ciências; e a terceira, sobre o conjunto da ciência matemática; na quarta os ouvintes encontraram a porta fechada: Augusto Comte, gravemente doente, fora internado por Blainville em uma casa de saúde, no dia 18 de abril de 1826.

Quais os motivos de tão súbita perturbação?

Augusto Comte conhecera, em tristes condições, em 1821, uma infeliz senhora; em 1824 voltou a encontrá-la, passando a morar juntos; em 19 de fevereiro de 1825, por bondade mal empregada, Augusto Comte, praticando a única falta grave de sua vida, desposou a infeliz que em abril de 1826 abandonou-o pela primeira vez, lançando-o no desespero.

Rosalía Boyer, mãe de Augusto Comte, no dia 17 de maio de 1826, sabe, em Montpellier, da moléstia do filho e no dia 24 de maio já se encontra em

Paris, apesar dos seus 62 anos, e ali permanece até vê-lo restabelecido. Para esse fim, retira-o da casa de saúde em 2 de dezembro de 1826, e, à força de cuidados contínuos, consegue fazê-lo renascer para a vida, a glória e o reconhecimento da posteridade.

Em abril de 1827, Augusto Comte já restabelecido, porém desanimado, tenta o suicídio, mas é salvo das águas do Sena por um guarda real. O abalo fê-lo voltar aos seus projetos, depois da convalescença na qual foi auxiliado pelo grande industrial Ternaux, seu admirador desde o opúsculo de 1822.

Em agosto de 1828, Augusto Comte manifestou publicamente o reatamento da sua carreira filosófica por um artigo, inserto no "Journal" de Paris, apreciando o livro de Broussais: — "A Irritação e a Loucura".

A 4 de janeiro de 1829, no seu domicílio da rua St. Jacques, 159, reabriu o seu curso de filosofia positiva com a presença de todos os homens eminentes que compareceram às três lições de 1826 e a mais a de Esquirol. Dêsse curso resultaram os seis volumes do Sistema de Filosofia Positiva, publicados de 1830 a 1824.

Além disso, Augusto Comte ensinou aos proletários de Paris, em curso gratuito, de 1830 a 1848, Astronomia, na "mairie" dos Petits-Pères e aí conquistou vários discípulos operários, entre os quais Fabiano Magnin, mais tarde um dos seus executores testamentários.

Em 1832, sob os auspícios de Navier, Augusto Comte foi nomeado repetidor da Escola Politécnica e, em 1840, examinador de admissão, sendo-lhe negada, nessa ocasião, a nomeação para a cadeira de cálculo, apesar da sua reconhecida e excepcional competência. Em 1840, vagou-se novamente a cadeira de cálculo e novamente lhe recusaram a nomeação.

No prefácio pessoal do tomo VI da Filosofia Positiva de 19 de julho de 1842, Augusto Comte desmascarou a perseguição que lhe moviam os cientistas e estes vingaram-se, tirando-lhe o cargo de examinador em 1844 e o de repetidor em 1851, depois de quase vinte anos de escrupuloso exercício.

Quando Augusto Comte foi espoliado do seu lugar de examinador, três ingleses, os Srs. Grote, Molesworth e Rankes Currie, cedendo às solicitações de Stuart Mil, lhe enviaram a importância do ordenado político. Em 1848, Littré e os positivistas que se achavam em Paris, nesse momento, tomaram a iniciativa de uma subscrição em favor de Augusto Comte. Em 1852, a direção do subsídio positivista passou às mãos de Augusto Comte, até o seu falecimento.

A esposa de Augusto Comte, verificando, em 1842, que ele iria lutar com novas dificuldades, como realmente aconteceu, pediu para separar-se, mais uma vez, pois que, depois de 1826, ela se separara em 1833.

Augusto Comte concordou, exigindo, porém, a condição de ser definitiva a separação.

Moravam nessa ocasião, à rua Monsieur Le Prince n.º 10 e já ali servia, como criada, desde 1841, Sofia Bliaux Thomas, mais tarde, pela sua dedicação e grandes dotes morais, adotada como filha por Augusto Comte.

Sofia nasceu em Oissy, perto de Amiens, departamento do Soma, em 10 de setembro de 1804, sendo filha legítima de Norberto Bliaux e de Maria Francisca Masson, de condição proletária. Depois da morte do pai, veio para Paris, onde tinha parentes, procurar colocação. A 10 de setembro de 1840, casou-se com Martin Thomas.

Empregou-se em casa do livreiro Payen e daí passou a servir em casa de Augusto Comte, de onde nunca mais saiu. Teve dois filhos, Henrique e Paulo. Martin Thomas, marido de Sofia, nasceu em Bozel, em 12 de outubro de 1804 e faleceu, em Paris, em 1867. A família proletária residia em casa de Augusto Comte.

Sofia faleceu no dia 5 de dezembro de 1861, com 58 anos; os seus funerais se realizaram no dia 7 de dezembro e o Dr Robinet pronunciou junto ao seu túmulo um discurso em que diz:

"Vós sentis que esta morte não é uma morte ordinária; mme. Sofias Thomas achava-se ligada muito de perto ao Fundador da Religião da Humanidade, para que o seu fim não fira tantos interesses públicos quanto provoca dores privadas.

Não é possível pronunciar o seu nome, com efeito, sem recordar o do nosso Mestre, sem lembrar que as mais elevadas especulações filosóficas e sociais,

construções teóricas indispensáveis à salvação da humanidade, foram elaboradas, acabadas, graças à sua proteção benéfica.

E' esta excelente e digna mulher que nós choramos hoje. Ela foi excelente mãe, terna esposa, amiga devotada; ela levantou-se pelo coração até às mais augustas relações como às mais generosas e vastas concepções; foi uma providência real para o regenerador da Humanidade o seu exemplo".

Solitário e sossegado, mas prosseguindo sempre nos seus projetos de restabelecimento do poder espiritual, de reorganização social, Augusto Comte publica, em 1843, o Tratado de Geometria Analítica e, em 1844, o Tratado de Astronomia Popular, precedido do Discurso preliminar sobre o espírito positivo.

2.º e 3.º PERÍODOS

d) *Madureza de Augusto Comte (1844-1857).*

Em outubro de 1844 Augusto Comte foi levado pelo seu discípulo Maximilien Marie à casa de sua família e aí teve a ventura sem par de conhecer Clotilde de Vaux, a divina Eleita da Humanidade para órgão supremo da cultura afetiva, que forma o santo apanágio da mulher.

Em abril de 1845 começam as santas relações, transformadas em abril de 1846 de objetivas em subjetivas e que iriam determinar os sete passos essenciais da construção religiosa de Augusto Comte, isto é:

1.º) O Dogma da Humanidade, surgido no aniversário da morte de Clotilde, durante o curso filosófico sobre a história geral da Humanidade, professado no Palais Cardinal, em 1849, 1850 e 1851 e do qual deriva o Sistema de Política Positiva.

2.º) A regeneração do termo positivista, que, além de real e útil, certo e preciso, orgânico e relativo, passou a significar também simpático.

3.º) A instituição completa da lógica positiva, definida como: "o concurso normal dos sentimentos, das imagens e dos sinais para inspirar as concepções que convêm às nossas necessidades morais, intelectuais e físicas".

4.º) A supremacia da moral.

5.º) A separação completa dos dois poderes.

6.º) Ligação ou incorporação do fetichismo ao positivismo.

7.º) Colocação do culto antes do dogma na construção definitiva da religião.

Inteiramente identificado com a sua missão e já tendo publicado, além dos quatro volumes do Sistema de Política Positiva, o Catecismo Positivista ou o resumo da nova religião, o Apêlo aos conservadores ou manual para os governantes e a Síntese Subjetiva, e escrito o seu testamento, Augusto Comte se preparava para nos legar o Tratado de Moral Positiva, quando a morte veio transformar em subjetiva a vida do mais útil, do mais sábio e do mais santo dos filhos da Humanidade.

O Dr. Robinet, seu discípulo, assim nos relata os últimos momentos do reformador egrégio, aos 5 de setembro de 1857:

"Quando me aproximei dele, Augusto Comte falou-me desta carta (que o Dr. Robinet lhe escrevera), que de modo algum o havia abalado. Exprobo-me paternalmente a minha fraqueza e lembrou-me que medicamente ele havia feito tudo o que era razoável para afastar a morte; ao passo que, pelo seu testamento, tinha providenciado, no que dependia dele, sobre as consequências de semelhante acontecimento; que à vista disto cumpria esperar com calma o desfecho natural de uma luta muito afiliva, é verdade, mas da qual não desesperar ainda de triunfar.

Falou-me em seguida de uma entrevista muito recente que a sua longanimidade habitual não pudera recusar às instâncias de Littré, e disse-me todo o desgosto que lhe causara essa lamentável visita. Através das admoestações, objeções e críticas que tinham enchido a conversação deste, ele sentira a profunda animosidade, o ódio que esse ex-discípulo nutria contra ele, e resolvera nunca mais tornar a vê-lo.

Deixando então as preocupações do presente, a sua confabulação dirigiu-se para as esperanças do futuro, falou-me do grande trabalho que estava terminando e dos projetos por ele concebidos para apressar o advento do positivismo. Em seguida, entregando-se ao ardor habitual de suas expansões familiares,

ergueu a conversação às mais altas regiões da ação religiosa, contemplando em nossos descendentes regenerados tudo quanto o seu gênio havia imaginado para a grandeza e melhoramento do homem.

Tal o tinha eu visto nos seus maiores dias, no tempo de suas prédicas filosóficas do Palais-Cardinal; no fogo de suas nobres aspirações, tal eu o revia então. O ardor e a majestade de sua alma inflamavam o seu olhar, transfiguravam-lhe os traços e a voz! Em vez de um moribundo, eu tinha diante de mim o fundador do positivismo tão cheio de grandeza e força como eu o pudera ter encontrado em qualquer outra circunstância.

Com um sentimento indizível de entusiasmo e de dor, de confiança e de desespero, beijei respeitosamente as suas mãos emagrecidas; era a última vez que eu devia ouvir a sua palavra!...

Retirei-me, atônito, com o coração despedaçado pelo espetáculo de sua decadência física, exaltado pelo poder de sua natureza moral, hesitando entre a realidade corporal e o esplendor cerebral. Sem dúvida, eu não esperava mais que o seu organismo exausto pudesse triunfar das desordens que o minavam, mas deixei-me dominar pelo pensamento que uma alma tão poderosa talvez pudesse sustentar algum tempo, ainda, os seus instrumentos debilitados.

"O dia 14 de setembro foi passável. Augusto Comte pôde tomar algumas disposições de administração doméstica e regular a sua despesa com a ordem característica que ele introduzia em tudo. Mas na refeição da tarde o apetite faltou, o doente experimentava um mal estar geral não costumado, tristeza e pressentimentos involuntários; viu-se obrigado a recusar o alimento e a deitar-se no seu leito de repouso. Às nove horas da noite a desordem aumentou e apresentou todos os sinais de uma hemorragia interna. Com efeito, Augusto Comte tendo-se levantado para procurar algum alívio, expeliu logo pela bôca uma pequena porção de sangue. Este fato mergulhou na consternação a família proletária que, noite e dia, velava sobre ele. Esta quis logo mandar-ce chamar, mas o nosso Mestre, por um deplorável excesso de altruísmo, preferiu que se esperasse o dia.

Às quatro horas da manhã, sentindo-se melhor, exigiu que os seus filhos, que tanto tempo havia que quase não dormiam, fôsem descansar um pouco. Retiraram-se, mas velaram junto da porta do aposento em vez de se irem deitar. Pelas cinco horas da manhã, tendo eles ouvido um ruído, entraram e encontraram o seu caro doente estendido sem forças e sem movimento junto do altar do seu culto privado. Quando oferecia à sua nobre padroeira os últimos atos de sua gratidão, o melhor e o mais profundo do seu coração, tinha sido surpreendido e derrubado por um novo vômito sanguíneo.

"O Sr. Robinet tinha razão, meus filhos (murmurou com voz extinta), é preciso avisá-lo; mas fazei de modo a não assustá-lo".

"Em seguida mandou que o deitassem ao longo de um tapete, com a cabeça reclinada sobre um travesseiro, diante do canapé onde passara a maior parte de sua moléstia; e, desejando recolher-se, pediu aos seus filhos que se afastassem, fazendo-se amarrar ao braço o cordão de uma campainha, a fim de chamar se fôsse necessário. As sete horas chamou para pedir um pouco d'água: "Eis aí, disse ele a Sofia, como ficarei no túmulo". Permaneceu sem esforço na mesma atitude até o meio-dia, fazendo-se então levar para a cama, a fim de aí esperar estoicamente pela morte. Como recusasse ser carregado e o seu quarto ficasse bastante afastado, essa trasladação foi longa e difícil, tão peado e desfalecido se achava. "Como estou fraco, meus filhos!", foram as únicas palavras que ele pronunciou.

Depois de se ter deitado, teve um pouco de agitação, alguns movimentos automáticos; pediu de beber e meúdo e exprimiu várias vezes o pesar de não me ver chegar. Enfim, pelas três horas quis falar ao Sr. Louchampt; o nosso confrade tinha vindo já pela manhã, e me preveniu imediatamente pelo telégrafo. A fatalidade, porém; quiz que eu estivesse ausente de casa por motivo do meu serviço profissional, e este impedimento deixar-me-há eterna mágoa...

"Quando o Sr. Lonchamp voltou, eram quatro horas: Augusto Comte achava-se mergulhado num abatimento do qual só saía, por intervalos, para lançar um olhar sobre o ramalhete de flôres artificiais obra e mimo de Clotilde de Vaux, colocado em frente ao seu leito.

Este sinal de vida foi o último!...

Quando cheguei o doente acabava de cair num supor profundo. O seu olhar era fixo, a sua fisionomia calma e imponente: um sorriso de resignação e de paz interior animava ainda o seu rosto, misturando-se, porém, a esse sorriso uma cruciante expressão de pesar! A imobilidade da morte apoderara-se dele. A respiração muito irregular, era apenas sensível; o pulso, intermitente e mequinhinho, anunciava o desfecho da luta. Os filhos adotivos de Augusto Comte, assistidos pelo Sr. Lonchamp, velaram em silêncio à sua cabeceira; esperavam o seu acordar! Tive que desvanecer essa última ilusão e espedajar esses corações tão profundamente afeiçoados ao melhor e ao maior dos homens, anunciando que essa calma enganadora não era senão uma irrevogável agonia, o prelúdio inexorável da morte!

Palavras cruéis e cujo efeito completo só poderão compreender aqueles que perderam os seus entes mais caros. Nós confundíamos a nossa dôr, as nossas lágrimas e soluços a cabeceira do pai bem amado, quando os gritos dilacerantes da infeliz Sofia anunciavam que o fundador da Religião da Humanidade acabava de dar o seu último suspiro (sábado, 5 de setembro de 1857, às seis horas e meia da tarde)!

(Publicado no "O Paiz" de 23 de Setembro de 1934).

Comemoração da Independência do Brasil. Glorificação de José Bonifácio, em 26 de Gutemberg de 88/154 (7 - IX - 1942)

a) Comemoração geral.

1.º) Pátria.

Fácil é distinguir a espécie humana das outras espécies animais que povoam a superfície do nosso planeta.

Compreendemos como a espécie toda pode ser assimilada a um só homem que aprende sempre; que todos os povos, a cada momento, podem ser considerados como um só povo, que a mesma Terra ativa transporta pelo Espaço benévolo para um destino fatalmente comum; que o presente contém o futuro; que todos somos membros uns dos outros. Finalmente, acreditamos, com fé segura, que todos os construtores dos tesouros morais, intelectuais e materiais, isto é, a série contínua dos seres convergentes, formam a Humanidade, Grão-Ser imenso e eterno, revelado a seus filhos pelo par eleito: Clotilde e Augusto Comte.

Por outro lado, todos sentimos o que é a Família, no seio da qual nos formamos, presos pelos mais fortes e profundos sentimentos da nossa alma.

Se as nossas necessidades materiais de alimentação sólida, de vestuário, de habitação, de transporte, etc., fossem tão fáceis de satisfazer como a de alimentação gazosa, certamente ficaríamos limitados à Família e à Humanidade.

Para obter, porém, tudo que consumimos ou utilizamos, cada vez em maiores proporções, à medida que a civilização se desenvolve, é mister a ação constante, real e útil sobre a Terra. Por outro lado, a ação sobre a Terra, de uma família ou mesmo de um grupo de famílias, terá sempre que se restringir a uma determinada porção do planeta e não se estender a todo ele.

Se o homem produz mais do que consome, ele produzirá tanto mais quanto mais especializada for a sua atividade; e um grupo de famílias, separando ou distribuindo as ocupações ou ofícios em uma determinada área do planeta, obterá com maior facilidade e fartura os recursos de toda a ordem, indispensáveis à vida. Contudo, isso não se poderá realizar sem a convergência dos esforços e, portanto, sem a criação de um governo, órgão da função nova. Por outro lado, a associação ficaria parada, se não houvesse quem, com um saber feito de experiências, transmitisse às gerações novas os conhecimentos e regras acumulados pelas antecessoras.

Assim, para ocorrer às necessidades materiais, surge a Pátria ou, melhor, Matria, terra dos nossos pais ou de nossas mães, à qual nos prendemos pela atividade. Os fenômenos mais nobres estando sempre subordinados aos mais grosseiros, é à Pátria ou Matria, ou cidade, órgão da cooperação ativa, que cumpre sobretudo referir o homem que por tal motivo, deverá sempre ser qualificado como cidadão.

O homem, subordinado à Pátria pela cooperação ativa, deve ser concebido como preparado pela Família, à qual está ligado pelo sentimento, e completado pela Igreja, que lhe esclarece a inteligência.

As pátrias, na superfície da Terra, deverão ser tantas quantas forem necessárias para que os filhos da Humanidade nada falte de essencial. A ação real e útil do homem sobre a Terra não pode ser exercida nem mesmo dirigida à distância ou de longe. Os detentores dos capitais acumulados da Humanidade ou seus ministros (banqueiros, comerciantes, industriais e agricultores-patícios) e os agentes do Grão-Ser ou proletários deverão formar associações maiores ou menores, mas sempre limitadas a uma certa área do nosso planeta, de modo a evitar as uniões pela força, monstruosas, tirânicas, desmoralizantes e contraproducentes.

No passado, quando houve necessidade da civilização guerreira, e a Humanidade estava na sua menoridade, a Pátria era concebida como podendo abranger a Terra inteira. Mas, apesar da simplicidade do problema, naquela época, pois tudo se resumia com dois ofícios gerais: o dos militares, que eram policiais, encarregados, como tão bem diz Virgílio, de impôr por toda a parte os costumes de paz, e o dos escravos e mulheres (famulo-família) encarregados de toda a ação útil sobre a Terra, não foi possível estabelecer uma pátria única no pequeno mundo conhecido de então.

Hoje, todo o sonho dos criminosos retrógrados naquêlê sentido não têm justificativa de espécie alguma e os que se esforçam para realizá-lo devem ser eliminados, sem piedade, como réus de todos os crimes.

A Humanidade chegou à maioridade, tendo criado a ciência e a indústria, que permitem a existência feliz e pacífica de numerosas pátrias, perfeitamente distintas, mas unidos por uma perfeita comunhão de sentimentos e pensamentos e por uma convergência de atos capazes de anular para sempre a guerra, a miséria, o medo, enfim, todos os horrores que, hoje, confrangem as almas aflitas de todos nós.

2.º) Festa da Pátria.

No dia 7 de Setembro de 1881, Miguel Lemos, fundador e diretor da Igreja Positivista do Brasil, há, portanto, 61 anos, inaugurava o culto cívico-religioso do Brasil.

Fundada a República do Brasil, a 15 de Novembro de 1889, por Benjamin Constant, positivista confesso, graças à sua influência e aos esforços de Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Demétrio Ribeiro e alguns outros, foi possível organizar um calendário cívico desenvolvido, lembrando o sacrifício de Tiradentes, a descoberta do Brasil, a abolição da escravidão, a Revolução Francesa, a Independência do Brasil, a descoberta da América e, finalmente, a fundação da República, que resume todas as outras festas e a evolução política do Brasil.

Seria o dia 7 de Setembro o ideal acabado de José Bonifácio?

O patriarca brasileiro era fundamentalmente republicano e fez a independência do Brasil com a monarquia, principalmente por ser republicano.

“A palavra república tem, como todos sabem, duas significações, uma negativa; outra, positiva. Em sua acepção negativa, ela exprime a eliminação definitiva da realza, caracterizada pela hereditariedade, de onde decorrem seus privilégios de casta. Em sua interpretação positiva, indica a subordinação fundamental da política à moral, em virtude da consagração de todas as forças, quaisquer, ao serviço da comunhão social”.

Em uma palavra:

— O regime republicano é da perfeita fraternidade, valendo os homens pelos seus méritos e virtudes, demonstrados pelos atos.

Ora, quando se fez a independência, não era possível eliminar, imediatamente, a escravidão no Brasil, e, portanto, não tinha sentido um regime republicano. A República era, também, incompatível com o abandono dos nossos ingênuos irmãos, os indígenas, de longa data escorraçados e dizimados, pelos europeus impiedosos.

Era indispensável fazer a independência, para, mais rapidamente, chegar a uma situação verdadeiramente republicana.

Estadista completo, José Bonifácio deu uma solução para estas duas questões capitais, e, se a cegueira dos homens do seu tempo, e mesmo a dos homens de todo

o período da monarquia não permitiu pôr em prática o que êle aconselhou, o fato prova quanto êle era superior à sua época.

Se, quanto à significação negativa da palavra república, José Bonifácio não podia compreender, com toda a lógica, — uma República com escravos, privilegiados e perseguidos, — com relação à significação positiva, basta recordar a sua máxima: — “A *sã política é filha da moral e da razão*”.

Aí está, explicitamente declarada, a subordinação da política à moral, e, portanto, a do poder temporal aos conselhos, ao julgamento e à consagração do poder Espiritual, independente.

Todos sabem que êste é um princípio verdadeiramente moderno, o da separação dos dois poderes, que o Catolicismo esboçou na Idade-Média, de acordo com o pensamento de S. Paulo e que o Positivismo sistematiza completamente.

Colocado no ponto de vista político ou da atividade, o Patriarca fez uma bela síntese da nossa natureza, só comparável à teoria das três virtudes de S. Paulo, ou à máxima fundamental do Positivismo.

A coordenação total da atividade útil do homem sobre a Terra, isto é, a *sã política*, é filha da moral ou do predomínio do altruismo sobre o egoísmo e da razão, ou exercício regular da inteligência, para conhecer o homem e o mundo.

3.º) As pátrias americanas.

Quem, lendo os horrores da colonização da América, pelos europeus, inteiramente entregues, sem freio às incitações da cobiça e dos baixos instintos, seria capaz de adivinhar, antes da realização, que, de tantos males, haveria de surgir a bela série de belas pátrias novas, generosas e cheias de fé no poder da fraternidade humana? Como explicar a floração, dêste lado do Atlântico, dos Washingtons, dos Franklins, dos Jeffersons, dos Bolívars, dos Francias, dos Toussaints, l'Ouverture, dos José Bonifácios, dos Tiradentes, San Martins, O Higgins e, embora em segundo plano, no Brasil, Alexandre e Bartholomeu de Gusmão, e tantas outras naturezas de escol?

Certamente, só a teoria da herança materna do nosso Mestre, poderá explicar o prodígio. As mães americanas eram, sobretudo, indígenas ou africanas fetichistas, inteiramente isentas da corrupção européia, e que se entusiasmavam pela civilização nova, que lhes era inculcada pelos sacerdotes católicos.

Assim, se as pátrias, no futuro, se deverão chamar mãrias, as americanas estão mais obrigadas, ainda, a adotar a justa proposta do nosso Mestre.

No dia de hoje, portanto, devemos louvar, especialmente, D. Maria Bárbara da Silva, a eminentíssima e santa Mãe de José Bonifácio, e de mais nove filhos. Se, no seu tempo, pelas suas virtudes e bondade, lhe deram o título de — Mãe da Pobreza —, hoje, nós lhe devemos o maior, de Mãe dos Brasileiros

b) Comemoração especial.

1.º) Ligeiras notas biográficas sobre José Bonifácio.

José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos, S. Paulo, em 13 de junho de 1763 e faleceu em Niterói, aos 6 de abril de 1838.

Fez os seus primeiros estudos em Santos, sob as vistas do seu pai Coronel Bonifácio José Ribeiro de Andrada e de sua mãe D. Maria Bárbara da Silva, ambos brasileiros.

Aos 14 anos passou a estudar em S. Paulo, sob a direção do Bispo Dom Fr. Manoel da Ressurreição e, aos 17, veio para o Rio de Janeiro, seguindo para Portugal, em 1783, para cursar a Universidade de Coimbra.

Em 1787, conquistou os títulos de Bacharel em Filosofia Natural e Bacharel em Direito Civil.

Uma vez formado, seguiu para Lisboa, entrando no dia 4 de março de 1789, para a Academia de Ciências, da mesma cidade, à qual, no ano seguinte, apresentava a sua primeira Memória, sobre a pesca das baleias e extração do seu azeite.

Nesse mesmo ano de 1790, casou-se José Bonifácio com uma senhora de origem irlandesa, D. Narciza Emilia O'Leary, que, segundo o seu depoimento, foi

virtuosa companheira, durante as lutas da mocidade, madureza e velhice; um incitamento para os seus trabalhos e um permanente consolo para as suas penas, do mesmo modo que sua extremosa mãe o fôra, na infância e adolescência.

Em junho de 1790 foi mandado viajar à Europa, para aprofundar-se nas ciências naturais, tendo recebido lições de Lavoisier, Jussieu (A. J.), Chaptal, Fourcroy e outros, na França; Werner, Lempe e Kholer, Freihsbbsen, Lampadius, na Alemanha, onde foi condiscípulo de Humboldt, de quem se tornou amigo. Na Itália recebeu lições de Volta, na Suécia, de Bergmann e, na Dinamarca, de Abilgard. Fez observações na Itália, na Suécia, na Noruega, e, no *Journal de Physique*, de Paris, em 1797, publicou a descrição dos caracteres distintivos de 12 minerais novos, por ele descobertos nos dois últimos países citados.

Percorreu a Bélgica, a Holanda, a Alemanha (pela segunda vez), a Hungria, a Bohemia e a Turquia e, só não viajou pela Inglaterra. Falava 6 línguas e entendia 11.

Em setembro de 1800, regressou a Portugal, depois de dez anos de peregrinação e, em 1801, foi nomeado lente de metalurgia da Universidade de Coimbra, cadeira então criada.

Desde então, passou a ser designado para o exercício de variadas funções, em número de 12, até 1819, recebendo 21 títulos diversos.

Por ocasião da invasão francesa, arregimentou o Batalhão Acadêmico, do qual foi Major e Tenente-Coronel. Nas linhas de fogo, portou-se como um bravo. Expulsou os franceses, foi nomeado Intendente da Polícia, do Porto, posto em que se houve com extraordinária energia e habilidade, conciliando a justiça com a clemência.

Finda a guerra, voltou às suas ocupações habituais, empregando os seus conhecimentos na agricultura, na redução dos areais, pelo reflorestamento, e, sobretudo, escrevendo Memórias.

Dêle se conhecem 81 trabalhos.

De 1812 a 1819, serviu como secretário perpétuo da Academia Real de Lisboa, trabalhando e fazendo trabalhar os seus companheiros.

O seu irmão Antonio Carlos assim o descreve nas notas que redigiu no dia 6 de abril de 1838, dia do seu falecimento:

“José Bonifácio era de estatura menos que ordinária, de figura regular, branco e louro na sua mocidade, de olhos pequenos, azuis e vivos, que descobriam a delicadeza de suas sensações e a finura do seu espírito. Sua conversação era amena, jovial e recheiada de labaredas de espírito, cheia de alusões finas e engraçadas. Os seus costumes eram doces; sua bondade quase angelical, estava pintada no seu rosto; sua paciência era estoica, sua tolerância evangélica, sua caridade, verdadeiramente cristã. Ele nunca conservou rancor; nunca esqueceu benefícios; nunca recusou socorro, a quem lh'o pedia”.

Em outubro de 1810, José Bonifácio solicitou licença para voltar ao Brasil, mas só em 1818 foi que o Ministro Villa Nova Portugal, chefe do governo de D. João VI, no Brasil, deu ordens à Regência, em Lisboa, para fazer embarcar José Bonifácio para o Brasil.

Ao despedir-se da Academia, declarava José Bonifácio:

“Consola-me, ao menos, que, ainda dos sertões da inculta América, forcejarei por ser-vos útil, com os frutos, tais quais, do meu pobre engenho e talento, se em mim o há. Se, qual outro Thales ou Pitágoras, não puder introduzir as ciências do velho Egito, em a nova Grécia, lidarei, ao menos, por imitá-los de longe. Consola-me igualmente a lembrança, de que de vossa parte, pagareis a obrigação em que está todo o Portugal, para com a sua filha emancipada, que precisa pôr casa, — repartindo com ela, das vossas luzes, conselhos e instruções.

... E que país esse, Senhores, para uma nova Civilização e para novo assento das Ciências!”

2.º Acontecimentos que culminaram com a proclamação da Independência.

No dia 24 de agosto de 1820, rebentou na cidade do Porto uma revolução, que logo se estendeu à cidade de Lisboa, exigindo do governo uma Constituição.

Portugal era governado por uma Junta Provisória, que substituiu o Marquês de Beresford, seu governador, que se achava no Rio de Janeiro. Dêse movimento resultou a volta de D. João VI para a Europa, para onde partiu no dia 26 de abril de 1821, deixando como Regente do Brasil o príncipe D. Pedro.

Os constitucionalistas portugueses desejavam fazer voltar o Brasil ao estado

anterior de pura colônia, rebaixando-o da categoria de Reino, a que fôra elevado em 16 de dezembro de 1815, apesar de ser o Brasil, segundo declaração de Jefferson, em 1817, mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruído, quanto a mãe-pátria.

Assim, obtiveram do Rei D. João VI, os decretos de 29 de setembro de 1821: — um, suprimindo os mais importantes Tribunais da Capital brasileira; outro, ordenando que o Príncipe Regente regressasse a Lisboa, “a fim de viajar e completar a sua educação, pois a sua permanência no Rio de Janeiro, além de desnecessária, era indecorosa à sua alta jerarquia”.

Tais decretos chegaram ao Rio de Janeiro no dia 9 de dezembro de 1821.

Em 23 de junho de 1821, tinha havido um levante em S. Paulo, com o fim de substituir o Governador, Capitão-General João Carlos Oyenhausen (mais tarde Marquês de Aracatí) por uma Junta Governativa. Congregados povo e tropa, foi José Bonifácio convidado para presidir a eleição da Junta, o que aceitou, fazendo, porém, eleger o próprio Oyenhausen, para presidente.

José Bonifácio foi aclamado Vice-Presidente.

José Bonifácio conseguiu que fossem eleitos representantes ou vogais das classes: eclesiástica, militar, comercial, literária, pedagógica e agrícola e admitidos três secretários do governo: um para o Interior e Fazenda; outro para a Guerra e outro para a Marinha. Esta Junta reconheceu logo, a autoridade de D. Pedro.

José Bonifácio, que era, evidentemente, a alma da Junta, tendo conhecimento dos decretos referidos, recebidos em 9 de dezembro, redigiu logo uma representação ou Ofício, datado de 24 de dezembro de 1821, no qual dizia:

“Sim, augusto Senhor. Vossa Alteza Real deve ficar no Brasil, quaisquer que sejam os projetos das Côrtes Constituintes, não só para nosso bem geral, mas, até para a independência e prosperidade do mesmo Portugal. Se Vossa Alteza Real estiver, — o que não é crível —, pelo indecoroso decreto de 29 de setembro, além de perder para o mundo, a dignidade de homem e de príncipe, tornando-se escravo de um pequeno número de desorganizadores, terá que responder perante o Céu, pelo rio de sangue que decerto, vai correr no Brasil, com a sua ausência, pois seus povos, quais tigres raivosos, acordarão decerto, do sono amodorrado, em que o velho despotismo os tinha sepultado, e em que a astúcia de um novo maquiavelismo constitucional, os pretende agora conservar. Nós rogamos, portanto, a Vossa Alteza, com o maior fervor, ternura e respeito, haja de suspender a sua volta à Europa, por onde o querem fazer viajar, como um pupilo, rodeado deaios e espias; nós lhe rogamos que se confie corajosamente, no amor e fidelidade dos seus brasileiros e, mormente, dos seus paulistas, que estão todos prontos a verter até a última gota de seu sangue e a sacrificar todos os seus haveres, para não perderem o Príncipe idolatrado, em quem têm posto todas as esperanças bem fundadas, da sua fidelidade e da sua honra nacional”.

Este Ofício foi expedido com urgência e entregue a D. Pedro, no dia 1.º de janeiro de 1822, às 8 horas da noite. Era o conselho de um velho experimentado e respeitado.

Para reforçá-lo, houve, no dia 9 de janeiro, uma representação redigida no Convento de Santo Antonio, pelo franciscano frei Francisco de Sampaio, assinada por mais de 8.000 pessoas, lida na praça da cidade, por José Clemente Pereira, bacharel português, discípulo de José Bonifácio, que servia sob suas ordens, em Portugal, no Batalhão Acadêmico que ali auxiliara a expulsão dos franceses.

Desde 1815, José Clemente viera para o Brasil, ao qual aprendera estimar, por influência do seu antigo e ilustre Comandante e professor.

D. Pedro resolveu anuir, declarando: — “Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto. Diga ao povo, que: — “Fico, segundo ele mesmo narrou a D. João VI, em carta de 9 de janeiro de 1822.

Ganha a sua primeira vitória, José Bonifácio é feito Ministro do Reino e dos estrangeiros: convoca um Conselho de Procuradores Provinciais; subjugua a divisão auxiliadora, que faz embarcar para Portugal; decreta que nenhuma lei portuguesa será efetiva, sem o “Cumpra-se” do Príncipe Regente; aconselha ao Príncipe a viagem a Minas, onde a sua presença excita a simpatia e os aplausos dos mineiros, pondo termo às desordens do partido retrógrado; dá poderes a Felisberto Caldeira Brant (mais tarde, Marquês de Barbacena) para tratar dos interesses do Brasil, junto à Corte da Inglaterra; faz que seja proposto para D. Pedro,

em 13 de maio, o título de Defensor Perpétuo, e, em 23 de maio, que lhe peçam a convocação de uma Constituinte Brasileira.

Estes dois últimos fatos eram atribuídos à influência de Gonçalves Lêdo e José Clemente Pereira, mas o Sr. Agenor de Roure, em conferência realizada no Instituto Histórico para celebrar o Centenário do 23 de maio, fez a prova completa de que tudo foi obra de José Bonifácio.

O Barão de Marshall, em carta de Metternick, informava que em 1.º de maio, na presença de diplomatas brasileiros, pregava José Bonifácio: — “não só a necessidade de uma Constituinte brasileira, como a idéia da Federação Americana, contra a Europa”.

Só em agosto, porém, depois de estremecidas as relações de José Bonifácio com os seus agentes: Lêdo e outros, é que o Barão Marshall compreendeu a situação.

“Le gouvernement donne l'impulsion en ayant l'air de la suivre”, —

isto é, o governo age, com ares de quem, apenas, acompanha o movimento.

Do mesmo modo, o manifesto de 1.º de agosto, dirigido aos brasileiros, e o de 6 de agosto, endereçado às Nações amigas, são obra de José Bonifácio.

No dia 14 de agosto, dia da partida do Príncipe para S. Paulo, José Bonifácio dirige uma circular ao Corpo Diplomático, declarando:

“Tendo o Brasil, que se julga tão livre, como o Reino de Portugal, sacudido o jugo da sujeição e inferioridade, com que o reino irmão o pretendia escravizar, passou a proclamar a sua independência e a exigir uma Assembléia Legislativa, com as mesmas atribuições que a de Lisboa”.

De José Bonifácio, é, sem contestação, o mérito da jornada culminante de 7 de Setembro, que, solenemente, comemoramos.

Varnhagen mesmo, muito pouco simpático aos Andradas, diz que a carta de José Bonifácio a D. Pedro, enviada pelo estafeta Paulo Bregaro, com a recomendação muito significativa: —

“Se não arrebentares meia dúzia de cavalos no caminho, nunca mais serás correio”, —

devia ter insistido na necessidade de proclamar a Independência. Ora, só insiste quem já propôs, uma ou mais vezes, uma solução.

“NARRATIVA DO PADRE BELCHIOR”:

“O Príncipe mandou-me ler alto as cartas trazidas por Paulo Bregaro e Antonio Cordeiro. Eram elas: uma instrução das Côrtes, uma carta de D. João, outra da Princesa, outra de José Bonifácio e ainda outra de Chamberlain, agente secreto do Príncipe. As notas exigiam o regresso imediato do Príncipe, a prisão e processo de José Bonifácio; a Princesa recomendava prudência e pedia que o Príncipe ouvisse os conselhos de seu Ministro; José Bonifácio dizia ao Príncipe que só havia dois caminhos a seguir: partir para Portugal imediatamente e entregar-se prisioneiro das Côrtes, como estava D. João VI, ou ficar e proclamar a independência do Brasil, ficando seu Imperador ou Rei; Chamberlain informava que o partido de D. Miguel, em Portugal, estava vitorioso e que se falava abertamente na deserção de D. Pedro em favor de D. Miguel; D. João aconselhava ao filho obediência à lei portuguesa. D. Pedro, tremendo de raiva, arrancou de minhas mãos os papéis, e, amarrando-os, pisou-os, deixou-os na relva.

— E agora, Padre Belchior?!

E eu respondi prontamente:

— Se V. Alteza não se faz Rei do Brasil será prisioneiro das Côrtes e talvez deserdado por elas. Não há outro caminho senão a independência e a separação.

D. Pedro caminhou alguns passos, silenciosamente, acompanhado por mim, Cordeiro, Bregaro, Carlota e outros, em direção aos nossos animais, que se achavam à beira da estrada. De repente estacou-se, já no meio da estrada, dizendo-me:

Padre Belchior, eles o querem, terão a conta. As Côrtes me perseguem, chamam-me com desprezo de *Rapazinho* e de *Brasileiro*. Pois verão agora quanto

vale o *Rapazinho*. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações: nada mais quero do Governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal!

Respondemos imediatamente, com entusiasmo:

— Viva a liberdade! Viva o Brasil! Viva D. Pedro.

O Príncipe virou-se para seu ajudante de ordens e disse:

— Diga à minha guarda que eu acabo de fazer a independência completa do Brasil. Estamos separados de Portugal.

O Tenente Canto e Mello cavalgou em direção a uma tenda, onde se achavam quasi todos os dragões da guarda e com ela veio ao encontro do Príncipe, dando vivas ao Brasil independente e separado, a D. Pedro e à Religião.

O Príncipe, diante de sua guarda, disse então:

— Amigos, as Côrtes portuguesas querem escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais!

E arrancando do chapéu o laço azul e branco, decretado pelas Côrtes, como símbolo da nação portuguesa, atirou-o ao chão, dizendo:

— Laço fora, soldados! Viva a Independência e a liberdade, e a separação do Brasil.

Respondemos com um viva ao Brasil independente e separado, e um viva a D. Pedro!

O Príncipe desembainhou a espada, no que foi acompanhado pelos militares; os paisanos tiraram os chapéus. E D. Pedro disse:

— Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil.

— Juramos, responderam todos!

D. Pedro embainhou a espada, no que foi imitado pela guarda, poz-se à frente da comitiva, e voltou-se, ficando em pé nos estribos:

— “Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será *“Independência ou Morte”*.”

Proclamada a Independência, promove José Bonifácio a unificação do país, contratando os serviços de Lord Cockrane, 34 oficiais e 500 marinheiros ingleses, para a indispensável ação marítima que havia de garantir a supremacia e a independência do novo Governo.

Reunida a Constituinte, convocada por decreto, referendado por José Bonifácio, de 3 de junho de 1822, em 3 de maio de 1823, José Bonifácio e Antonio Carlos são nomeados, com outros, para a comissão encarregada de redigir o respectivo projeto de Constituição.

Na sessão de 1.º de setembro, Antonio Carlos, que foi o Relator, apresenta o projeto de Constituição, depois da demissão do Gabinete Andrada, o que se deu em 17 de julho. No dia 12 de novembro, a Assembléia foi dissolvida e os Andradas foram presos e deportados para a Europa.

3.º) O martírio de José Bonifácio.

Exilado em 20 de novembro de 1823, José Bonifácio é obrigado a manter-se ausente da Pátria até 1829 e, voltando ao Brasil, sofre, novamente, imensos dissabores: em viagem, perde a sua nobre esposa; nomeado tutor do imperador-menino, em 1831, em 1833, é demitido pelos regentes Lima e Silva e Bráulio Muniz, que o mandaram prender e processar e, como êle não tivesse culpa alguma, retardam o julgamento que, afinal, o absolve, — a 14 de março de 1835.

CONCLUSÃO

Poeta, cientista, técnico, engenheiro, bacharel em leis, filósofo, militar valeroso, nas horas de grande perigo, administrador, poliglota, professor, político, estadista, patriarca, — José Bonifácio de Andrada e Silva é a figura mais eminente e mais representativa da história brasileira.

Êle é o admirável símbolo da simplicidade estupenda, do desinteresse inexcédível, da probidade brilhante, sem jaça, e do patriotismo mais acrisolado.

“José Bonifácio, escreve o apóstolo Teixeira Mendes, constitui, para os estadistas brasileiros, um modelo excepcional. Pelo nobre devotamento ao bem público, que inflamava o seu coração de velho, como os entusiasmos da mocidade, pelo inexcédível desinteresse pecuniário e a digna modéstia com que menosprezou

as honrarias do poder, pela energia de um caráter que os anos não conseguiram quebrantar, pela vastidão de sua rara cultura teórica e estética, e a elevação de sua inteligência, êle tornou-se um tipo difícil de ser excedido, e mesmo equiparado”.

“É o grande Andrada, êsse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão”.

(CASTRO ALVES).

Geonísio Curvello de Mendonça

O Amor por princípio, e a Ordem por base;

o Progresso por fim.

Viver às claras.

Viver para outrem.

Ordem e Progresso.

Conferência realizada em comemoração do sétimo centenário subjetivo do Grande Santo, na cidade de S. Paulo, no salão de conferências da Biblioteca Municipal, no dia 23 de Descartes de 72-138, 30 de Outubro de 1926 por Geonísio Curvello Mendonça, filiado à Igreja Positivista do Brasil (Fundada por Miguel Lemos, em 19 de César de 93 — 11 de Maio de 1881).

O grande S. Francisco de Assis é o eterno padroeiro do proletariado passivo e foi o admirável instituidor das ordens mendicantes, inaugurando nobremente o século final da idade e média (o décimo terceiro), tentando, em vão, a única reforma que o Catolicismo comportasse, substituindo um clero necessariamente pobre ao sacerdócio deploravelmente enriquecido.

(Augusto Comte — Sistema de Política Positiva — Tomos III e IV, páginas 485 e 153).

Trata-se sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, com melhoramentos radicais, tudo o que o sistema católico da Idade Média pôde realizar, ou mesmo esboçar, de grande ou de terno. (Testamento. Correspondência Carta a CLOTILDE, de 5 de Agosto de 1845, pág. 296).

Aos olhos do sacerdócio da Humanidade todos os homens são, sobretudo hoje, positivistas espontâneos, em diversos graus de evolução que não carecem nunca senão de ser completados. (Política Positiva IV, página 377).

Os positivistas e os católicos podem já concertar-se dignamente, a fim de obrigar, em nome da razão e da moral, todos os que crêm em Deus a voltarem a ser católicos, todos os que não crêm a se tornarem positivistas, o século da construção não devendo comportar luta senão entre doutrinas verdadeiramente orgânicas, eliminando todos os puros críticos, como tão atrasados quanto perturbadores. (Cartas a diversos, I, 2.ª parte, pág. 261. Carta a A. Sabatier, de 8 de Shakespear de 68 — 17 de Setembro de 1856).

A sã política é filha da razão e da Moral.

(JOSÉ BONIFÁCIO, o Patriarca da Independência Política do Povo Brasileiro, no seu projeto de Abolição da escravidão).

Parecerá demasiada, depois de tantas conferências, artigos, sermões e festas consagrados a S. Francisco neste sétimo centenário de sua morte, a tentativa de mais palestra sobre a extraordinária vida do fundador da ordem dos mendicantes.

A riqueza, porém, porém, da vida do pobrezinho de Assis é tanta que não só os sábios e eruditos, os práticos ilustrados e os poetas entusiasmados, mas tam-

bém os rudes e incultos como nós outros, nela encontram pepitas para mostrar maravilhosos aos seus contemporâneos.

Um sábio alemão, contudo, dos muitos que têm estudado a rápida e fulgurante existência objetiva do nosso santo, depois de longo meditar sobre essa incomparável natureza, pergunta intrigado: “Mas o que é que desejava São Francisco?”

Nós vamos tentar responder a tal pergunta.

Consideremos em primeiro lugar a religião, pois que o Santo não se pode separar da sua fé, da sua doutrina amada, na qual via a solução para os destinos da Humanidade na Terra.

Consideremos a história da religião como história geral da Humanidade e busquemos o lugar do catolicismo nessa história.

Para tanto devemos nos restringir à vida dos povos que constituem a guarda avançada da espécie humana, e em torno do Mediterrâneo, primeiramente, na Europa, depois e na América, vejamos a evolução religiosa desses povos.

No vetusto Egito, berço de nossa civilização, deixado para trás o feitiçismo, que organizou a família, fez prevalecer a vida sedentária e surgir o sacerdócio, fase em que todos os objetos materiais eram ou podiam ser deuses ou fetiches, nós encontramos o politeísmo conservador.

Antes de continuar, é necessário lembrar como é constituída a nossa alma. Ela se compõe de um conjunto de faculdades ou órgãos divididos em três partes: sentimento ou coração, inteligência ou espírito e atividade ou caráter.

Na teoria egípcia o sentimento, a inteligência e a atividade eram cultivados uniformemente, mas a sociedade se achava dividida em castas ou classes distintas dirigidas pelo sacerdócio.

Do rígido Egito, fechado à qualquer alteração na constituição da sociedade, saíram três migrações: de homens nobres, que foram à Grécia; de homens práticos, mercadores e artesãos, que se dirigiram à Fenícia; finalmente, de párias e escravos guiados por Moisés, da casta sacerdotal, que foram à Palestina.

Saídos do Egito, os futuros gregos não levaram os livros sagrados e criaram, primeiramente, a poesia humana, fazendo decorrer dos poemas homéricos a organização de toda sua vida. O tesouro do saber antigo posto à margem, apareceu o filósofo, isto é, não o sacerdote iluminado, mas o simples amigo da sabedoria.

Inaugura-se aí o politeísmo intelectual, desenvolvendo êsse povo de todos os modos a cultura do espírito. Era, porém, um só aspecto da alma humana que essa evolução tinha em vista e nada de definitivo poderia ser alcançado para a Humanidade por tão incompleta cultura.

Os segundos emigrados do Egito, que foram ter à Fenícia, chocaram-se com os gregos e, batidos em Tróia, foram fundar Roma, sempre com o ideal de atividade pacífica.

Compreendendo, porém, que na situação em que se achavam a guerra era inevitável, pois todos tinham o mesmo ideal de domínio, transformaram-se em guerreiros sistemáticos, tendo por objetivo impor por toda a parte os costumes da paz e isto conseguiram.

Essa segunda transição, que constitui o politeísmo militar dos romanos, iniciou a Humanidade na atividade coletiva, isto é, preparou de todos os modos a cultura do caráter.

Além disso, os nobres guerreiros incorporaram na sua civilização gregos e judeus. Estes cultivavam, havia séculos, de acordo com os altos princípios de Moisés, o sentimento, o coração, a moralidade, a virtude, a dignidade.

No fim do império romano o mundo civilizado de então se debatia, como hoje e, talvez, menos do que hoje, na maior das perplexidades sobre o seu destino futuro.

S. Paulo, cidadão romano, judeu de origem, possuidor da elevada cultura moral dos seus antepassados, toma o problema do momento e resolve-o: o mundo romano tão soberbo, tão dilatado e tão rico das searas colhidas na paz, carecia da cultura do sentimento, do coração, da bondade, como explicitamente se vê do admirável capítulo 13 da 1.ª epístola aos Coríntios:

Supremacia social do AMOR, proclamada por S. PAULO

Se eu falar a língua dos homens e dos anjos e não tiver amor (agape), sou como o metal que soa ou como o cimbalo que tine.

E se eu tiver o dom da profecia, a conhecer todos os mistérios, e quando se pode saber; e se tiver toda a fé, até o ponto de transportar montanhas, e não tiver amor, não sou nada.

E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver amor, nada disso me aproveita.

O amor jamais há de acabar; ou deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência.

Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino, discorria como menino. Mas, depois que cheguei a ser homem feito, dei de mãos às coisas que são de menino.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, e o amor; essas três virtudes; porém a maior delas é o amor. (S. Paulo, Primeira epístola aos Coríntios, Cap. XIII). — 64 era católica.

Assim se cumpria a missão do povo humilde emigrado do Egito sob a vara de Moisés.

Notai, porém, que as duas evoluções anteriores, a intelectual ou grega e a social, da atividade, ou romana, fizeram-se sob o regime do politeísmo herdado do Egito.

A terceira evolução, a do sentimento, posta por S. Paulo e realizada na idade média, requereu a concentração do politeísmo, já preparada por Moisés e por Aristóteles.

A Idade Média coube ainda libertar os escravos e emancipar as mulheres, de acordo com as necessidades dos tempos modernos.

A missão do catolicismo foi assim a de preparar a cultura do sentimento, motor supremo de todos os nossos atos. Apesar, porém, da alta dignidade dessa missão, ela não era completa e definitiva, como procuraremos mostrar.

Voltemos, porém, à pergunta do sábio alemão: "O que desejava S. Francisco?"

Perfeitamente compenetrado da missão social do catolicismo, S. Francisco procurou dar a demonstração da mais perfeita cultura do coração que é possível realizar na terra. O seu amor não se restringe à espécie humana, estende-se a todos os seres e a sua fraternidade é universal.

A vida de S. Francisco se pode dividir em duas partes: a) antes de sua vocação; b) depois de sua vocação.

A primeira parte se divide em duas fases. Na primeira, S. Francisco vive alegre, descuidado e sem pensar no seu destino; na segunda, depois de uma longa doença, entra a meditar, aos vinte e dois anos, sobre a sua vida futura. Imbuído dos ideais da Idade Média, arma-se e dirige-se ao sul da Itália para se distinguir como cavaleiro. Chegado, porém, a Spoleto, na via Flaminia, que conduz à Roma, é acometido de um acesso de febre e, numa visão, ouve uma voz que lhe recomenda a voltar à terra natal, onde outro será o seu destino.

Volta, continua a meditar e sobretudo a orar e a cuidar dos pobres; vai a Roma, dá todas as suas moedas aos mendigos, troca com um deles a sua vestimenta e, em andrajos, mendiga pela primeira vez nos degraus da Igreja de S. Pedro. Solicita a esmola em francês, que era para ele a língua da poesia, da sua alma, pois que era a língua da sua mãe francesa, que lhe havia de dar o apelido de *Francesco* o seu nome de santo.

Imaginemos, fazendo um parêntesis, o que sucederia hoje a S. Francisco, em S. Paulo ou no Rio, se fôsse encontrado moço e forte a esmolar nas escadas de uma igreja.

Nenhuma dúvida há de que seria preso e processado como falso mendigo, apesar do rótulo católico da sociedade atual, que na sua loucura de prazeres materiais não suporta a vista da miséria, tanto mal nos faz ao sentimento a consciência perfeita da nossa culpa nos sofrimentos de outrem. Se todos fossemos franciscanos de coração, nem a miséria material nem a miséria moral existiriam na terra. Os mendigos, porém, existiriam, sem nos ofender nem nos afligir. Não lhes regataríamos a liberdade de aparecer onde quizessem e de organizar como entendessem a sua vida, liberdade que, hoje mesmo, não negamos a toda casta de perversos e inúteis, muitos dos quais exercem profissões que nem sequer podem ser indicadas pelos seus títulos entre gente honesta.

O que é o mendigo?

Antes de tudo é o cultivador dos nossos bons sentimentos; é o despertador da nossa consciência adormecida, é o *memento* homo de que havemos de carecer sempre para colocar o ideal da vida além dos bens materiais e momentâneos. Por que, pois, evitá-los, suprimi-los? Não pagamos aos professores que nos ensinam a ler e a escrever, muita vez para nosso prejuízo? Por que desprezarmos os que só nos podem ensinar a humildade, a caridade e a solidariedade? Haverá nada mais humilde do que o ensino deve ser prático e dado pelos exemplos? Que discurso poderá despertar no coração de uma criança o doce sentimento da piedade, tão facilmente obtido em fazê-la atender ao mendigo que nos bate à porta, declarando implicitamente: — sois forte, sois rico, a vida vos sorri, mas sois generoso, conheceis e praticais a solidariedade e em confio na vossa bondade?

Pois nos consentimos que os vendedores de vícios gosem de inteira liberdade não havemos de permitir que inofensivos cultores do sentimento participem das estradas da terra, aqueçam-se ao sol, olhem as flores com esse sentimento de fraternidade de que S. Francisco nos dá o exemplo? Será que nós lhes invejamos a situação, por sentir bem a nossa incapacidade para dominar o nosso orgulho, a nossa vaidade, elevando o coração a esse grau de santa simplicidade que permite uma alegria sem remorsos e sem cuidados?

Se assim é, com que direito lhes embargamos os passos, sendo mais exigentes, mais culpados e mais pecadores? Quem nos passou a escritura da pose da Terra?

Além disso, quem poderá impedir a prática de dar esmolas, quando nos quatro modos essenciais de transmitir os bens materiais: a doação, a troca ou comércio, a herança e a conquista, é a doação o mais nobre e o mais puro?

Numa sociedade desenvolvida ninguém produz o necessário ao seu consumo, em virtude da separação dos ofícios, e todos recebemos alimento, alojamento e vestuário por troca ou doação e justo será ceder ao mendigo, gratuitamente, uma parte do que outros produziram e de que nós nos achamos de posse, sem direitos incontestáveis.

Não é, porém, sob essa feição que se deve encarar a mendicância estabelecida ou adotada por S. Francisco.

Até aqui só consideramos o mendigo que o é por incapacidade física ou cerebral (esta não é levada em conta quando se julgam atualmente os pedintes, o que leva a declarar válidos os que têm são os órgãos visíveis, embora o cérebro ou a alma seja anormal) mas não examinamos o caso do mendicante válido moralmente e corporalmente.

Para pregar a virtude, a moderação, a renúncia; para aconselhar e para julgar, para, em uma palavra, exercer o poder espiritual, a primeira condição é a perfeita liberdade de coração, a completa isenção de ânimo, e estas só são obtidas com a renúncia aos bens materiais, às riquezas, ao conforto, como dizia S. Francisco ao bispo de Assis no começo do seu apostolado: "Senhor, se nós possuímos bens, seremos forçados a ter armas para guardá-los. Pois que toda propriedade resultam fatalmente disputas com o vizinho, cujo efeito é prejudicar o amor de Deus e dos homens e para conservar em nós este amor intacto e puro nós nos decidimos a nada querer neste mundo".

Fechemos, porém, o parêntesis e voltemos a vida do nosso santo.

Continuando a meditar no destino da sua vida, um dia na pequena igreja de S. Damião, orando perante o crucifixo, ouve uma voz que lhe diz: "Francisco, reconstrói a minha casa que está prestes a desabar".

Ouvindo isto, S. Francisco acredita ter encontrado o seu destino e imediatamente começa a reconstruir e construir igrejas.

No dia 24 de Fevereiro de 1209, na pequena igreja da Porciúncula, o nosso santo ouve o velho padre seu amigo recitar o Evangelho: "Ide, pois e pregai e dizei": O reino dos céus está próximo.

"Curai os doentes, resuscitai os mortos, tratai os leprosos, explei os demônios; são dons que recebestes gratuitamente e que haveis de restituir gratuitamente".

"E vós não deveis ter nem ouro nem prata, nem qualquer moeda em vossos cintos, nem qualquer bolsa para viagem, nem manto, nem sapatos, nem cajado: pois o trabalhador merece a sua nutrição".

"E quando acontecer entrardes em uma cidade ou em uma aldeia, perguntai quem é digno de vos receber e ficai na casa deste até partirdes".

E quando penetrardes em uma casa, saudai-a, dizendo: "Que a paz seja nesta casa".

E se a casa fôr digna, vossa paz descerá sobre ela e, se não o fôr, a vossa paz retornará a vós".

S. Francisco considerou a leitura desse evangelho como uma revelação divina ou uma mensagem que lhe fôsse dirigida, declarando ao velho padre:

— Eis o que eu quero, eis aí em que devo empregar todas as minhas forças. E desde esse dia, S. Francisco, o construtor de igrejas, o eremita, se transformou no apóstolo e evangelista, no anunciador da conversão e da paz.

O efeito do apostolado de S. Francisco foi assombroso. De 1209 até 1226 vão apenas dezessete anos e nesse pequeno espaço de tempo a ação do nosso santo se estende à Europa, à África e à Ásia, onde S. Francisco em pessoa vai pregar aos incrédulos, desejando intimamente dar o seu sangue por amor do seu modelo querido, Cristo crucificado. Os infiéis, porém, nenhum mal lhe fizeram e o sultão Mélek-el Kamel, à cuja presença foi ter, movido certamente pela bondade resplandecente do Santo, limitou-se a pedir-lhe: — Roga por mim, a fim de que Deus me revele qual é a religião que lhe é mais agradável".

S. Francisco não tinha predicados pessoais para agradar, mas as suas prédicas modificavam completamente os seus ouvintes.

Thomas de Spalato conta, em 1269, a seguinte cena a que assistiu.

"Neste mesmo ano, (1222) no dia da Assunção de Nossa Senhora, quando eu era estudante em Bolonha, eu vi S. Francisco pregar na praça, diante da municipalidade, e quase toda a cidade veio ouvi-lo. O tema de sua prédica era os anjos, os homens e os demônios. Sobre estas três categorias de espíritos ele falou tão bem e com tanta sabedoria que muitos homens sábios que ali se encontravam se admiravam de ouvir falar assim um homem iletrado (S. Francisco se chamava a si mesmo de idiota)". Todo o objeto do seu discurso versava sobre a extinção das inimizades e a volta à paz.

Seu hábito era estragado, sua figura medíocre e seu rosto sem beleza, mas Deus dava à sua palavra tanto poder que muitas famílias nobres, separadas por velhas inimizades e sangue derramado, decidiram-se então a se reconciliarem para sempre. E todo auditório tinha pelo Santo tanta veneração e devoção que as mulheres lançavam-se em multidão para conseguir um pedacinho do seu velho hábito ou, pelo menos, beijar-lhe a fimbria".

"De outra vez, em Alviano, segundo conta Thomaz de Celano, ele se instala na grande praça e pretende começar a pregar. A tarde ia caindo nesse momento e inumeráveis andorinhas, que, hoje, ainda constroem os seus ninhos nos muros pardacentos das torres em ruína de Alviano, voltavam chilreando continuamente, descendo dos seus ninhos para os beirais das casas. Entretanto, S. Francisco e o irmão Masceo entoam um hino religioso e os habitantes da cidade, imóveis e mudos, aguardam o fim do cântico e o começo da pregação.

As andorinhas ao contrário não querem fazer silêncio e em massas cada vez mais espessas inundam a praça, chilreando tanto que não se pode ouvir uma palavra do sermão. Então, S. Francisco, voltando para elas seu olhar cheio de paciência, lhes diz docemente: — Minhas irmãs andorinhas, parece-me que agora é a minha vez de falar, pois já cantastes e conversastes bastante. Escutai, pois, a palavra de Deus e ficai tranqüilas e silenciosas, enquanto eu vou pregar". Logo todos estes pássaros ficaram imóveis, em silêncio e assim permaneceram enquanto S. Francisco falou. Ora, em razão deste milagre e das ardentes palavras de S. Francisco, todos os habitantes da cidade quiseram seguir o Santo, tornando-se seus discípulos. Mas S. Francisco os reteve, dizendo: — Eu vou procurar as regras do que deveis fazer para serdes salvos. E foi neste tempo que o Santo meditou na ordem dos terceiros ou dos irmãos penitentes".

Se no mundo dos homens causava S. Francisco tal impressão, qual seria, no mundo feminino, o efeito da pregação de S. Francisco? Se a mulher está sempre mais preocupada com a cultura do sentimento do que o homem, certamente, algum exemplo ilustre demonstraria a aceitação completa por parte da mulher das doutrinas de S. Francisco.

Santa Clara, a filha do conde Sasso Rosso, foi o adepto mais sincero das regras de S. Francisco e não somente partilhava as suas idéias sobre a pobreza como fundamento da perfeição cristã como as da utilidade do trabalho para a vida religiosa.

Renúncia e dedicação são as duas condições indispensáveis para ser perfeito franciscano e tanto para uma como para outra a preparação constante deve ser a oração.

Orar é ao mesmo tempo amar, pensar e agir, e a oração purificada, onde se rende culto aos entes superiores e se pedem aperfeiçoamentos morais, é o melhor resumo da vida e, reciprocamente, a vida, sob seu mais nobre aspecto, diz Augusto Comte, consiste em uma longa oração.

Orando sempre, ascendendo diariamente, S. Francisco obtem em 1224 os estigmas, provas definitivas da sua altíssima santidade.

Quais seriam, porém, as conseqüências da vida do nosso Santo? S. Francisco sempre foi contrário aos letrados e uma das suas prescrições é a seguinte:

"Que a ciência deve seguir a ação. Não há ciência verdadeira e digna de ser buscada se não conduz diretamente a ações".

Nenhuma outra regra é necessária para se compreender o pensamento do santo; o saber deve ser positivo, isto é, real e útil; certo e preciso; orgânico e relativo; e, finalmente, moral, simpático ou religioso, pois o santo sempre fez prevalecer o sentimento sobre a inteligência e a atividade.

A primeira conseqüência desse espírito positivo do Santo foi a adoção pelos franciscanos da filosofia de Aristóteles, que a Igreja condenara em 1209 e 1215. Alexandre de Hales, franciscano inglês, morto em 1245, autor da primeira Suma Teológica, é o introdutor de Aristóteles na igreja católica, sendo posteriores aos seus os trabalhos dos dominicanos ilustres Alberto Magno e Santo Thomaz.

Outros franciscanos ainda mais fiéis à regra de S. Francisco, Roberto de Midletowne ou Mediavilla, autor de um admirável trabalho sobre o hipnotismo; Raymundo Lulio, autor da "Ars magna" e que morreu lapidado pelos mouros; Roger Bacon, autor dos trabalhos — "Opus majus", "Opus Minus" e "Opus tertium", sobretudo este último, combatem o método apriorístico insistindo na necessidade da observação e da experiência.

Roger Bacon é o precursor de todos os cientistas modernos e como tal da filosofia positiva, cujo termo é o dogma da Humanidade.

Tudo isso se encerrava nas doutrinas de S. Francisco, cujo hino final, esse admirável Cântico ao Sol, é o prenúncio da incorporação do fetichismo na religião definitiva.

Aí se vê o Santo fraternizando com todas as criaturas:

ESBOÇO DE TRADUÇÃO DE

Raimundo Teixeira Mendes.

TEXTO I

Começam os louvores das criaturas que fez o Bem-aventurado Francisco para louvor e honra de Deus, quando estava enfermo em São-Damião.

Altíssimo, onipotente, bom senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção. A ti só, altíssimo, são devidos e nenhum homem é digno de te nomear.

Louvado sejas meu senhor, com todas as tuas criaturas especialmente monsenhor o irmão sol, o qual dá o dia, e ilumina por ele; E ele é belo e radiante com grande esplendor; de ti, altíssimo, traz significação.

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã lua e as estrelas, no céu as formastes claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu senhor, pelo irmão vento e pelo ar é nuvens e sereno e em todo o tempo, pelas quais às tuas criaturas das sustento.

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã água, a qual é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite, e ele é belo e jocundo e robusto e forte.

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nossa mãe terra a qual nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flôres e herva.

Louvado sejas, meu senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor e sustentam enfermidade e tribulação;

felizes aqueles que perseverarão em paz. pois por ti, altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nossa morte corpórea. da qual nenhum homem vivente pode escapar; desgraça aos que morrerem em pecado mortal; felizes os que se acharem em tua santíssima vontade, pois a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei o meu senhor e o servi com grande humildade.

Tão elevada cultura do sentimento não bastava, porém, para instituir a ordem final, pois que os dois elementos do estado normal, o espírito relativo e a atividade pacífico-industrial careciam de um surto especial.

A cultura científica presentida e iniciada pelo franciscano Roger Bacon teria que ser retomada e a indústria só poderia ser sistematizada depois do desenvolvimento da ciência.

A renovação do entendimento não se poderia fazer sem a revolução, pois que os franciscanos, sempre propensos à reforma religiosa, não conseguiram dirigi-la, por lhes faltar uma teoria histórica, termo final da mesma renovação.

Enquanto a cultura científica não alcançava, com Augusto Comte, a criação da sociologia e a fundação da filosofia positiva, o movimento intelectual ficava entregue às perturbações oriundas das fontes metafísicas que nada criaram de orgânico e estável.

Hoje, porém, o problema humano está resolvido, graças a esse impulso franciscano criador da descoberta da América, da Divina Comédia, da Imitação de Cristo, do desenvolvimento científico, da filosofia positiva e da Religião da Humanidade.

Um novo S. Francisco — Augusto Comte — e uma nova Santa Clara — Clotilde — cujas máximas:

AS SETE MÁXIMAS DE CLOTILDE DE VAUX

Extraídas do conjunto dos seus escritos por Augusto Comte.

"É indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sentem".

"Que prazeres podem exceder aos da dedicação?

"Compreendi, melhor do que ninguém, a fraqueza da nossa natureza, quando não é dirigida para um alvo elevado, que seja inacessível às paixões".

"A nossa espécie, mais que as outras, carece de deveres para fazer sentimentos".

"Não há na vida nada irrevogável senão a morte".

"Todos nós temos ainda um pé no ar sobre o limiar da verdade".

"Os maus carecem muitas vezes mais de piedade do que os bons".

encerram toda moral positiva, nos convidam a terminar a vida revolucionária e a encetar a fraternidade nova.

S. Francisco é o centro de convergência de todos os ricos de coração, positivistas, católicos, protestantes, maometanos, budistas, confucionistas, que reconhecem no nosso santo a mais pura expressão da bondade humana.

Na hora amarga que o mundo atravessa e especialmente a sociedade brasileira, dilacerada por lutas inglórias e estéreis, façamos votos ardentes para

que desça sobre nós a paz franciscana e que, convencidos dos nossos erros, nos entre-perdoemos antes de restituir à mãe Terra os despojos da nossa fugaz vida objetiva.

Que S. Francisco reine realmente nos nossos corações, convencidos sinceramente de que no Mundo só o Amor é a realidade e a perfeição.

Festa universal dos mortos — 84 — 150 — 1938 —

PROGRAMA

- 1) Invocação habitual à Humanidade
- 2) Hino ao Amor
- 3) Parte musical
- 4) Prédica, segundo o seguinte sumário:

No calendário positivista o último dia do ano, o dia complementar, é dedicado à comemoração geral dos mortos — A honrosa instituição dessa festa pelo Catolicismo, mas sem ter o caráter de universalidade que lhe dá o Positivismo — A grande importância do culto dos mortos — Conforme observou Vico, esse culto é característico da espécie humana — A evolução do culto dos mortos: no Fetichismo, no Politeísmo, no Monoteísmo e finalmente no Positivismo — Durante a fase monotéica os mortos são rememorados indiretamente porque é pecado desviar para a criatura o amor devido ao criador — No Positivismo o culto é sobretudo e diretamente dedicado aos mortos — Concepção científica da morte — Instituição consciente da vida subjetiva — Sob o ponto de vista moral e social não existe morte: o que se dá é a transformação da vida objetiva em subjetiva — Realidade e superioridade dessa concepção — "Os vivos são sempre a cada vez mais governados necessariamente pelos mortos" — "No meio dos maus graves tormentos que possam jamais resultar da afeição, uma alma de eleição não cessará de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio, mesmo de dor, sim, mesmo de dor, da mais amarga dor". (AUGUSTO COMTE).

- 5) O invisível còro
- 6) Parte musical
- 7) Distribuição das flores e fórmula de encerramento.

RESUMO DA PRÉDICA

A Igreja Positivista do Brasil, fundada por Miguel Lemos, se reúne, mais uma vez, para glorificar o conjunto dos Mortos, dominadores necessários dos vivos.

"O ano positivista termina pela consagração do seu dia complementar à glorificação do conjunto dos mortos, dominadores necessários dos vivos. Recordando a iniciativa católica, esta festa final manifesta a superioridade da sistematização a iniciativa católica, única que podia instituir a universalidade das comemorações. Afetivamente ligada à celebração da véspera ela prepara espontaneamente a incomparável solenidade que deve, no dia seguinte, renovar o ano pela idealização direta do amor universal" (A. C. P. P. 4.º 153).

A festa de hoje faz, assim, parte da série organizada pelo Nosso Mestre, todas destinadas à glorificação da Humanidade, sob diversos aspectos.

Desde o mais remoto fetichismo, porém, existe o culto dos mortos, que o eminente Vico erigiu em privilégio essencial da espécie humana, depois de muito meditar sobre o que havia de uniforme nos costumes em vários tempos e lugares.

Os nossos ingênuos antepassados não distinguiam a vida da morte, esta não sendo para eles senão uma maneira nova de viver. Daí os cuidados especiais para conservação dos despojos mortais, tão desenvolvidos, como é sabido, no vetusto Egito.

"Vós vos admirais, diz BOSSUET, no seu discurso sobre a história universal, de ver tanta magnificência nos sepulcros do Egito. Acontece, porém, que tais se-

pulcros são não só monumentos sagrados para levar aos séculos futuros a memória dos grandes príncipes, mas, também, moradas eternas. Os egípcios chamavam as suas casas *hotéis*, onde teriam uma vida passageira, e casas verdadeiras os túmulos que deveriam ser habitados por séculos sem fim".

Tais práticas demonstram a origem remotíssima do culto dos mortos, transmitido pelo fetichismo ao politeísmo e, por este, ao monoteísmo. O culto dos antepassados é instituído pelo fetichismo muito antes do politeísmo ter estabelecido o dogma sutil que atribui a serem interiores, capazes de existir à parte, nossos principais fenômenos.

Esse culto não poderia, contudo, ser perfeitamente sistematizado antes do Positivismo. No monoteísmo católico, ele era uma simples concessão feita às necessidades reais e profundas da nossa alma. O verdadeiro culto só se poderia endereçar a Deus, inteiramente independente da criatura, da qual não carece.

Além disso, o Catolicismo, embora desejando incorporar toda espécie humana, como indica a sua denominação, condenara todo o passado, impedindo assim qualquer projeto de comemoração que pretendesse abarcar as populações de todos os tempos e de todos os lugares. Ora, sem esse espírito de fraternidade universal, a cerimônia de hoje perde quase todo seu valor. Será uma cerimônia de culto privado e essa era ou é a significação quase exclusiva do dia dos Mortos no Catolicismo.

Se é verdade que as populações católicas se reúnem no mesmo dia para a comemoração, de acordo com a iniciativa de Santo Odilon, não é menos verdade que lhe falta o sentimento generalizado de gratidão e reconhecimento pelos serviços prestados pelo conjunto dos mortos e muito menos o pensamento de que os mortos continuam vivendo para os benefícios, embora libertos das nossas grosseiras necessidades materiais. O catolicismo não suprimiu o culto dos mortos, que se encontra entre egípcios, indus, etruscos, sabinos, gregos e latinos, mas tirou o caráter sagrado das sepulturas e dos antepassados e suprimiu as oferendas e banquetes fúnebres. Tudo foi substituído pela missa, em que Deus só, embora do mesmo modo, é glorificado.

Se perdemos, hoje, irrevogavelmente, as ilusões pueris dos nossos antepassados sobre o prolongamento da vida objetiva, sabemos, felizmente, que a imortalidade subjetiva é uma realidade incontestável. Trabalhamos sempre para os nossos descendentes, sob o impulso dos nossos antepassados, de onde derivam, ao mesmo tempo, os elementos ou materiais e os processos, regras ou ensinamentos de todas as nossas operações.

As gerações humanas, em toda superfície da Terra, na sua rota pelo Espaço, recebem continuamente dos Mortos, para aumentar e transmitir aos vindouros, materiais e regras:

- a) para se alimentar;
- b) para morar ou habitar;
- c) para se vestir;
- d) para se transportar;
- e) para conhecer: 1) observando; 2) experimentando; 3) organizando nomenclaturas; 4) comparando; 5) filiando; 6) deduzindo; 7) construindo;
- f) para comunicar sentimentos, pensamentos e projetos: 1) por meio do canto, da poesia, do discurso e da conversa; 2) pela mímica, pelo desenho, pela escultura, edifício ou construção religiosa, hieroglifos, alfabeto, imprensa, carta, livro, telégrafo, telefone, rádio;
- g) para conhecer os seres concretos: o céu; o ar; a água; os minerais; as plantas; os animais; os povos, isto é, os franceses, os italianos os hespanhóis; os britânicos, os germânicos, os pretos, os amarelos;
- h) para servir: 1) amando, encantando, moralizando e inspirando, como a Mulher; 2) ensinando, aconselhando, consagrando, julgando, como o sacerdote; 3) governando, conjugando, resolvendo, mandando, como os chefes temporais; 4) distribuindo o crédito, como os banqueiros; 5) repartindo mercadorias, como os comerciantes; 6) transformando os materiais, como os industriais; 7) produzindo as matérias primas, como os agricultores;
- i) finalmente, para cultivar o Espaço, a Terra e a própria Humanidade, ou glorificando a sua existência ou a sua atividade, de modo abstrato ou de modo concreto, recordando os serviços dos seus grandes filhos e, especialmente, de CLOTILDE e AUGUSTO COMTE que não-la revelaram. Em uma palavra, em tudo temos

que reconhecer o trabalho dos mortos, os seus sacrifícios, as suas lutas, os seus anseios, os seus exemplos em prol dos que hão de vir.

Quer queiramos quer não, eles nos dominam, nos governam, nos guiam e revivem em nós, realizando essa suave imortalidade subjetiva, real, útil, digna, necessária, moralizadora, bela e nobre, que nos afasta do mal e da anarquia, conduzindo as populações da Terra, através dos séculos, para o reino da paz e falidade que a Humanidade já construiu e para cuja realização podem trabalhar conscientemente os que forem realmente positivistas e, inconscientemente, todas as almas bem dotadas e capazes de amar a outrem.

Recordemos os ensinamentos do Nosso Mestre: "Só os mortos podem representar a Humanidade, que consiste essencialmente no seu conjunto, enquanto os vivos, nascidos sempre, como seus filhos, serão seus servidores, mas podem degenerar em parasitas.

A vida objetiva, mesmo que fosse julgável imediatamente, comporta raramente uma eficácia que não possa ser ofuscada pela corrupção posterior.

Até que termine a vida objetiva, os atributos humanos não poderiam surgir suficientemente, mesmo nos melhores tipos, sempre alterados pelos desvios inerentes às necessidades corpóreas. A alma só pode prevalecer na existência subjetiva que pertence unicamente às funções sociais, quando os fenômenos puramente pessoais cessaram irrevogavelmente.

Entretanto, seja qual for a superioridade da vida subjetiva, ela só pode surgir e persistir por influência objetiva. Se de um lado, os vivos sofrem o império dos mortos, estes, por outro lado, só dominam por aqueles, cuja intervenção aliás não é facultativa, mesmo quando se insurgem contra este jugo necessário. Direta e completa a vida objetiva se caracteriza sobretudo pela vontade; enquanto que a existência subjetiva entra na fatalidade. Os domínios respectivos dos mortos e dos vivos determinam o imutável fundamento e a modificação secundária do destino humano.

Assim, o serviço direto emana sempre da vontade, na qual se condensa toda existência cerebral, por um concurso normal do coração que nos impele, da inteligência que nos esclarece e do caráter que nos conduz. Ela se acha naturalmente preservada do arbitrário, porque sua eficácia depende da subordinação contínua dos vivos aos mortos. Quando este império é desconhecido, a vontade torna-se tão estéril quanto perturbadora.

O conjunto dos mortos governa diretamente os pensamentos e os afetos humanos, mas a Humanidade só nos leva a querer de acordo com as leis, naturais os artificiais, que ela institui gradualmente.

A existência indireta ou subjetiva se acha liberta inteiramente da ordem física, tanto vital como material, ficando, porém, inteiramente submetida à ordem intelectual e moral que, desde então, prevalece melhor. Os representantes de todos os países e de todas as épocas têm sede simultaneamente, em um mesmo cérebro; cada alma absorvida ocupa, ao mesmo tempo, várias sedes, cada uma podendo reproduzi-la sob diversas formas.

Mas, no meio de todas estas alterações, a ordem propriamente dita, isto é, o arranjo fica sempre imutável. Jamais pode colocar-se antes o que vem depois ou reciprocamente, quer no espaço, quer, mesmo, no tempo.

No estado subjetivo se realiza, com mais plenitude e firmeza, o sonho teológico de almas desprovidas de corpos. A dignidade da ordem humana torna-se aí irrecusável, pois que as mais nobres funções persistem independentemente da ordem exterior, à qual só a nova sede está submetida. HOMERO, ARISTÓTELES, DANTE, DESCARTES, etc, não cessarão jamais de reviver assim em cada cérebro capaz de absorvê-los, para produzir aí resultados muitas vezes superiores aos da vida objetiva.

Tal é o modo fundamental segundo o qual os mortos governam cada vez mais os vivos, introduzindo a sua fixidez característica acima da versatilidade própria à existência direta.

A Humanidade se forma pelo concurso, no tempo e no espaço, das existências suficientemente assimiláveis, excluídas as que foram um fardo para nossa espécie.

É por este título, sobretudo, que a Humanidade é composta essencialmente de mortos que, de ordinário, são os únicos plenamente julgáveis, além da sua crescente superioridade numérica.

A admissão dos vivos é provisória, a fim de que eles realizem a prova que lhes permitirá ou impedirá uma irrevogável incorporação subjetiva. Todos os verdadeiros elementos da Humanidade são necessariamente dignos de honras. Eles só se podem combinar pelos seus aspectos nobres, afastando-se da lembrança de cada um, todas as imperfeições que, durante a vida objetiva, os levavam à discórdia. Quando a poesia regenerada tiver feito sentir bastante esta dupla propriedade, a superioridade do novo Grão-Ser em relação aos seus próprios adoradores tornar-se-á tão incontestável pela inteligência e amor quanto já é pelo poder. Assim, na construção do principal tipo religioso, o dogma positivista realiza naturalmente esta indispensável combinação entre a homogeneidade e a preponderância, buscada penosamente pelo dogma católico na insuficiente ficção do Cristo. (P. P. 1.º 342, 343, 344, 411 § 4.º 104).

Os vivos são sempre, e cada vez mais, dominados pelos mortos. Cada órgão subjetivo resulta sempre de uma existência objetiva e seu exercício exige o concurso de outra. O homem serve como ser durante a sua vida propriamente dita e com órgão depois da sua morte individual. Na primeira existência ele recebe gratuitamente e emprega livremente os recursos de todos os gêneros acumulados pelo Grão-Ser; na segunda, ele concorre para dirigir o uso contínuo do conjunto dos meios humanos, se ele preencher dignamente o seu ofício pessoal.

Poucos tipos humanos são bastante caracterizados para que sejam julgáveis enquanto vivos.

Ainda que a antiguidade tenha muitas vezes estendido até os mortos o classamento imperfeito dos vivos, a idade-média tentou nobremente uma repartição melhor, que fez sentir, sem anarquia, os vícios da ordem objetiva.

A religião da Humanidade transforma definitivamente a noção quimérica e grosseira da imortalidade objetiva, cuja eficácia provisória se acha esgotada, no dogma definitivo, tão nobre quanto real, da imortalidade subjetiva própria a toda digna natureza humana. A hipótese primitiva é tão anti-social (quando a sabedoria sacerdotal não pôde bem corrigir os seus vícios) quando a concepção final é própria para consolidar a nossa verdadeira sociabilidade, ainda mais relativa ao tempo do que ao espaço: os vivos são sempre, e cada vez mais, governados essencialmente pelos mortos. O verdadeiro sacerdócio poderá dizer aos mais orgulhosos tiranos: "O homem se agita e a Humanidade o conduz" —

Se o serviço direto do Grão-Ser pertence exclusivamente à vida objetiva, só a imortalidade subjetiva manifesta a excelência da Humanidade. Nossa natureza tem necessidade de ser purificada pela morte, para que os seus melhores atributos possam sobressair bastante, vencendo as grosseiras necessidades que os dominam no começo.

Sempre subordinada à existência corporal, a vida cerebral parece ordinariamente limitada a consolidá-la e aperfeiçoá-la.

Contudo, os atributos superiores, afetivo, especulativo e mesmo ativo, sendo todos destinados à vida de relação, aspiram à vida coletiva, libertando-se do fim individual, à medida que a animalidade se desenvolve.

A sociabilidade tende, assim, para uma constituição na qual o corpo torna-se simples sustentáculo do cérebro. Mas esta transformação só se realiza plenamente na nossa vida subjetiva, erigida, por tal aptidão, em tipo espontâneo da vida objetiva.

Quimeras, outrora consoladoras, mas, hoje, degradantes, não desviarão mais cada um de se ligar tanto quanto possível ao Grão-Ser, do qual aspira fazer parte.

O sistema de comemoração será sobretudo destinado a desenvolver em todos o desejo natural de eternizar a nossa existência pelo único meio que nos pertence realmente.

Quando uma mesma lei fundamental abraça familiarmente o conjunto das relações humanas, cada um é chamado a viver uma vida verdadeira, no passado e mesmo no futuro, interditos aos que atribuem nossos fenômenos a vontade impenetráveis.

A nobre emulação excitada pela glorificação contínua de nossos diversos predecessores levará cada um a merecer também esta irrevogável incorporação ao ser imenso e eterno que se compõe muito mais de mortos do que de vivos.

Quando o sistema de comemoração fôr plenamente desenvolvido, nenhum digno cooperador dele se achará excluído, por mais humilde que seja a sua

participação, doméstica, municipal, nacional, ocidental ou planetária.

A nova educação geral terá disposto todos os positivistas a sentir, em uma tal recompensa de toda conduta honrada, um pleno equivalente das vãs esperanças que animam os seus precursores.

Subsistir em outrem constitui um modo muito real de existência, pois que é assim que se realiza, no fundo a melhor parte da nossa. A impotência em que nós estávamos até aqui de nos colocar sistematicamente no ponto de vista social nos impedia de apreciar uma tal verdade.

Mas uma síntese completa, que o culto estético da Humanidade deve tornar familiar a todos, nos mostrará logo as imensas satisfações morais próprias ao pleno surto direto dos sentimentos de solidariedade e sobretudo de continuidade.

Ora, eis aqui os pontos de vista diferentes, essenciais da religião nova, da religião necessária do positivismo:

A nossa comemoração se dirige aos mortos de todos os tempos e de todos os lugares; nós acreditamos na imortalidade de todos que foram úteis, sinceros, humanos, pois que "o olvidado é que é o nada, eis a fatal verdade" e nós, os pretensos vivos, é que seremos os verdadeiros mortos, se amor não tivermos para resuscitar continuamente os nossos benfeitores.

Notai bem que ninguém vive em nossa alma senão subjetivamente. Enquanto vivos podemos repetir as impressões que produzimos em outros cérebros, mas tais impressões nada mais valem do que uma imagem à qual se ligam um certo número de pensamentos, sentimentos e atos, dos quais temos notícias por meios diferentes e não são exclusivamente recebidos diretamente da pessoa que nos fornece a imagem.

Assim, as belas e racionais criações dos grandes poetas, os grandes benfeitores da Humanidade, sábios, santos e condutores práticos, *Homero, Aristóteles, Cesar, S. Paulo, Confúcio, Dante, Descartes, Danton, Frederico* e tantos outros vivem muito melhor no nosso cérebro do que a maioria dos nossos contemporâneos.

Quando dizemos — *vivem* — queremos significar que tais personalidades nos levam a praticar determinados atos como se deles, presentes, estivessemos recebendo, ordens, instruções e inspirações, que não nos podem ser dadas pelo vulgo dos contemporâneos.

Por outro lado, os mortos que assim ressuscitam em nós nasceram e viveram em todos os pontos da Terra, dessa Terra que é a nossa generosa mãe comum, da qual nós somos uma pequena parte material, que nessa mesma Terra permanecerá, sob qualquer forma, para sempre, como nela permanecem, materialmente, todos os que viveram e todos os que hão de viver, conduzidos, como numa ilha verde de esperança, através do Espaço benevolente e impassível.

Notai, ainda, que a população da Terra vem crescendo sempre e é, hoje, de cerca de 2 bilhões de pessoas. Assim, o carbono, o oxigênio, o azoto, o ferro, o hidrogênio, etc. vivificados sob a forma humana aumentam sempre, sendo perfeitamente racional acreditar-se em uma imortalidade material, objetiva, embora inconsciente e subdividida de todas as substâncias que formaram os nossos antepassados.

Não é, porém, dessa imortalidade objetiva que nós carecemos no culto dos mortos. "Cada cérebro humano, diz o Nosso Mestre, deve e pode assimilar as concepções e os sentimentos de todos os seus semelhantes, melhor ainda do que o corpo quanto aos materiais alibéis ou alimentícios. Por outro lado, a alma que deixa dignos resultados adquire em outrem a imortalidade subjetiva que perpetua e desenvolve os seus serviços objetivos.

"A eliminação da atividade, em cada fusão afetiva e especulativa, diz ainda o Nosso Mestre, extingue necessariamente a vontade de todos os seres incorporados, tornando-a exclusivamente própria ou melhor, dos resuscitados. Pois que a ação imediata e especial exige a unidade de resolução, apesar da multiplicidade, muitas vezes inextrincável, das fontes de cada designio. Durante a vida objetiva, todo o servidor da Humanidade torna-se o instrumento da sua providência, sem alterar uma individualidade sempre resumida na vontade."

"Considerada relativamente a cada um dos seres incorporados, a identificação subjetiva deve afastar toda tendência divergente, conservando somente os atributos assimiláveis. Assim a alma absorvida passa sempre por uma idealização espontânea que, pouco compatível com as imperfeições próprias ao estado

objetivo, não pode bastar suficientemente senão depois da morte”.

“A poesia indicou esta condição antes da filosofia, na admirável ficção segundo a qual a alma, para se regenerar, bebe primeiro no rio do esquecimento e depois naquele que só dá a lembrança do bem: tal é a lenda do *Lethes* e do *Ennoé*, que *Dante* relata no canto 33 do Purgatório.

“Purificando-se no estado subjetivo, a união torna-se aí mais profunda e mais contínua. Quando a alma incorporada pode melhorar bastante um dos cerebros que a fazem reviver, ela participa da imortalidade que ele obtém”.

“Por esta série de ressurreições, a imortalidade subjetiva, sem poder jamais tornar-se absoluta, não comporta outros limites gerais senão os que resultam da duração assinalada para o Grão-Ser segundo o conjunto da ordem que resume. Apesar da multiplicidade crescente, seja das almas reunidas em cada cérebro, seja das sedes de cada uma delas, a perpetuidade se partilha e se dissemina sem se depreciar, pois que ela supõe a abnegação pessoal e a consagração espontânea ao serviço contínuo da Humanidade”.

“Para completar este conjunto de apanhados sobre a natureza e o destino da existência subjetiva, é necessário indicar os três modos ou graus que lhe são próprios. O primeiro grau é relativo às almas objetivamente conhecidas do cérebro que as perpetua. No segundo grau, a incorporação é fundada somente sobre os resultados, sem nenhuma relação com os seus autores. Enfim, o terceiro faz já viver subjetivamente seres que ainda não têm existência objetiva. Tal é o crescimento normal de subjetividade que exigem nossas relações simultâneas com o presente, o passado e o futuro, quando o sentimento e a concepção da Humanidade se estendem tanto quanto pede seu digno serviço”.

Por tais palavras do nosso Mestre podemos sentir e compreender o alto valor e extrema necessidade do culto sistemático dos mortos para a construção da verdadeira felicidade humana.

Na hora presente, se é verdade que os elementos de reconstrução são cada vez mais numerosos, não o é menos, infelizmente, que o sentimento e o espírito anti-históricos, que datam do advento do catolicismo, continuam a se opor à verdadeira reorganização da sociedade.

Assim, torna-se necessário que em todos os lugares, em todas as ocasiões, exclamemos, com a mais sagrada das convicções: Respeitemos os mortos! Veneremos os mortos!

Resuscitemos os mortos!

Tudo que existe para nosso benefício, todos os elementos para transformar a Terra num paraíso são a obra contínua e formidável das gerações sucessivas. Além dos bens materiais acumulados, os bons conselhos, os exemplos salutaros, os esforços, os heroísmos verdadeiros, as santidades úteis, tudo nos vem do passado ou está no passado.

A evolução humana é uma longa e continuada assensão, na qual todos os movimentos discordantes e dolorosos são fatalmente eliminados, para só perdurar o que está de acordo com as leis inflexíveis do destino.

Fetichismo nômade ou sedentário, politeísmo conservador ou progressista, monoteísmo católico ou islâmico; ateísmo ou deísmo metafísicos; positivismo científico, filosófico ou religioso; a crença na invariabilidade das leis físicas, intelectuais e morais; a resignação às leis do destino; a reação contra o mundo exterior ou a compreensão dos fenômenos de composição e decomposição como base de outros fenômenos superiores; a inclusão da vida entre os fenômenos sujeitos às leis naturais apanhadas pela observação; a descoberta das leis que regulam os fenômenos sociais; a sistematização das leis morais, com a revelação suprema da Humanidade, que tudo coordena, eleva, resume e sintetiza, como desfecho natural, desejado, amável e feliz da marcha augusta, tudo é obra grandiosa e generosa dos mortos que em nós devem reviver.

Não bastava, porém, ter a evolução chegado a tal resultado para que a felicidade se organizasse na superfície da Terra. Os materiais de toda a sorte, regras práticas, conhecimentos teóricos, princípios morais, instrumentos de trabalho, depósitos e provisões de todo o gênero, exigem doutrina e direção, sob pena de sossobrar a sociedade sob o peso da mais horrorosa das anarquias.

Tal o destino do par sem par, resumo de todo o passado, esperança de todo o porvir, padrões e padrões das gerações futuras:

Clotilde de Vaux

e

Augusto Comte, a mais perfeita personificação da

Humanidade e o seu mais completo adorador.

Graças a esses mortos, que resuscitam em nossas almas genuflexas e agradecidas tão solenemente que quase confundimos o seu culto concreto com o culto abstrato da Humanidade, graças a eles nós podemos, apesar da tormenta revolucionária, achar rota e destino seguros para as nossas vidas tímidas e humildes.

E no mais longínquo futuro, quando toda população da Terra se tiver tornado positivista, nesta mesma Igreja, além da recordação dos mortos em geral, serão relembrados os esforços de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, realizados os votos do O invisível côro:

Mais me move êsse longo tempo em que não serei, do que êste exiguo.

(Cícero, ad. Att. XII, 18.)

Possa eu juntar-me ao invisível côro
...os mortos imortais que resuscitão
Em ânios por êles melhorados;
Que vivem num pulsar só dirigido
A generosos gins; em nobres feitos
De ouzada retitude, e no desprezo
De ambições miseráveis que se extinguem
C'o próprio ser; em remontado vôo
De sublimes e claros pensamentos
Que da noite os negrumes atravessão
Quais se fôssem estrelas resplandentes,
E cujo reluzir, constante e brando,
A mais vastos e dignos horizontes
Incita sem cessar a busca humana.
Viver assim é céu: a encher o mundo
De imorredoura música, soante.
Qual ordem pulcra que fatal regula
Com crescente govêrno a grei dos vivos.
Assim herdamos dessas almas belas
A doce candidez, por cuja posse
Penamos lutas, quedas e agonias,
Com retrospecto cada vez mais largo
A gerar um medonho desespero.
A rebeliosa carne ao jugo esquiva,
Fonte impura continuo desonrando
As nossas pobres ânsias penitentes,
As nossas pobres ânsias penitentes,
Em brevíssimo tempo se dissolve:
Seus brados e rugidos dissonantes
Abafados por ecos sonorosos,
Morrem n' ampla e altruísta melodia.
Mas tudo quanto em nós se condensava
De mais raro, excelente e verdadeiro,
Que piedoso gemia em terno canto,
Que suavizar solícito buscava
O sufocante peso dêste mundo,
Traçando com labor a vera rota
E até outra melhor imaginando;
Tirou do próprio seio imaculado
Uma imagem mais digna do santuário,

E entre as almas tôdas congregadas
Fê-la surgir divinamente humana,
Erguendo assim o religioso culto
A mais subida e terna reverência.
Do nosso sêr essa porção extreme
Há de durar até que o Tempo humano
Deixe cair as pálpebras enormes,
E até que enfim o humano firmamento,
Enrolado qual velho pergaminho,
Seja na tumba para sempre mudo.
Essa é a grata vida porvindoura,
Que mais gloriosa para nós fizeram
Os martírios de santos redivivos,
Cuja tarefa prosseguir tentamos.
Possa eu chegar a êsse céu tão puro,
E ser para outras almas infelizes
A taça de vigor n'agra agonia;
Nos peitos acender briosa flama;
De alimento servir a afetos puros;
Gerar sorrisos que não têm fereza;
Ser o doce assistir de um bem difuso
A dilatar-se sempre com mais fôrça.
Tal me unirei ao invisível côro,
Cujo canto canoro alegra o mundo.

George Eliot.

(Tradução de Miguel Lemos).

Geonísio Curvello de Mendonça.

Nascido em Laranjeiras, Sergipe, em Novembro de 1877.



1010445471



IFCH

146.4 C128